

KATHYA CIBELLE ABREU DE SOUSA

A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE ROUSSEAU NA CONSTRUÇÃO DA
ANTROPOLOGIA COMO DISCIPLINA ACADÊMICA NO SÉCULO XIX

MARÍLIA – SP
2008

KATHYA CIBELLE ABREU DE SOUSA

A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE ROUSSEAU NA CONSTRUÇÃO DA
ANTROPOLOGIA COMO DISCIPLINA ACADÊMICA NO SÉCULO XIX

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação à
Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília da Universidade
Estadual Paulista, como requisito para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Christina de Rezende Rubim.

MARÍLIA – SP
2008

Ficha Catalográfica

Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação – UNESP – Campus de Marília

Sousa, Kathya Cibelle Abreu de
S725c A contribuição do pensamento de Rousseau na construção da
antropologia como disciplina acadêmica no século XIX /
Kathya Cibelle Abreu de Sousa. -- Marília, 2009.
122 f.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de
Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília,
2009.

Orientadora: Dra. Christina de Rezende Rubim
Bibliografia: f. 97-100.

1. Antropologia. 2. Natureza - Cultura. 3. Identidade
diversidade. 4. Singularidade - universalidade. 5. Rousseau.
6. História do pensamento antropológico clássico. I. Autor.
II. Título.

CDD 572

KATHYA CIBELLE ABREU DE SOUSA

A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE ROUSSEAU NA CONSTRUÇÃO DA
ANTROPOLOGIA COMO DISCIPLINA ACADÊMICA NO SÉCULO XIX

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação à Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília da Universidade Estadual Paulista, como requisito para obtenção do título de mestre.

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____.

AVALIAÇÃO: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Professora doutora Christina de Rezende Rubim
Professora Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP
UNESP- Marília

Alúcio Almeida Schumacher
Professor doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP
UNESP – Marília

Ana Lucia Pastore Schritzmeyer
Professora Doutora em Antropologia Social pela USP
USP – SP

Aos meus pais Clomar e Mirlei por todo o amor que me dedicaram. Pela paciência, carinho, atenção, ajuda inestimável e incentivos constantes para que soubesse encontrar o melhor caminho a trilhar na busca incessante à realização de meus sonhos. Minha gratidão, reconhecimento e amor eternos.

Christina, você jamais será esquecida, pois entrou para a história de minha vida tornando-se credora, merecidamente, de minha amizade. Dedicou-me carinho, empregou incontáveis momentos de seu precioso tempo ampliando meus conhecimentos e teve incansável paciência com as minhas falhas. As críticas quanto as palavras amigas e encorajadoras deram-me o ânimo e a perseverança necessários para a conclusão deste trabalho. O meu profundo reconhecimento e o meu preito de eterna gratidão.

“Tua obra mais bela és tu mesmo. Com teus esforços constantes podes fazer de tua inteligência, de tua consciência, uma obra admirável de que gozarás indefinidamente. Cada uma de tuas vidas é um cadinho fecundo do qual deves sair apto para tarefas, para missões cada vez mais altas, apropriadas às tuas forças e cada uma das quais será tua recompensa e tua alegria”.

(Léon Denis)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender a contribuição de Jean Jacques Rousseau na construção do pensamento sobre as diferenças entre os homens e que no século seguinte se constituiu enquanto disciplina acadêmica de antropologia e de que forma ela ocorreu. Suas obras mais significativas foram utilizadas, contextualizando-se as idéias dentro do momento histórico em que se desenvolveram na Europa dos séculos XVIII e XIX. Os conceitos de cultura/natureza, identidade/diversidade e singularidade/universalidade foram enfatizados numa tentativa de se entender o pensamento social europeu diante da diversidade de culturas existentes no planeta e cujo início de mapeamento teve início com o colonialismo ocidental.

Palavras-chave: Natureza/Cultura. Identidade/diversidade. Singularidade/universalidade. Rousseau. História do pensamento antropológico clássico. Evolução e progresso.

ABSTRACT

The goal of this work is comprehend Jean Jacques Rousseau's contribution on the construction of thoughts about differences between men and which on next century constituted as academic discipline of anthropology and in which way it occurs. His most significant works were used, contextualizing the ideas within historical moment at which they developed in Europe XVIII and XIX centuries. The concepts of culture/nature, identity/diversity and singularity/universality were emphasized for trying to understanding the European social thought before diversity of cultures existing in the planet and which mapping had beginning with the occidental colonialism.

Keywords: Nature/Culture. Identity/Diversity. Singularity/universality. Rousseau. History of classical anthropological thought. Evolution and progress.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 HISTÓRIA DA ANTROPOLOGIA | |
| 2.1 Contexto do século XIX..... | 19 |
| 2.2 Conceitos de evolução e progresso..... | 25 |
| 2.3 A constituição da antropologia..... | 32 |
| 2.3.1 Evolucionismo e evolucionistas..... | 35 |
| 2.3.2 Funcionalismo e funcionalistas..... | 39 |
| 2.3.3 Difusionismo..... | 40 |
| 3 ROUSSEAU | |
| 3.1 Contexto do século XVIII..... | 45 |
| 3.2 A Vida | 56 |
| 3.3 A Obra e alguns de seus comentadores..... | 65 |
| 4 A OBRA EM ESPECIAL SOBRE ANTROPOLOGIA | |
| 4.1 O Discurso sobre as ciências e as artes..... | 73 |
| 4.2 O discurso sobre a Origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens (1754)... | 77 |
| 4.3 Ensaio sobre a origem das línguas..... | 88 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | |
| Existiu uma contribuição de fato do pensamento de Rousseau para a antropologia? A antropologia se apropriou do pensamento de Rousseau?..... | 94 |
| 6 REFERÊNCIAS..... | 97 |
| 7 ANEXOS..... | 101 |

1 INTRODUÇÃO

A vida, o pensamento e a obra de Jean Jacques Rousseau têm sido amplamente analisados, estudados e discutidos por estudiosos de todo o mundo acadêmico e livres pensadores.

Estabelecemos por Objetivo Geral compreender a contribuição de Jean-Jacques Rousseau na construção do pensamento sobre as diferenças entre os homens, pensamento esse, em especial, que se constituiu na segunda metade do século XIX na Europa e que denominamos de antropologia.

Enfatizamos os conceitos de cultura/natureza, identidade/diversidade e singularidade/universalidade na tentativa de entender o pensamento social europeu quando confrontado com a diversidade de culturas existentes em nosso planeta e que tiveram o início de seu mapeamento nesse momento da história ocidental com o colonialismo ocidental.

Traçamos como objetivos específicos a análise das seguintes obras de Rousseau: O Discurso sobre as Ciências e as Artes (1749), O Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens (1754) e O Discurso sobre a Origem das Línguas (publicado após sua morte – data da produção imprecisa). Além dessas, em especial As confissões (1764) e O Contrato Social (1757).

Fez parte também de nossos objetivos compreender as idéias dentro do contexto histórico em que se desenvolveram na Europa dos séculos XVIII e XIX, particularmente na França, Inglaterra e o espaço geográfico que hoje conhecemos como Alemanha. Sem ignorar, certamente, aqueles ilustres pensadores que com nosso autor dialogaram, tais como, Voltaire, Diderot, Buffon e Hume entre outros.

Segundo Michel Launay um dos melhores meios de se saber intimamente sobre um amigo estrangeiro é de “fréquenter ses compatriotes” (LAUNAY, 1969, p. 10), ou seja, ler e conhecer o que seus compatriotas pensam ou escrevem.

Conversar com os homens de todos os séculos é quase o mesmo que viajar; certamente, é bom saber algo dos costumes dos vários povos para julgar melhor os nossos, e não considerar ridículo e irracional tudo o que é contrário aos nossos hábitos [...] mas quando alguém emprega tempo demais a viajar torna-se no fim estrangeiro em seu próprio país e assim, quem é demasiado curioso das coisas do passado torna-se, em geral muito ignorante das presentes. (CARTESIO apud ROSSI, 2000, p. 66).

Se por um lado é verdade que muitos discursos antigos versam sobre assuntos que permanecem atuais, também é verdade que quando foram escritos encontraram circunstâncias sociais muito diversas das existentes hoje, portanto, como escreveu Bacon, os discursos não

são equivocados, mas sim “construídos em vista de objetivos que não podem mais ser aceitos” (BACON apud ROSSI, 2000, p. 66). Desta forma há que se interpretar os escritos de acordo com o período histórico em que foram construídos.

No caso de Rousseau foi de fundamental importância traçar um panorama da atmosfera intelectual, social, cultural e política da sua época, dos autores com quem ele dialogou e com quem compartilhou idéias e pensamentos como uma tentativa de entender minimamente porque sua mente funcionava da maneira que conhecemos. Tentar compreender por que pensava da maneira que conhecemos que pensava e o que a motivava.

É verdade que essa é uma árdua tarefa seja porque não se reúne num trabalho como este tudo o que se escreveu ou se pensou num período, seja porque na Europa do século XVIII não existia ainda a noção de direitos autorais e portanto eram comuns as citações ou cópias sem menção da autoria, seja porque o gênio desse autor inspira em seus comentadores igualmente ódio e amor. Sendo um autor polêmico na sua época, na atualidade não é diferente. Muitos de seus pensamentos contidos em suas principais obras são até hoje motivo de divergências quanto ao seu real significado.

Considerado por seus comentadores e mesmo por seus opositores contemporâneos de ser monarquista e republicano, iluminista e romântico, individualista e coletivista, transitou com desenvoltura, mas não sem polêmica, na fé e religiosidade e nas verdades filosóficas e científicas em sua época.

E como autor tão estudado que foi e é, pesquisado por tantos especialistas, foi por nós igualmente escolhido como sujeito de estudo, quando já muito antes o havia sido por Claude Lèvi-Strauss. E em razão do que afirmou este antropólogo francês ousamos pesquisar e tentar compreender como Lèvi-Strauss chegou a afirmar a respeito de Rousseau: “Rousseau não se limitou a prever a etnologia: ele a fundou”. (LÈVI-STRAUSS. 1989, p. 42).

É que Rousseau não foi somente um observador penetrante da vida campestre, um leitor apaixonado dos livros de viagem, um analista atento dos costumes e das crenças exóticas: sem receio de ser desmentido, pode-se afirmar que ele havia concebido, querido e anunciado a etnologia um século inteiro antes que ela fizesse sua aparição, colocando-a, de pronto, entre as ciências naturais e humanas já constituídas. (LÈVI-STRAUSS, 1989, p. 41).

Como veremos nos capítulos a seguir, depois dessa afirmação de Lèvi-Strauss, outros autores a mencionaram, todos reafirmando a idéia de que “Rousseau foi fonte importante de inspiração para cientistas sociais” e com ele “foram apresentados explicitamente os primeiros conceitos de cultura” (ERIKSEN; NIELSEN. 2007, p. 22); “Mas foi Rousseau quem traçou, em seu Discurso sobre a Origem e os fundamentos da Desigualdade, o programa que se

tornará o da etnologia clássica, no seu campo temático tanto quanto na sua abordagem” (LAPLANTINE, 2007, p. 56); Duchet citando seu mestre, Lèvi-Strauss, afirma que Rousseau fundou a etnologia, primeiro com seu Discurso sobre a Origem e Fundamentos da Desigualdade entre os homens

“que plantea el problema de las relaciones entre naturaleza y cultura e en el que podemos descubrir el primer tratado de etnología general; y enseguida en el plano teórico, al distinguir, con claridad y concisión admirables el objeto propio del etnólogo y el del moralista y el historiador: ‘cuando se quiere estudiar a los hombres, hay que mirar cerca de uno mismo; pero para estudiar al hombre, es preciso aprender a dirigir la mirada muy lejos; primero hay que observar las diferencias, para descubrir las propiedades’. ([197?], p. 278).

Desta forma, pareceu-nos pertinente seguir a trilha cujo primeiro passo parece ter sido dado por Lèvi-Strauss e percorrido por outros comentadores, embora não haja aqui a pretensão de alcançá-los seja na síntese, seja na eloquência; nem na consistência argumentativa de suas justificativas, adquiridas ao longo de muitos anos de experiência no ofício de antropólogo, tampouco na legitimidade acadêmica de que meritoriamente dispõem.

Desenvolvemos este trabalho fazendo um levantamento bibliográfico sobre a história de vida de Jean Jacques Rousseau e de suas principais obras; um levantamento histórico que permitisse uma visão panorâmica do momento social, econômico e cultural da Europa no século dezoito; e levantamento histórico da época em que a antropologia surgiu como disciplina acadêmica, na segunda metade do século dezanove. Para isso usamos livros de história, antropologia e as obras escritas por Rousseau.

O levantamento histórico tem um importante tom no desenrolar deste trabalho pois fundamentou-se na idéia defendida por Evans-Pritchard¹, entre outros, de um relacionamento próximo entre antropologia e história, o que ocorreu

“numa época em que a maioria de seus colegas eram funcionalistas² a – históricos”. Nos anos sessenta alguns jovens antropólogos se voltaram para a

¹ Sir Edward Evan Evans-Pritchard 21/09/1902– 11/09/1973, antropólogo Britânico, professor na Universidade de Oxford de 1946 a 1970. Seu primeiro trabalho de campo ocorreu com o povo Azande no alto do rio Nilo, que se tornou seu doutorado em 1926 e também na famosa obra bruxarias, oráculos e magia entre os Azande; também sua trilogia sobre os Nuer se tornou sucesso da antropologia social Britânica. Antes de se tornar antropólogo, se formou historiador. Esteve plenamente enfronhado sobre o trabalho desenvolvido por Lèvi-Strauss e Braudel.

Disponível em: < http://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Evan_Evans-Pritchard>, acesso em 03/07/2008.

² Funcionalismo é a teoria segundo a qual as instituições sociais e os valores culturais devem ser compreendidos e explicados em termos das funções que desempenham dentro do sistema cultural ou social como um todo. Assim a presença em cada sociedade, de determinados costumes, instituições e crenças deve ser esclarecida por uma investigação que estabeleça quais os propósitos individuais ou coletivos específicos que a determinam. Uma das figuras mais destacadas desta corrente foi Bronislaw Malinowski que entendia os fenômenos culturais como respostas variadas a um conjunto limitado de necessidades biológicas individuais. Outros antropólogos sociais preferiam entender a idéia de função como designando o funcionamento integrado de todas as partes do sistema

história ao mesmo tempo em que alguns dos historiadores da Escola dos Annales³ descobriram a antropologia simbólica. As duas ciências pareciam convergir” (BURKE, 1991, p. 120).

De acordo com Hunt (1995, p.97) os historiadores admitem abertamente a influência de antropólogos⁴, assim como a importância dos historiadores para a interpretação das culturas é fundamental⁵.

“Segundo Braudel⁶, “a contribuição especial do historiador às ciências sociais é a consciência de que todas as ‘estruturas’ estão sujeitas a mudanças, mesmo que lentas”. (BRAUDEL, 1969, p. 26 apud BURKE, 1991, p.55). Ele era “impaciente com fronteiras, separassem elas regiões ou ciências”. “Desejava ver as coisas em sua inteireza, integrar o econômico, o social, o político e o cultural na história ‘total’”. (BURKE, 1991, p. 55-56).

A construção do pensamento de Rousseau foi feita através do método interpretativista segundo o que Clifford Geertz (1978) denominou de *descrição densa*. De acordo com Geertz:

Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião de livros textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 1978, p. 15).

Ele entende que a interpretação implica no que as instituições, ações, imagens, elocuições, eventos, costumes significam para seus “proprietários”. Assim os instrumentos de

social, formando um todo complexo. Originalmente concebido como uma crítica à teoria do evolucionismo social, o funcionalismo foi por sua vez criticado por ignorar a importância do desenvolvimento histórico da sociedade e suas instituições, e por ver as sociedades como constituindo um sistema equilibrado e pouco propenso a mudanças.

³ Escola dos Annales (*Annales d'histoire économique et sociale*) fundada em 15.01.1929 na França, que tinha como objetivo primordial promover a comunicação entre a História e outras disciplinas. Foi criada e idealizada por Marc Bloch e Lucien Febvre como um projeto de intercâmbio entre a História e outras disciplinas.

⁴ Como Lèvi-Strauss e sua noção de estrutura.

⁵ Como Braudel e sua “longue durée”.

⁶ Ferdinand Braudel (24/08/1902 – 27/11/1985), historiador francês, foi uma das principais figuras da Escola dos Annales na sua segunda fase. Passou a maior parte da segunda guerra mundial preso num campo de prisioneiros, onde escreveu “Mediterrâneo” contando apenas com sua memória das pesquisas que havia feito antes da prisão. Essa obra se tornou sua tese de doutorado. Nela além de relatar um processo histórico, ele situa os personagens e o contexto social, político e econômico a que estavam submetidos, procurando entender suas ações e decisões, numa verdadeira análise psicológica. A importância de Braudel é fundamental nesse contexto: ele ficou amigo de Lèvi-Strauss durante sua estada na USP e essa comunicação entre os dois perdurou. Tanto que o que ele chamava de “geografia-histórica”, ou mais tarde “geo-história”, decidiu rebatizar de “estória estrutural” em homenagem à Lèvi-Strauss, conforme conta Alletta Biersack, in HUNT.

trabalho são “construções”, como as de Burkhardt, que retrata, Weber que cria modelos, ou Freud que faz diagnósticos.

O que essas construções têm em comum são os esforços envidados

para formular conceitos que expliquem como este ou aquele povo, este ou aquele período, esta ou aquela pessoa, fazem sentido para si mesmos, e, quando este processo torna-se claro, buscam explicações para a ordem social, para mudanças históricas, ou para o funcionamento psíquico de um modo geral. (GEERTZ, 1998, p. 36)

Desta forma, de acordo com Geertz o trabalho antropológico consiste na observação atenta de sinais e sua interpretação pelo antropólogo. Ele descreve uma situação em que dois garotos estão piscando. Um deles pisca em razão de um tique nervoso. O outro pisca como sinal conspiratório ou um código secreto a um amigo. O movimento de contração das pálpebras é idêntico; mas a diferença entre a intenção de uma e outra é grande, “como bem sabe aquele que teve a infelicidade de ver o primeiro tomado pela segunda”. A piscadela, diferentemente do tique nervoso foi deliberada, dirigida a alguém em especial, para transmitir uma mensagem particular, de acordo com um código estabelecido e sem o conhecimento dos demais. Geertz continua sua teoria acrescentando um terceiro garoto que pisca para imitar ou divertir os amigos. Igualmente ele contraiu as pálpebras, mas neste caso o fez de maneira artística, pretendendo fazer uma imitação do que seria uma piscada, eventualmente fazendo uma careta e usando os artifícios de um mímico. Nesse quadro surge um quarto garoto, que pisca em frente ao espelho para ensaiar sua capacidade de piscar e nesse caso, não se trata de tique nervoso, nem conspiração nem deboche, mas ensaio. As possibilidades são quase infinitas, sugere Geertz. O objeto da etnografia reside na diferença entre o que fazem uns e outros, ou seja, todos contraíram as pálpebras, mas com intenções diversas. (GEERTZ, 1998, p. 16).

Para ele o objeto da etnografia é “uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam...” (GEERTZ, 1998, p.17).

Assim o trabalho do etnógrafo é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicadas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... Escrever seu diário. Fazer . (GEERTZ, 1978, p.20).

Em se tratando de piscadelas ou incursão fracassada de resgate de carneiros⁷, Geertz afirma que “o que devemos indagar é qual é a sua importância; O que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através da sua agência, seja ela um ridículo ou um desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche ou um orgulho”. (GEERTZ, 1998, p. 20 e 21).

Semanticamente, e não materialmente densa, a densidade da ‘densa descrição’ consiste em sua capacidade de diferenciar um reflexo insignificante, uma leve contração muscular ou um relance de olhos, por exemplo, de um recurso comunicativo conscientemente empregado, a piscadela... ‘Lê’ o conteúdo simbólico da ação, interpretando-a como signo (HUNT, 1995, p. 100).

Buscamos contar esta história através do que os diferentes intelectuais e pensadores contemporâneos de Rousseau afirmaram ter vivido com o autor, sua vida e os acontecimentos, e igualmente o que pensam e falam sobre ele os cientistas sociais, antropólogos e intelectuais modernos, sem privilegiar esta ou aquela versão, confrontando-os, não só entre eles, mas eventualmente com os relatos e justificativas pessoais e intelectuais, feitos por Rousseau em suas Confissões (2005b) sobre a sua vida e obra. Construindo, portanto, uma trajetória não necessariamente harmoniosa e linear, mas que deverá refletir as suas diferentes versões e contradições, contextualizando-a com os diferentes momentos sociais, políticos e culturais por que passou o autor genebrino.

Este trabalho apresenta na primeira parte uma breve história da antropologia, apresentando para isso o contexto social, intelectual e acadêmico do século XIX, trazendo à tona conceitos como evolução e progresso, fundamentais para a compreensão da cultura e procurar entender como nasceu a antropologia como disciplina acadêmica nesse século.

Algumas teorias foram de fundamental importância no início da história da antropologia: evolucionismo, funcionalismo, difusionismo e no decorrer da redação desta dissertação elas aparecem destacadas, bem como os teóricos que dela fizeram parte ou a criaram. É natural que se compreenda que eventuais ausências ou omissões não significam

⁷ Geertz conta fato relatado por um informante e que ocorreu em 1912, quando ao chegarem a Marrocos, os franceses construíram cerca de vinte fortes nas montanhas na área de Marmusha. Não lhes era possível garantir a segurança especialmente à noite. Numa dessas noites alguns berberes de uma tribo vizinha tentaram invadir a casa de Cohen, que os afugentou dando tiros ao alto. Na noite seguinte eles voltaram, - um deles disfarçado de mulher - e conseguiram invadir sua casa, mataram dois amigos judeus e antes que roubassem suas mercadorias e o queimassem vivo dentro da casa, Cohen conseguiu fugir e ferido se encaminhou até o forte para receber cuidados médicos e pedir ajuda ao capitão. Ele desejava ir até a tribo vizinha reaver sua perda, recebendo segundo o regulamento tradicional, quatro ou cinco vezes o valor de sua perda. O capitão disse que não lhe poderia dar permissão oficial, já que a tribo era rebelde, mas liberou-o verbalmente para que o fizesse. Cohen foi aos berberes acompanhado de alguns marmusha armados e depois de demorada negociação convenceu-os a entregar uma parte dos carneiros. Ao voltar vitorioso, com o rebanho, os franceses acusaram-no de ser espião dos berberes, prenderam-no e tomaram seu rebanho. Depois de algum tempo foi solto e ao voltar para casa foi reclamar com um coronel da cidade que disse que não era problema dele.

necessariamente nosso descaso ou esquecimento, mas apenas um recorte necessário para tornar esta obra viável.

Igualmente é necessário esclarecer que no decorrer das nossas pesquisas os subitens “Contexto do século XIX” e “História da Antropologia” são indissociáveis. Em se tratando de história da antropologia há que se contextualizar temporal e geograficamente o assunto e por outro lado não se fala sobre contexto do século XIX sem mencionar sua história e seus atores. A separação em dois diferentes subitens, que pareceria mais razoável, ao final, pareceu-nos difícil.

Na segunda parte procuramos fazer um breve retrato do contexto do século XVIII, período em que viveu Rousseau estudando sua vida e principais obras pela leitura de seus principais escritos, bem como nos valem da ótica de seus principais comentadores. Pretendemos retratar uma rápida história desse século, com personagens mais marcantes no cenário intelectual, social e político do mundo nessa época, especialmente o europeu, situando o leitor temporal e geograficamente.

A reconstrução histórica desse momento nos pareceu pertinente para a compreensão de fatos que são plenamente aceitáveis naquele momento, mas não nos dias atuais ou em séculos outros. Não se trata de fazer um romance bibliográfico. Conhecer a vida de Rousseau é fundamental para entender seus pensamentos; e conhecer a história europeia especialmente na França, Inglaterra, Prússia, Itália, países por onde passou ou onde viveu por algum tempo, são essenciais para garantir ao leitor a localização geográfica de figuras ilustres que mantiveram estreito contato com Rousseau e que eram pensadores⁸, políticos⁹ ou mesmo imperadores ou dirigentes de nações¹⁰ e cujas ações por nós recontadas, tiveram influência direta em sua vida e na sua obra.

Rememorar a história é rememorar como pensou e viveu o homem, o que é de vital importância para o estudo antropológico. De acordo com Rubim, “a história é o que socializa o homem” (informação verbal)¹¹.

⁸ Só a título de exemplo, as suas *Lettres Écrites de la Montagne* foram resposta às *Lettres Écrites de La Campagne*.

⁹ Foi secretário do senhor Dupin, conselheiro do rei, a quem ajudava a preparar a refutação ao *Espírito das Leis*, de Montesquieu; trabalhou como secretário da embaixada da França em Veneza.

¹⁰ *Projeto de constituição para a Córsega*, escrito sob encomenda para Matteo Buttafuoco; *Considerações sobre o governo da Polónia*, a pedido do conde Wielhorski, que desejava conselhos para a reforma das instituições políticas de seu país; os inúmeros comentários de Rousseau em confissões sobre os déspotas e sua opinião sobre eles.

¹¹ Disciplina de Antropologia do conhecimento, aula de pós graduação em 03.07.2008, ministrada pela profa. Dra. Christina de Rezende Rubim.

Malinowski¹² entendia que historiadores fazem um filme e antropólogos fazem uma fotografia da cultura, do povo, da sociedade. Os antropólogos hoje repudiam isso, pois não há como entender a cultura sem entender o processo histórico.

Na terceira e última parte, buscamos entender, baseados nas informações e história, se houve ou não uma contribuição do pensamento de Rousseau para a antropologia e se houve pela antropologia uma apropriação do pensamento desse autor.

Uma grande parte da bibliografia está em idioma estrangeiro. Ao destacar alguns excertos da obra de Rousseau e de seus comentadores surgiu a dúvida entre apresentá-los apenas no original ou traduzi-los para o português. Optamos pela tradução, ressaltando não ser esse delicado trabalho nossa especialidade, embora prazeroso. Uma solução para aqueles que não possuem o domínio da língua, e queiram nos brindar com a sua leitura. Por outro lado, àquele que possui o domínio da língua, a possibilidade de apreciá-la no original bem como a nossa tradução e fazer suas próprias considerações, comparando uma e outra. Há que se frisar por fim, quanto a este tópico, que algumas das obras aqui citadas não têm tradução para o português ou não foram por nós encontradas.

Os anexos foram selecionados para ilustrar aquilo de que tratamos em toda esta obra. São cartas enviadas ou recebidas por Rousseau, escolhidas em meio a uma infinidade disponível, de grande valor histórico em razão das personalidades e assuntos tratados. É de amplo conhecimento a quem estuda Rousseau a grande quantidade de correspondência existente. Certamente seria impossível nesta obra reuni-las todas, mas principalmente não é este nosso objetivo. Também cartas de outras figuras ilustres, escolhidas para trazer ao nosso texto uma imagem do que se passou naquele momento em que foram enviadas e ao mesmo tempo justificar e comprovar as relações entre eles, por nós mencionadas. Nos anexos A e B, cartas que Catarina a grande escreveu a Diderot e a d'Alembert. No anexo C ela troca correspondências com Buffon. No anexo C chama a atenção a carta que Buffon envia à Rousseau e a mútua demonstração de amizade. As notas da edição original são particularmente esclarecedoras sobre os fatos anteriores que foram um dos assuntos tratados por Buffon, bem como traz à baila sentimentos de naturezas opostas. É apenas uma pequena mostra do trânsito dos filósofos iluministas entre a realeza européia, bem como o respeito e consideração que destes recebiam¹³. No quesito cartas, Catarina e Frederico II se destacam

¹² Bronislaw Kasper Malinowski (7/04/1884 - 16/05/1942), nascido na Polônia, naturalizado inglês, antropólogo considerado um dos fundadores da antropologia social. Foi fundador da escola funcionalista. Sua primeira pesquisa de campo aconteceu entre 1915-1918 com o estudo dos nativos das Ilhas Trobriand, na Nova Guiné, que resultou num de seus mais conhecidos trabalhos: *Argonautas do Pacífico Sul*.

¹³ Sobre o processo civilizatório ver Norbert Elias, O processo civilizador.

pela quantidade trocada com os filósofos. Por fim, considerando então o valor de suas cartas, como parte integrante de sua obra e grande chave elucidativa de seus pensamentos e teorias, o anexo E é uma tabela, elaborada por Michel Launay, separada por períodos e por assuntos.

Esses anexos, bem como uma boa parte das informações elencadas neste trabalho podem parecer lugar-comum aos olhos dos antropólogos, algo entre o insípido e o desnecessário. Mas não passam despercebidos para quem está apenas iniciando seus estudos no campo da antropologia, como eu. O conjunto de cartas disponível, sejam as que aqui foram relacionadas ou não, trouxeram luz aos meus estudos, deram subsídio às minhas pesquisas e indagações, tanto no que diz respeito às relações pessoais entre seus remetentes e destinatários, quanto em relação aos conteúdos, de naturezas variadas, inclusive e principalmente o que diz respeito aos vários assuntos por nós discutidos nesta dissertação. Ler as correspondências dos iluministas foi-me uma experiência particularmente gratificante e elucidativa. Reduzi-las a comentários, ainda que de seus pesquisadores, não faria justiça ao original. Decidi compartilhá-las. Assim espero que o leitor antropólogo as leia com a condescendência que teria ao estudar um nativo e ao iniciante no estudo da antropologia proporcione, ainda que minimamente, a impressão que a mim causaram.

2 HISTÓRIA DA ANTROPOLOGIA

2.1 O Contexto do século XIX

Este subcapítulo tem sua razão de ser inspirado em contextualizar o momento por que passava o mundo, mas em especial a Europa quando a antropologia surge como disciplina acadêmica. É importante lembrar que a antropologia não nasce e nem surge abruptamente num dado momento histórico. A construção do pensamento antropológico é fruto dos acontecimentos do seu tempo e de momentos anteriores. É produto dos pensamentos dos homens e mulheres que fizeram parte da história desse século. Assim, os filósofos, autores, compositores, escultores, revolucionários, juntos ou separadamente construíram e contaram as suas histórias, externaram seus pensamentos e suas ideologias e influenciaram o presente e o futuro.

Desta forma, parece-nos significativo conhecer alguns dos principais eventos desse século, bem como alguns dos principais nomes do cenário artístico e intelectual, pois de alguma forma eles se interligam e se concatenam entre si, formando um fio condutor, sem início e sem fim aparentes que dão suporte ao desenvolvimento do pensamento que passou a ser denominado pensamento antropológico.

Um dos grandes acontecimentos do século XIX é a revolução industrial que segundo historiadores pode-se considerar ter tido início na segunda metade do século XVIII, por volta da década de 1780. O século XVIII foi um período de prosperidade para uma boa parte da Europa e ficou marcado por um grande avanço comercial e industrial que alcançou o continente, de Portugal à Rússia, fomentada pelos monarcas iluministas, seus ministros e servidores, sendo um dos poucos, senão o único grande fato comparável por historiadores à revolução industrial e que poderia ser um dos marcos do seu aparecimento.

Hobsbawm explica que a economia “voava” e “todos os índices estatísticos deram uma guinada repentina, brusca, quase vertical”.

a certa altura da década de 1780, e pela primeira vez na história da humanidade foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes da multiplicação rápida, constante, e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços. Este fato é hoje tecnicamente conhecido pelos economistas como a ‘partida para o crescimento auto sustentável’. (2007, p. 50).

Esse autor salienta que a revolução industrial não foi um episódio com princípio e fim com datas perfeitamente definidas, mas sim um conjunto de eventos que foram surgindo e se

acumulando, provocando intensas transformações no cenário econômico, social, tecnológico especialmente nesse período e durante duas décadas.

A Revolução atinge a Grã-Bretanha antes de qualquer outro território e, portanto, por volta dessa data inicial mencionada. Nos demais países os efeitos revolucionários só se fizeram notar algum tempo depois.

Mesmo assim, em comparação a outros países, a Grã-Bretanha não se destacava pela superioridade tecnológica ou científica. Os franceses estavam à frente nas ciências naturais, pelo menos no que dizia respeito à matemática e à física e há quem ache que os seus inventos eram também os mais originais, além de terem melhores navios. Os alemães tinham instituições de treinamento técnico e com a Revolução Francesa criaram também a *École Polytechnique*. As invenções técnicas são consideradas modestas por alguns, como por exemplo, a máquina a vapor rotativa de James Watt (1784), cuja teoria adequada para máquinas a vapor foi desenvolvida pelo francês Carnot por volta de 1820.

Oxford e Cambridge eram as únicas universidades inglesas, de qualidade ruim e as escolas públicas eram igualmente ruins. As famílias da aristocracia enviavam seus filhos para estudar na Escócia ou contratavam tutores. Não havia escolas primárias e “temores sociais desencorajavam a educação aos pobres”. (HOBBSAWM, 2007, p. 50/55).

No entanto, o sucesso da Grã Bretanha, com a grande industrialização, construção de ferrovias e da indústria pesada, acabou por afetar positivamente outros países europeus, que se valeram de todos os benefícios que esse país poderia ter a oferecer, como sua técnica, seu capital e mesmo sua mão de obra especializada. A conjuntura econômica e social inglesa permitiu-lhe o pioneirismo na escalada da revolução industrial.

A revolução industrial é contemporânea da Revolução Francesa, mas um pouco anterior a ela.

Historicamente considera-se revolução francesa o conjunto de eventos entre 1789 e 1799, que alteraram profundamente a França. O final do século XVIII já trazia o prenúncio de uma época de guerras, movimentos em busca de autonomia, agitações políticas¹⁴ e a revolução francesa foi um exemplo disso, porém com efeitos muito mais amplos e mais profundos para a Europa e para o mundo. Ela aconteceu no Estado mais populoso da Europa, numa época em que um em cada cinco europeus era francês, num movimento social de massa, mais relevante e radical do que qualquer outro levante comparável. Para Hobsbawm a

¹⁴ Várias guerras e conflitos tiveram lugar: nos EUA, a guerra de independência (1776-1783), na Irlanda (1782-1784), na Bélgica e em Liège (1787-1790), na Holanda (1783-1787), em Genebra na Inglaterra (1779). (Hobsbawm, 2007, p. 84).

repercussão dessa guerra ocasionou outros levantes como, por exemplo, os que culminaram na libertação da América Latina depois de 1808 e influenciou o primeiro movimento de reforma indu e mesmo “o primeiro grande movimento de idéias da cristandade ocidental que teve qualquer efeito real sobre o mundo islâmico” (TOQUEVILLE, 1958, p. 170-108 apud HOBSBAWM, 2007, p. 85).

A França passava por uma forte crise social e econômica. A corte francesa sob o reinado de Luis XVI e Maria Antonieta foi constantemente acusada de gastos excessivos e extravagantes, embora significassem 6% dos gastos totais em 1788. As guerras, a marinha e a diplomacia eram responsáveis por um quarto dos gastos, sendo a metade disso para o pagamento de dívidas. O clero e a nobreza eram isentos de impostos, gozavam de privilégios e recebiam pensões do Estado. Eles oprimiam a terceira classe, composta pelos burgueses, camponeses, sem terras e “sans-culottes”¹⁵ – artesãos e proletários. Cerca de 80% da população era rural, como ocorria em toda a Europa, e parte da população acabou se deslocando para a cidade, numa época de frio intenso, empregando-se em fábricas, onde eram explorados e viviam em péssimas condições de habitação, nenhum saneamento e alimentados por água não tratada e pão preto. A desigualdade social era profunda e a riqueza mal distribuída. Como a quantidade de alimentos produzida não era suficiente, a fome abalou o país. Luis XVI tentou sem êxito promover a reforma tributária, impedido que foi pelos nobres que não se davam conta que seus privilégios dependiam da existência do absolutismo. E pediram a ajuda da burguesia, já há muito tempo exasperada com o clero e com os nobres.

Embora Hobsbawm afirme que a revolução francesa não foi liderada por um partido, ou grupo, ou movimento organizado, fato é que a burguesia estava irritada com o primeiro e com o segundo estado e impregnada das idéias dos filósofos iluministas e economistas e que eram amplamente difundidas. Os ideais de justiça e liberdade foram o diferencial entre o que poderia ser apenas um movimento de insatisfação contra o antigo regime e o embate efetivo para o estabelecimento do novo regime. Esses ideais burgueses foram perpetrados com o advento, em 1789, da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

A Bastilha, que era uma famosa prisão estatal e simbolizava o poder real, foi tomada, num evento de proporções sangrentas, que ficou conhecido como queda da Bastilha e é um marco do fim do despotismo.

No período pós revolução, muitas mudanças: “a sociedade da França pós revolucionária era burguesa em sua estrutura e em seus valores” (HOBSBAWM, id., p. 257).

¹⁵ Literalmente, sem calças. Recebiam esse nome em razão das calças pobres que vestiam, diferente das roupas de padronagem fina e rica usada pelos nobres.

A população de Paris passou a ter mais poder de compra. Se no século XVIII os reis tinham suas amantes, agora também os investidores. Os *chefs* de cozinha na Inglaterra ainda trabalhavam para os nobres e os franceses que outrora trabalhavam para a nobreza, agora tinham restaurantes públicos. A imprensa da Inglaterra ainda era um veículo de instrução e que trabalhava sob pressão política, mas na França, em 1836, Emile Girardin “fundou o jornal moderno – La Presse –, político e barato” com anúncios, de escrita acessível à população. Foi na França que surgiram a moda, as grandes lojas e vitrines na década de 1820; também foi incorporado o teatro dentro da boa sociedade, o que ainda não acontecia na Inglaterra. Consta que a época foi dominada pelo protestantismo “beato, rígido, farisaico, sem intelectualismo, obcecado com a moralidade puritana ao ponto de tornar a hipocrisia sua companheira automática” (HOBSBAWM, 2007, p. 263).

As artes floresceram nesse período. Na música despontam Beethoven (1770-1827)¹⁶, Schubert (1797-1828)¹⁷, Verdi (1813-1901)¹⁸, Wagner (1813-1883)¹⁹. Goethe (1749-1832)

¹⁶ Ludwig van Beethoven, nasceu em Bonn, Alemanha. Compositor erudito alemão no período de transição entre o classicismo do século XVIII e o romantismo do século XIX. Foi iniciado na música em tenra idade, aos cinco anos de idade, pelo pai, que era tenor e também lecionava. Aos dez anos já dominava o repertório de Johann Sebastian Bach, aos onze já compôs as suas primeiras obras e aos quatorze anos já era cravista da capela do príncipe. Mudou-se para Viena em 1787 para estudar com Joseph Haydn. Quando começou a estudar literatura teve contato com os ideais iluministas e com o movimento *Sturm and Drang*, que teve como principais líderes, Friedrich Schiller, seu amigo, e Johann Wolfgang von Goethe. Começa perder a audição aos vinte e seis anos de idade, o que não o impediu de continuar compondo, embora passando por diversas crises emocionais por essa razão. Sua nona sinfonia, considerada uma de suas obras-primas foi composta entre 1822 e 1824 e pela primeira vez se utiliza um coral num movimento e sinfonia, cuja letra é parte de um poema de Schiller. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Beethoven>>, acesso em 1º/10/2008).

¹⁷ Franz Peter Schubert nasceu em Himmelpfortgrund, perto de Viena. Compositor austríaco do fim da Era clássica e com um estilo marcante, inovador e poético do romanticismo. Escreveu cerca de seiscentas canções (o "Lied" alemão), bem como óperas, sinfonias, sonatas entre outros trabalhos. Não teve grande reconhecimento público da sua obra durante sua curta vida. Teve sempre dificuldade em assegurar um emprego permanente, vivendo muitas vezes à custa de amigos e do trabalho que o pai lhe dava. Morreu sem quaisquer recursos financeiros com 31 anos. Hoje o seu estilo considerado por muitos como imaginativo, lírico e melódico, o torna um dos maiores compositores do século XIX, marcando a passagem do estilo clássico para o romântico. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Schubert>>, acesso em 08.10.2008.

¹⁸ Giuseppe Fortunino Francesco Verdi, nasceu em Roncole no ducado de Parma, foi um compositor de óperas do período romântico italiano, sendo na época considerado o maior compositor nacionalista da Itália, assim como Richard Wagner era na Alemanha. É o compositor de óperas conhecidas como La Traviata, Aida e Otelo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Giuseppe_Verdi>, acesso em 08.10.2008.

¹⁹ Wilhelm Richard Wagner nascido em Leipzig, foi compositor, maestro, teórico musical, ensaísta e poeta alemão, considerado um dos expoentes do romantismo e dos mais influentes compositores de música erudita já surgidos. Com a sua criatividade, inúmeras inovações foram trazidas para a música, tanto em termos de composição quanto em termos de orquestração. Sua segunda esposa foi Cosima, filha de Franz Liszt, com quem teve três filhos. É autor de obras como Tristão e Isolda (1857-59), Os Mestres Cantores de Nurembergue (1862-67), Parsifal, O anel de Nibelungo (1853-54), uma tetralogia composta pelas óperas: Ouro de Reno, A Valquiria, Siegfried e Crepúsculo dos Deuses. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_wagner>, acesso em 08.10.2008.

²⁰ trava amizade com Schiller (1759-1805) ²¹ em 1794 e juntos foram líderes do movimento literário romântico alemão conhecido como “*Sturm und Drang*” ²².

Segundo Hobsbawm “nenhum meio século contém uma maior concentração de romancistas imortais: Stendhal (1783-1842) ²³ e Balzac (1799-1850) ²⁴ na França; Jane Austen (1775-1817) ²⁵ e Dickens (1812-1870) ²⁶ na Inglaterra; Gogol (1809-1852) ²⁷ e Dostoiévsky (1821-1881) ²⁸ na Rússia” (HOBSBAWM, 2007, p. 354). Nas artes plásticas, segundo esse autor, é menos brilhante, mas ainda assim há exceções como Francisco Goya e Lucientes (1746-1828) na Espanha. Na França se destacaram F. E. Delacroix (1790-1863), Honoré Daumier (1808-1879) e Gustav Courbet (1819-1877). As pinturas italianas e alemãs nesse século não tiveram o mesmo destaque e brilho de séculos anteriores. Fenimore Cooper (1787-1851), Edgar Allan Poe (1809-1849) e Herman Melville (1819-1891) foram os escritores de destaque na literatura americana.

²⁰ Johann Wolfgang von Goethe, nasceu em Frankfurt, Alemanha, filho de uma família de elevado poder econômico e posição social de relevo. Foi um importante escritor na literatura alemã e do romantismo europeu no final do século XVIII e início do século XIX. Seu pai era conselheiro na corte de Frederico II. Estudou Direito na Universidade de Leipzig. É Goethe quem interfere para que Hegel seja nomeado professor na Universidade de Berlin. Morreu aos 82 anos e suas últimas palavras foram: “Deixem entrar a luz”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Goethe>>, acesso em 08.10.2008.

²¹ Johann Christoph Friedrich von Schiller nasceu em Marbach, mais conhecido como Friedrich Schiller, foi um poeta, dramaturgo, filósofo e historiador alemão. Considerado incapaz para seguir o curso de Direito que lhe havia sido imposto, em 1775 Schiller ingressa na faculdade de Medicina. Durante esse período alimenta sua paixão pela literatura, lendo clássicos como Plutarco, Klopstock, Shakespeare, Lessing e Goethe. É durante esse período na Faculdade de Medicina que Schiller escreve *Os Bandoleiros*. Em dezembro de 1788, Schiller, que também sempre mantivera um grande e profundo interesse por História, é indicado, por Goethe, a ser professor de Filosofia e História na Universidade de Viena. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Schiller>>, acesso em 08.10.2008.

²² Expressão alemã que significa “tempestade e ímpeto”. Foi um movimento literário alemão do século XVIII, mais especificamente entre as décadas de 1760 e 1780, que teve entre seus representantes mais destacados Goethe e Schiller. Esse movimento era uma reação ao racionalismo característico do iluminismo, e ao classicismo francês que exercia forte influência na Alemanha daquela época. A “*Sturm und Drang*” e seus adeptos postulavam o emprego da emoção acima da fria razão; do avanço da poesia mítica, selvagem, quase primitiva. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sturm_und_Drang>, acesso em 18.11.2008.

²³ Henri-Marie Beyle, mais conhecido como Stendhal, escritor francês reputado pela fineza na análise dos sentimentos de seus personagens e por seu estilo deliberadamente seco. Em 1830 escreve sua obra prima *O Vermelho e o Negro*.

²⁴ Honoré de Balzac, romancista francês do século XIX, estudou direito, mas foi à literatura que se dedicou. Escreveu obras como a comédia *Humana* e *A Mulher de Trinta anos*.

²⁵ Escritora inglesa proeminente considerada por muitos como a figura na literatura inglesa mais importante depois de Shakespeare. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jane_austen>, acesso em 08.10.2008.

²⁶ Charles Dickens nasceu na Inglaterra e foi autor de obras como *Oliver Twist* e *Copperfield*. Sua escrita é caracterizada pelo estilo poético e romances com críticas sociais.

²⁷ Nikolai Vasilievich Gogol, escritor russo, de origem ucraniana. Foi amigo de Pushkin, cuja amizade lhe abre as portas para as letras. Escreveu *O inspetor Geral*, *O diário de um louco*, entre outras obras.

²⁸ Fiódor Mikhailovich Dostoiévski nasceu em Moscou, um dos maiores escritores da literatura russa, apontado como fundador do existencialismo. Autor de *crime e castigo*, os irmãos *Karamazov*, que foi considerado por Freud o melhor livro já escrito. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Dostoiévsky>>, acesso em 08.10.2008.

Nesse período os acontecimentos artísticos entre as nações passam a ter uma difusão extraordinária.

As universidades nasceram na Europa medieval por volta do século XII, inicialmente para o ensino de medicina, direito e teologia. Segundo Gulbenkian (1996, p.21), passaram por uma fase moribunda desde o século XVI, talvez em razão de sua estreita ligação com a Igreja. Passaram por uma revitalização por volta do final do século XVIII, início do século XIX, “tornando-se o lugar institucional preferencial para a criação de conhecimento”. As ciências naturais não esperaram essa revitalização, pois os cientistas naturais não precisavam de universidades para levar seu trabalho adiante, já que tinham o apoio e suporte político e social para o desenvolvimento de seus estudos.

As faculdades de Teologia perderam muito da sua importância, mas o ensino da filosofia tornou-se um marco onde foram “erigidas as modernas estruturas do conhecimento”, bem como nas faculdades de direito, embora em menor intensidade, para esse autor. (GULBENKIAN, 1996, p.20).

A história intelectual do século XIX é marcada, antes de tudo, por este processo de disciplinarização e profissionalização do conhecimento, o que significa dizer, pela criação de estruturas institucionais permanentes destinadas, simultaneamente, a produzir um novo conhecimento e a reproduzir os produtores desse conhecimento. A criação de disciplinas múltiplas teve por premissa a crença segundo a qual a investigação sistemática exigia uma concentração especializada nos múltiplos e distintos domínios da realidade, um estudo racionalmente retalhado em ramos de conhecimento perfeitamente distintos entre si. (GULBENKIAN, 1996, p. 23).

No século XIX despontam no cenário intelectual nomes importantes de estudiosos dedicados ao estudo de povos longínquos. Se no século XVI os viajantes alcançaram o desconhecido em terras distantes e os descreveram como selvagens, no século XVIII, esses povos “iluminaram” o discurso dos filósofos que passaram a incluí-los em seus estudos e teorias e por fim, chega o momento, no século XIX em que a antropologia constrói-se como disciplina acadêmica, primeiro na Inglaterra (1898) e o estudo do “outro”, ou seja, das povos não europeus, começa a ser sistematizado.

Com o intenso processo de colonização europeu, países do continente africano, Índia, Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia passaram a receber um volume cada vez maior de emigrantes europeus. Trabalhadores, administradores e pesquisadores interessados no modo de vida das sociedades “primitivas”. Desta forma, o “selvagem”, assim considerado no século XVIII, tornou-se o “primitivo” para os intelectuais do século XIX.

Tornam-se conhecidos John Stuart Mill (1806 – 1873), Charles Darwin (1809 – 1882), Lewis Henry Morgan (1818 – 1881), Herbert Spencer (1820 – 1903), Adolf Bastian (1826-1905), Edward Burnett Tylor (1832 – 1917), James George Frazer (1854 – 1941), Franz Boas (1858 – 1942), W.H. Rivers (1864 – 1922), Bronislaw Malinowski (1884 – 1942), todos exercendo papel fundamental para a criação da disciplina e com o desenvolvimento de seus próprios métodos de pesquisas e teorias por eles criadas para explicar a ciência das “sociedades primitivas”.

2.2 Conceitos de evolução e progresso

Estes conceitos começam a ganhar importância no pensamento do século XVIII e XIX e portanto serão fundamentais dentro da antropologia tornando-se parte dela, constituindo vigas sobre as quais correntes e idéias se desenvolveram para explicar as culturas.

A evolução e o progresso são temas recorrentes na obra de Rousseau. Em seu primeiro discurso, põe-se ele a discorrer sobre o desenvolvimento das artes, da ciência bem como o desenvolvimento da cultura que avança paralelamente com o poder político, e como este faz daquela refém. Ele desconcerta seus contemporâneos iluministas, otimistas, afirmando que o progresso trouxe mais prejuízos que vantagens e que o progresso foi alcançado por intermédio da degeneração e da decadência da humanidade. Ele responde negativamente ao questionamento da Academia de Dijon sobre o aperfeiçoamento das ciências e artes, traçando um fio que conduzia o desenvolvimento do homem primitivo à sociedade civilizada, por meio da degeneração.

Para ele as conseqüências do progresso são a corrupção dos costumes naturais do bom selvagem, surgimento de vícios, ou maldades, antes inexistentes e a perda da bondade ou piedade inata²⁹.

Essa preocupação rousseuniana com o progresso e a evolução já havia sido questão levantada por Bacon (1561-1626)³⁰ em sua obra *Cogitata et visa*: “A ilusão de abundância deve ser posta entre as causas da miséria porque as obras e as doutrinas, que à primeira vista parecem numerosas, a um exame mais profundo revelam-se pelo contrário muito poucas”. Sua visão sobre o que se fazia em termos de ciência e cultura então em uso não eram

²⁹ Rousseau afirmava em seu segundo discurso ser a piedade anterior à reflexão. No ensaio sobre a origem das línguas retoma o tema dizendo que a piedade depende da reflexão. Ver sub capítulos à frente, especialmente sobre as obras de Rousseau.

³⁰ Francis Bacon, filósofo, político, ensaísta inglês.

positivas, pois entendia que a “pretensa variedade dos livros de que as ciências tanto se orgulham” eram apenas “infinitas repetições da mesma coisa” (BACON, apud ROSSI, 2000, p. 53).

Para Rossi (2000, p. 114) várias são as expressões usadas como sinônimas do termo progresso, tais como “avanço, crescimento, aperfeiçoamento, melhoramento, desenvolvimento, ampliação, aumento, extensão, incremento”, que segundo ele não devem ter sido escolhidas pelos filósofos ao acaso.

Na antropologia evolução e progresso são temas sempre presentes, já que as teorias que surgiram no intuito de explicar as diferenças entre culturas, passavam invariavelmente por essas questões.

Para Rossi (2000) o conhecimento tem sido uma forma de controle do ambiente e manutenção do equilíbrio entre o homem e seu meio. Mas nem sempre o saber ocupou o espaço que hoje ocupa ou foi considerado forma de crescimento, e nem sempre se cogitou por toda parte que o conhecimento fosse infinito, com infindáveis possibilidades de auto correções e aprimoramentos sucessivos.

A ciência, como a concebemos hoje, não existia “nas chamadas culturas primitivas”³¹, na Antiguidade Clássica e na escolástica medieval. Surge na Europa, por volta do século XVI e passa por um processo de desenvolvimento até o final do século XVIII. A magia e o mistério começam a ceder lugar à ciência. Ainda segundo esse mesmo autor (ROSSI, 2000, p. 47-48), a magia era um fato de cultura, não um fato de folclore.

A imagem “moderna” da ciência a que se fez referência aqui desempenha um papel decisivo e determinante na formação da idéia de progresso. Ela implica de fato: 1. A convicção de que o saber científico é algo que aumenta e cresce, que atua mediante um processo para o qual contribuem, uma após outra, diferentes gerações; 2. A convicção de que esse processo, em qualquer uma de suas etapas ou de seus momentos, jamais é completo: ou seja, que não [sic] necessita de sucessivos acréscimos, revisões ou integrações; 3. Enfim, a convicção de que existe de certo modo uma tradição científica que tem características específicas (refiro-me aqui às instituições mais do que às teorias) e dentro da qual se colocam as contribuições individuais. Já disse que a imagem moderna da ciência tem um papel importante na formação da idéia de progresso. Acrescentarei agora que a idéia de progresso não é marginal, mas constitutiva da imagem moderna da ciência. Dos primeiros anos do século XVII até a segunda metade do século XIX, a idéia de um crescimento, de um avanço do saber acompanha todos os vários e diferentes programas científicos, constituindo, por assim dizer, seu fundo comum. (ROSSI, 2000, p.49)

³¹ Atualmente não é comum em antropologia o uso da expressão “culturas primitivas”. Lévi-Strauss se refere a sociedades “selvagens” ou “primitivas” (LEVI-STRAUSS, 1989, p.331).

Há que se prestar o devido valor aos filósofos da Antiguidade. Há que se reconhecer o engenho e a acuidade de certos pensadores ao longo de suas vidas dedicadas a tentar explicar o mundo. Os discursos e teorias construídos num dado momento tiveram seu valor e são perfeitamente válidos. Mas não necessariamente suficientes para as necessidades modernas. Seu conhecimento do mundo era limitado por estreitas faixas territoriais, valores sociais e morais vigentes no seu tempo e contextos muito diversos das condições em que trabalharam as gerações que se seguiram.

Para Rossi, “o lento acumular-se de experiência é a fonte e a garantia do progresso do gênero humano” (ROSSI, 2000, p. 73).

“Os primeiros conhecimentos que os antigos nos deram serviram de degraus para chegarmos até os nossos, e justamente por isso somos seus devedores da superioridade que temos sobre eles, porque, tendo subido até aquele degrau a que nos levaram, basta um pequeno esforço para subir mais alto...” (ROSSI, 2000, p.73).

“Não só todo homem progride dia após dia nas ciências, mas todos os homens juntos executam nelas um contínuo progresso à medida que o universo envelhece, porque na sucessão dos homens acontece a mesma coisa que nas diversas idades de um indivíduo. De modo que toda a série dos homens, no curso de tantos séculos, deve ser considerada como um homem que sempre existiu e aprendeu continuamente”. (PASCAL, *Opuscoli*, p.7-9, apud ROSSI, 2000, p. 73).

Essa ponderação de tom evolucionista unilinear dá uma pequena noção de como o acúmulo de conhecimento é abordada por alguns autores, especialmente os antropólogos.

Lévi-Strauss (1989, p. 341) pondera que a idéia de evolução, em que as sociedades se sucedem aprimorando o conhecimento das sociedades anteriores é um fato “difícilmente contestável e até diretamente atestada pelos fatos”. Menciona que espécies variadas do gênero *homo* habitaram a Europa fabricando utensílios grosseiramente talhados que foram sendo aprimorados em posteriores gerações. Assim, “essas formas sucessivas se ordenam no sentido de uma evolução e de um progresso”, de modo a considerar umas superiores e outras inferiores. Não obstante esses progressos experimentados pela humanidade desde suas origens, como então, indaga Lévi-Strauss, “explicar formas contemporâneas, que apresentam entre si afastamentos análogos?”.

Lévi-Strauss afirma que o que vale para as culturas, vale igualmente para as raças e por isso, da mesma forma que culturas em diferentes estágios de desenvolvimento e conhecimento coexistiram, ou culturas em épocas posteriores apresentavam mesmas

características daquelas já extintas, também hominídeos dos mais diversos tipos coexistiram no tempo: “‘pigmeus’ da África do Sul, ‘gigantes’ da China e da Indonésia”, ou mesmo o homem de Neanderthal, diversamente do que se aprendia nas escolas, contemporâneo das formas antigas do *Homo sapiens* (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.342).

Desta forma, o progresso da humanidade para Lévi-Strauss é um convite a reflexão sobre o fato de não ser ele “nem necessário, nem contínuo”. Segue por “saltos, e pulos, ou como diriam os biólogos, por mutações”. E faz uma comparação com o cavalo no jogo de xadrez cujos movimentos não são lineares, não seguem a mesma direção.

Para Rossi a idéia moderna de progresso “encontrou a sua expressão clássica nos textos de Condorcet e de Turgot e, depois nos de Saint-Simon e de Comte” (2000, p. 94). A partir do século XVIII começa-se dar espaço às idéias que envolvem crescimento e desenvolvimento humano e que colocam em pauta “a noção de perfectibilidade do homem e de sua natureza alterável e modificável; a idéia de uma história unitária ou ‘universal’ do gênero humano; os discursos sobre a passagem da ‘barbárie’ à ‘civilização’...” (ROSSI, 2000, p. 95). Segundo ele começam a ser publicadas as teorias dos darwinistas sociais, segundo os quais

“o progresso se configura como uma necessidade natural e a civilização é considerada uma parte da natureza. O evolucionismo assume tonalidades religiosas; a teoria da evolução é levada a coincidir com a do progresso; as aspirações dos homens se identificam com as da natureza” (ROSSI, 2000, p. 95).

A fé no progresso conduzia às convicções de que a felicidade e perfeição do homem seriam o fim depois de percorridas etapas da história e que essa perfeição é fruto da ciência e da técnica, que por sua vez são a principal fonte do programa político e moral. Havia a certeza ou crença de uma natureza domesticável, dominável. A ciência inspirava segurança. Porém, no período entre as duas Guerras Mundiais, essa fé no progresso entra em crise e as privações, a percepção da desigualdade e o confronto com forças antagônicas diversas, características de todo período bélico, vêm trazer a insegurança e temor diante do que se percebeu ser um mundo humanamente não controlável.

A menção do tema “evolução e progresso” neste trabalho se fez necessária na medida em que o mundo passou a ver e notar os acontecimentos ao seu redor e depois também aqueles distantes, bem como as diferenças culturais. Ao olhar o “outro” de forma sistemática, a Europa toma consciência de si e em algum momento se dispõe a falar e escrever sobre essa problemática. Assim foram surgindo teorias que buscavam, cada uma sob sua ótica, explicar as diferenças culturais. Ao se estudar as culturas e diversidade cultural, os pesquisadores se

depararam também com a diversidade de raças. Assim raça passa a ser também objeto de estudo, nesse extenso e rico percurso da evolução, progresso e diversidade cultural.

O conceito de raça tem sido recorrentemente discutido na história da antropologia e na sua constituição, principalmente na tradição francesa.

Como explica Lévi-Strauss, existem mais culturas humanas que raças humanas. Uma mesma raça pode ter várias culturas diferentes. E curiosamente é possível encontrar em raças diferentes, culturas não muito distintas. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 330).

Ele continua ponderando que no atual estágio de conhecimentos científicos não há nada que indique que exista grau de superioridade e inferioridade entre as diversas raças existentes.

E mesmo assim, autores surgiram com teorias que pretensamente atestavam a desigualdade de raças com teorias opressoras e racistas. Lévi-Strauss cita Gobineau (1816-1882)³², segundo quem a humanidade estaria condenada a uma mestiçagem cada vez maior o que a conduziria a degenerescências físicas e intelectuais em graus cada vez mais elevados.

Voltaire em 1734, acreditava que os homens negros, brancos ou amarelos não descendiam do mesmo homem, valendo assim, para a humanidade o mesmo princípio das plantas, ou seja, o abacateiro, a pereira, os carvalhos, não derivam da mesma planta. E se não é da mesma espécie, a inteligência é, comparada ao intelecto do branco europeu, muito inferior. Em 1753, Hume considerava os negros e todas as outras espécies de homens, inferiores aos brancos, acrescentando que nenhuma civilização seria encontrada senão entre a raça branca, não sendo possível verificar-se entre os negros nenhuma espécie de artes, engenhosidades ou ciências. Thomas Jefferson afirmou em 1776, que os negros tinham capacidade de memória parecida com a do branco, mas em termos de imaginação e de razão eram muito inferiores. Segundo ele, seu mérito em relação aos demais teóricos residia no fato de que colocava em dúvida a inferioridade do negro em relação ao branco na constituição do corpo e do espírito. (ROSSI, 2000, p. 118-119).

Franz Boas ao proferir um discurso em 1931 como presidente da Associação americana de antropologia criticou vigorosamente as teorias racistas que afetavam o país tanto dentro como fora do ambiente acadêmico.

³² Joseph Arthur de Gobineau. Diplomata, filósofo e escritor francês. Autor de “Ensaio sobre a desigualdade humana” (1855), um dos principais trabalhos sobre racismo e eugenia publicados no século XIX. É conhecido como autor de teorias racistas. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arthur_de_Gobineau>, acesso em 09.11.2008.

Ele buscou definir raça, que no linguajar ordinário denota “um grupo de pessoas que têm em comum algumas características corporais e talvez mentais”. Como a raça branca e a raça negra, que têm traços bem específicos e são bastante distintas fisicamente entre si. Mas pondera que seria um erro, em alguns casos, tentar caracterizar um indivíduo por suas características corporais individuais tendo em vista que muitas raças têm semelhanças entre si³³, havendo inúmeros indivíduos da mesma raça que não carregam a mesma descrição³⁴.

Ele era visceralmente contra testes de inteligência, que tinham a pretensão de provar a inferioridade dos negros em relação aos brancos. Entendia que era necessário observar nas populações de origens diferentes não apenas suas características raciais, mas levar em consideração o meio ambiente, social e cultural em que vivem

Como não há razão para se considerar uma raça “naturalmente mais inteligente”, mais bem dotada, “emocionalmente mais estável” que outra, a ponto de significar uma influência significativa em sua cultura, não há, portanto, nada que faça crer “que os descendentes de casamentos mistos devem ser inferiores a seus pais”. (BOAS, 2007, p.82). Fato é que as misturas raciais acontecem há um longo tempo: viajantes com nativas, senhores de escravos com escravas, negros, brancos, orientais, asiáticos. Biologicamente as misturas ocorrem de maneira saudável. O antagonismo racial se fixa em âmbito social. As antipatias raciais são um fenômeno social, assim como a consciência racial.

Se a antipatia racial fosse traço humano inato, as misturas raciais não ocorreriam, pois haveria uma “aversão sexual inter racial”. Ao contrário de Boas, Arthur Keith (1866-1955)³⁵ entendia que o preconceito nacional e racial são inatos e têm como “finalidade o aperfeiçoamento da humanidade por meio da diferenciação racial”. (KEITH apud BOAS, 2007, p.85). Boas o desafiava a provar ser a antipatia racial “implantada pela natureza”.³⁶

O fato é que as diferentes raças deram diversas contribuições à civilização, segundo Lévi-Strauss, e a originalidade dessas contribuições deve-se a circunstâncias de ordens geográficas, históricas e sociológicas e não por razões fisiológicas ou anatômicas dos brancos,

³³ Ele exemplifica que certas características físicas são aparentemente típicas de algumas raças às quais estamos habituados como escandinavos altos, loiros e de olhos azuis; ou italianos do sul baixos, morenos, olhos escuros. (BOAS, 2007, p. 69).

³⁴ O próprio Rousseau se deu conta em certo ponto, como mostra seu segundo discurso, que certas diferenças nacionais haviam diminuído dando como exemplo os franceses, que a seu ver já não tinham corpos grandes e louros descritos pelos historiadores. (ROUSSEAU, 1999, p. 134). Sobre esse assunto, ver à frente o discurso sobre desigualdade.

³⁵ Arthur Keith, antropólogo escocês, um dos cientistas britânicos mais importantes de seu tempo e foi presidente do Royal Anthropological Institute e da British Association for the Advancement of Science. (BOAS, 2007, p.19).

³⁶ Sobre a antipatia racial Rousseau já havia dado sua opinião no seu segundo discurso. Ele tratava de esclarecer sobre as antipatias e dizia que não havia antipatia natural no mundo animal.

negros ou amarelos (1989, p. 329). Cada raça tem suas características particulares, bem como cada cultura.

Assim sendo, diante da incalculável diversidade racial, deparamo-nos com o natural questionamento sobre em que consiste a diversidade de culturas.

Lévi-Strauss faz uma pequena síntese da situação: estamos diante de inúmeras sociedades contemporâneas, distantes ou próximas geograficamente, bem como sociedades anteriores, com as quais não se poderá jamais haver contato ou experiência direta, restando apenas a possibilidade de se conhecê-las por documentos ou monumentos ou quaisquer resquícios ou pistas que tenham deixado. Algumas sociedades tão antigas ao ponto de ser impossível, mesmo por meio indireto, serem investigadas. Assim, para esse autor há que se reservar um espaço em branco muito maior para os fatos que nos são desconhecidos do que aquele reservado aos fatos conhecidos, sendo por conseqüência, a diversidade de culturas humanas no presente e no passado, muito mais rica do que podemos calcular ou conhecer. (LEVI-STRAUSS, 1989, p. 330-331).

Duas culturas podem provir de um tronco comum e se diferirem ou ao contrário, podem ter características comuns e, no entanto ter percorrido caminhos diversos. Ainda, há sociedades que estão em desenvolvimento simultâneo e podem igualmente apresentar traços que aparentemente seguem sentidos opostos ou tendências convergentes. Exemplos do que afirmamos podem ser encontrados nas pesquisas, da religião³⁷, linguagem³⁸, artes³⁹ ou provavelmente quase todos os campos que implicam a atuação do homem.

Quando se fala em diversidade de culturas, é costumeiro se verificar a dificuldade em muitos casos da sua existência. Como diz Lévi-Strauss (1989) desde a antiguidade tudo o que não pertencia à civilização Grega era considerado bárbaro e a civilização ocidental deu à

³⁷ Por exemplo, Boas explica que muitas tribos primitivas possuem totens e que essa é uma forma de organização social que surgiu repetidas vezes de maneira independente. Mas não há razões para acreditar “que toda sociedade totêmica tenha se desenvolvido em todos os lugares da mesma maneira. Pesquisadores concluíram que os totens dos índios Navajo, Apaches e Pueblo tenham se originado pela associação de clãs independentes. Diferentemente ocorreu com os índios da costa norte do Pacífico, pesquisados por Boas, que se originara, por divisão. (2007, p. 30).

³⁸ Lévi-Strauss explica que algumas línguas da mesma origem acabaram se diferenciando umas das outras, como russo, francês e inglês e línguas de origens variadas, mas faladas em territórios contíguos têm características comuns. Por exemplo, o idioma russo se diferenciou de outras línguas eslavas, mas se aproximou de outras fino-únglicas e turcas, faladas em território geográfico vizinho. (1989, p. 332).

Tylor desenvolveu a teoria de que o primeiro estágio da religião foi o animismo que evoluiu para o politeísmo que posteriormente amadurece para chegar ao monoteísmo. Sua teoria foi contestada quando se descobriram tribos politeístas, ou que adoravam um ser supremo e que nunca haviam sido animistas. Disponível em: <<http://atrindade.planetaclix.pt/dossier/religiao/totemanimis.pdf>>, acesso em 12.11.2008.

³⁹ Boas exemplifica que em recentes investigações sobre artes primitivas, alguns desenhos geométricos surgiram com essa forma, desde a origem, outras vezes foram gradualmente sendo convencionalizadas e em outros casos surgiram a partir de motivos técnicos. (2007, p. 30).

palavra selvagem o mesmo sentido. Assim, parece terem as tribos, grupos lingüísticos, ficado “fora” da humanidade. Por outro lado, os homens brancos, ditos civilizados também eram seres fora da realidade dos povos descobertos⁴⁰. Com o avanço das navegações, o progresso, o desenvolvimento da humanidade e das civilizações, ocorrem então fenômenos sociais de “estranhamento” pelo homem, daquilo que é diferente, estranho à sua cultura ou até mesmo exótico. Esse estranhamento pode se apresentar de várias maneiras, surgindo diante de formas “culturais, morais, religiosas estéticas, afastadas daquelas com as quais nos identificamos” (Lévi-Strauss, 1989, 333), ou seja, afastadas daquilo que é convencional na própria cultura.

Com as primeiras viagens e descobertas de novos povos surge o fenômeno do etnocentrismo como a expressão ou padrão cultural que tem como referência a sua própria cultura, em função da qual são hierarquizadas as demais culturas. Surge o grupo do “eu”, colonizador, viajante, pesquisador e do “outro”, o índio ou nativo. Os primeiros, fazendo parte da cultura padrão, correta e os segundos, formados pelo exótico, selvagem ou anormal.

Lévi-Strauss considera que o etnocentrismo não é “ruim” e desde que não saia do controle pode ser considerado uma coisa boa pois a lealdade que cada indivíduo tem ao conjunto de valores os torna “inevitavelmente parciais ou totalmente insensíveis” aos quais, outras pessoas, igualmente paroquiais, são igualmente leais.

Afirma-se na modernidade o valor da igualdade, mas fato é que a “contra-ideologia da desigualdade” esteve operante no passado e continua no presente. Para Rossi (2000, p.120) embora tenha havido a percepção que o mágico e o hermético tenham dado lugar à ciência, fato é que resistiram à revolução científica sob várias formas e diferentes maneiras. Da mesma forma as ideologias da desigualdade não foram eliminadas no passado e têm tendência à reiteradas ressurreições.

2.3 A constituição da antropologia

Há autores, como Eriksen e Nielsen (2007) que encontram na Grécia os primeiros traços da antropologia, com Heródoto de Halicarnasso (c. 484 – 425 a.C.). Segundo esses autores, ele começou a viajar muito jovem e acumulou grande conhecimento sobre povos estrangeiros distantes. Escreveu relatos de viagem minuciosos, sobre os povos dos lugares

⁴⁰ Lévi-Strauss conta que logo após a descoberta das Américas, nas Antilhas aconteceram expedições que pesquisavam se os indígenas tinham ou não alma e por sua vez estes faziam suas próprias “pesquisas” para descobrir se o corpo do homem branco estava sujeito à putrefação. (1989, p. 334).

onde esteve e neles é possível reconhecer o problema que norteia o estudo da antropologia até os dias de hoje: como devemos nos relacionar com os outros?

De acordo com Eriksen e Nielsen (2007, p. 10) ele era um “pesquisador metuculoso”. Faz descrições sobre os idiomas, vestuários, economia, instituições políticas e judiciais. Muitas vezes é, como diríamos hoje, etnocêntrico⁴¹ e preconceituoso e por vezes reconhece que “diferentes pessoas têm valores diferentes porque vivem sob diferentes circunstâncias, não porque são moralmente deficientes”.

Sócrates (470 – 399 a. C.) “acreditava numa razão universal, capaz de determinar verdades universais” e essa crença é contestada pela visão relativista⁴² de que a verdade irá sempre variar de acordo com a experiência e com o que hoje chamaríamos de cultura” (ERIKSEN; NIELSEN, 2007, p. 11).

Aristóteles (384 – 322 a.C.) também se dedicou a estudar a natureza do homem e analisa em sua antropologia filosófica as diferenças entre os seres humanos e os animais, concluindo que ambos têm idênticas necessidades, mas só o homem possui razão; e conclui que o homem é sociável por natureza.

Também o geógrafo Estrabão (63 a.C. – 21 d.C.) escreveu sobre povos estrangeiros e lugares distantes “obras que cintilam de curiosidade e de alegria da descoberta” (ERIKSEN; NIELSEN, 2007, p. 12).

Já na Idade Média Marco Polo (1254 – 1323) faz o relato de sua expedição à China onde teria permanecido por dezessete anos e que também é mencionado por Eriksen como um precursor da antropologia dos nossos dias.

Eriksen e Nielsen trazem uma reflexão sobre o paradoxo filosófico do universalismo em oposição ao relativismo enfrentado pelos gregos no que diz respeito ao relacionamento com o ‘outro’. “Um universalista atual procuraria identificar aspectos e semelhanças comuns (ou mesmo universais) entre diferentes sociedades, ao passo que um relativista enfatizaria a singularidade e particularidade de cada sociedade ou cultura” (2007, p. 11).

⁴¹ Etnocentrismo é a tendência de considerar a cultura de seu próprio povo como a medida de todas as outras.

⁴² Relativismo é a idéia de que a verdade, o conhecimento ou o julgamento moral são relativos a situações e somente são válidos para a sociedade particular onde vigoram. O relativismo ético sustenta que não existem padrões éticos universais ou absolutos, uma vez que cada sociedade desenvolve seus próprios padrões similarmente. O relativismo cultural afirma que a cultura somente pode ser compreendida a partir do ponto de vista de seus próprios valores e costumes. A idéia de que crenças são relativas e não absolutas é uma importante ferramenta na antropologia (um exemplo clássico é o da feitiçaria, que se mostra um sistema lógico e coerente de crenças quando se levam em conta os pressupostos acerca do mundo em que vigoram na sociedade estudada). O relativismo consistente ou radical, no entanto, poderia negar a possibilidade de compreensão de qualquer outra sociedade, e poucos antropólogos ou filósofos iriam tão longe.

De acordo com esse autor, o universalismo e o relativismo foram os dois pontos entre os quais penderam ao longo da história os principais representantes da disciplina. As atenções ficaram voltadas por muito tempo para responder se “as pessoas em toda parte e em todos os tempos são basicamente semelhantes (universalismo) ou profundamente diferentes (relativismo)” (2007, p. 17).

Roberto da Matta (1981, p. 86), no entanto, entende não ser fértil essa tentativa de retorno ao “começo”, tentando recontar a história do início da antropologia e, por conseguinte localizar Heródoto como “pai da história” e por extensão o primeiro antropólogo. A seu ver, é improvável que houvesse em Heródoto e nos gregos, uma “atitude antropológica”, o que implicaria numa “relativização praticamente impossível para uma civilização que dividia o universo humano em ‘nós’ (os gregos, os homens) e os ‘outros’ que, como se sabe, eram os ‘bárbaros’”. Aliás, essa categoria de “bárbaros” era ampla e nenhuma distinção era feita entre bárbaros, mulheres e escravos.

“Falar da história da antropologia é especular sobre o modo pelo qual os homens perceberam suas diferenças ao longo de um dado período de tempo” (DA MATA, 1981, p. 87). Ele entende que não é essa uma tarefa fácil e é justamente “a diferença e o modo como ela tem sido enquadrada num sistema de valores” o fator que justificou as explorações, conquistas e por vezes a destruição de uma sociedade pela outra.

Para Eriksen, apesar das evidências da existência de discussões antropológicas, não se pode chamá-las de antropologia, que é um produto de dois gêneros: relatos de viagem e filosofia social. Assim, apenas diante dessa combinação se estará diante da antropologia.

E isto somente aconteceu a partir do encontro com as sociedades longínquas, com os “outros”. No ocidente as grandes navegações e o encontro com o outro despertaram nos intelectuais europeus a partir dos séculos XV e XVI o desejo de se aprimorar como forma de desenvolvimento e progresso da sociedade e também como forma de crescimento pessoal e profissional por meio da educação.

Da Matta explica que esse desenvolvimento ocorre tanto por razões ideológicas, libertárias, de ideais igualitários, quanto para garantir a superioridade exploratória e européia.

Para Eriksen e Nielsen (2007, p. 35) a Antropologia surge como disciplina acadêmica em 1896 quando Tylor foi nomeado primeiro professor de Antropologia na Universidade de Oxford. Para Adam Kuper (1978, p.7) a primeira cátedra de Antropologia Social na Grã Bretanha surge no século XX, na Universidade de Liverpool, a partir de 1908, com Frazer

(1854 – 1941) ⁴³. Na França surge tardiamente na Sorbonne em 1943 com Griaule (1898 – 1956) ⁴⁴ seguido por Leroi-Gourhan (1911-1986) ⁴⁵.

Mas antes que a antropologia surgisse como tal, um longo caminho foi percorrido e vamos procurar trazer à tona os nomes dos principais personagens que iniciaram esse trabalho de estudos sobre o “outro”, bem como tendências ou teorias por eles desenvolvidas para explicar as diferenças.

A antropologia no século XIX caracteriza-se principalmente pelo estudo de duas grandes áreas: parentesco e religião, consideradas por Laplantine (2007, p. 66) “as duas grandes vias de acesso privilegiadas ao conhecimento das sociedades não ocidentais”.

Produto ainda do século XVIII, talvez influência do pensamento iluminista, a maioria dos antropólogos do século XIX era agnóstica e não religiosa, “confiantes na racionalidade científica” (LAPLANTINE, 2007, p. 67). Antes de parecer contraditório que anti-religiosos focalizassem seus interesses na religião, era apenas uma maneira por eles encontrada de compreender os processos evolutivos por que passam as sociedades: do mais atrasado à civilização. É sobre essa teoria evolucionista que o pensamento antropológico desse século constrói suas bases.

2.3.1 Evolucionismo e evolucionistas

De acordo com a teoria do evolucionismo ou teoria evolucionista as sociedades ou culturas humanas podem ser estudadas e explicadas como resultado de um processo único e universal, segundo o qual as modificações acontecem de maneira progressiva e sistemática, das formas mais simples às mais complexas. Os pensadores evolucionistas classificavam as sociedades de acordo com uma escala de progresso que envolvia vários aspectos da cultura, tais como organização social, conhecimentos e técnicas, costumes e crenças. Nessa linha de raciocínio, no topo da escala estaria a sociedade industrial, ou em outras palavras, o colonizador europeu.

⁴³ Sir James George Frazer (1/1/1854, Glasgow, Escócia – 7/5/1941, Cambridge), antropólogo, cuja principal obra é *O Ramo de Ouro* (1890), uma das melhores sínteses de todas as pesquisas do século XIX sobre crenças e superstições

⁴⁴ Marcel Griaule, antropólogo francês, fundador da etnografia francesa

⁴⁵ André Leroi-Gourhan, paleontólogo, paleoantropólogo e antropólogo francês completou seu doutorado no Pacífico Norte sob a supervisão de Marcel Mauss.

A “antropologia, conhecimento do primitivo, fica indissociavelmente ligada ao conhecimento da nossa origem, isto é, das formas simples de organização social e de mentalidades que evoluíram para as formas mais complexas das nossas sociedades” (LAPLANTINE, 2007, p. 65).

Boas escreve que os evolucionistas, impulsionados pela publicação da Origem das espécies de Darwin, buscavam

Descobrir leis uniformes da evolução, partindo do pressuposto fundamental de uma igualdade geral da natureza humana. Em função disso, todos os diferentes povos deveriam progredir segundo os mesmos estágios sucessivos, únicos e obrigatórios – daí o uso que os evolucionistas fazem de ‘cultura humana’ e ‘sociedade humana’, sempre no singular”. Esse substrato comum de toda a humanidade explicaria a ocorrência de elementos semelhantes em diferentes épocas e lugares do mundo. (2007, p. 15).

Roberto da Matta (1981, p. 91) explica que o evolucionismo pode ser caracterizado por quatro idéias gerais:

As sociedades humanas deveriam ser comparadas entre si por meio de seus costumes e são percebidas como “entidades isoladas de seus respectivos contextos ou totalidades”.

A segunda idéia é a de que “os costumes têm uma origem, uma substância, uma individualidade e um fim”. Entre os teóricos evolucionistas esse “fim” nunca é objeto de discussão, pois concordam que “fim” é a própria sociedade em que eles, pesquisadores, branco europeu vivem, é a civilização. Essa idéia analisada nos tempos atuais pode ser encarada (ou criticada) como “sintoma de uma sociedade muito confiante nas suas possibilidades e na sua superioridade”; e como não praticavam pesquisa de campo⁴⁶, suas teorias eram fruto apenas do que eles imaginavam que pensavam os primitivos que não tinham a oportunidade de opinar, falar ou discordar sobre essas teorias.

O pensamento evolucionista é conformado por uma terceira idéia de que as sociedades se desenvolvem linearmente, irreversivelmente com eventos tomados como causa e outros como conseqüências. Supõe-se que o progresso é inevitável e em assim sendo, faz parte da natureza, sendo justo “ajudar certos grupos a romper as amarras do atraso e primitivismo”, promovendo-se a civilização e a cristianização.

Por fim, a quarta característica do pensamento evolucionista apontada por Roberto da Matta é a compreensão da sociedade desconhecida e estranha, ainda que contemporânea, como sendo uma etapa já transposta pela sociedade européia. Desta forma há a justificação

⁴⁶ Consta que Frazer trabalhou durante sessenta anos dentro de uma biblioteca de trinta mil volumes e quando lhe perguntaram por que não ia ele mesmo “observar as sociedades a partir das quais tinha construído sua obra, respondia: ‘Deus me livre!’” (LAPLANTINE, 2007, p.80).

dos fatos dessa sociedade como se fossem ocorrências de uma fase primitiva e pretérita, não se permitindo o observador “especular esse fato como um fato presente, um traço daquela sociedade desconhecida, explicável em termos das relações daquele sistema...” (1981, p. 99).

De acordo com Eriksen e Nielsen no século dezenove “os principais sociólogos franceses eram em sua maioria franceses ou alemães” e “os mais destacados antropólogos estavam na Inglaterra (o maior poder colonial, com grande facilidade de acesso aos ‘outros’) – a exemplo de Tylor e Frazer – ou nos Estados Unidos (onde os ‘outros’ estavam próximos) – a exemplo de Morgan” (2007, p. 28).

Morgan publica em 1851 o fruto das suas observações ao longo de uma década, junto aos Iroqueses, povo indígena do nordeste dos Estados Unidos, pelos quais foi adotado. Seu principal interesse estava nas relações de parentesco e elaborou uma importante teoria sobre essas relações de parentesco entre os nativos americanos e posteriormente fundamentou sua teoria sobre os sistemas de parentesco existentes ao redor do mundo. O resultado dessa longa e profunda pesquisa está em *Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family*, em 1870. De acordo com ele o estudo das relações de parentesco era de fundamental importância para a compreensão da evolução social. Em 1877 publica *Ancient Society*, onde faz uma síntese de toda sua obra e onde formula três fases do processo evolutivo: selvageria, barbárie e civilização, cada uma com três subdivisões.

Em 1859 Charles Darwin (1809 – 1882) publica a *Origem das Espécies*, fruto de uma circunavegação ao redor do mundo que durara quase seis anos. O pesquisador começava a se tornar famoso, os dados passaram a se tornar acessíveis, combinação propícia para o estabelecimento da antropologia como disciplina acadêmica.

Frazer publica entre 1890 e 1915 *The Golden Bough*, ou O Ramo de Ouro, no início com apenas dois volumes, mas cuja obra completa tem doze tomos e que o celebrou dentro e fora da área antropológica pela qualidade da pesquisa que “é uma extensa investigação comparativa da história do mito, da religião e de outras ‘crenças exóticas’, com exemplos tirados de todas as partes do mundo”, pois ele desenvolvia seu trabalho mantendo contato com observadores espalhados pelo planeta. (ERIKSEN; NIELSEN, 2007, p. 38).

Esse autor dividia o estágio de evolução cultural em três estágios sendo o inferior o “mágico”, seguido pelo “religioso” e por fim o “científico”. Entendia rituais mágicos como “primitivos” e irracionais. Mas seu interesse principal era a identificação de “padrões e traços universais no pensamento mítico” (ERIKSEN; NIELSEN, 2007, p. 38).

De acordo com esse autor, “o acesso a dados empíricos confiáveis melhorava rapidamente graças ao colonialismo” e no século XIX o único antropólogo a rivalizar com Morgan em influência foi Tylor. Sua obra teve grande prestígio. Em 1896 foi nomeado primeiro professor de antropologia na Universidade de Oxford; em 1912, tornou-se cavaleiro da coroa britânica e em 1865 publicou sua primeira grande obra, de natureza evolucionista *Researches into the Early History of Mankind and the Development of Civilization*. Em 1871 publicou sua mais importante obra, *Primitive Culture*⁴⁷, que traz logo na primeira página sua definição de cultura, uma de suas mais importantes contribuições para a antropologia moderna: “Cultura, ou civilização, tomada em seu sentido amplo, etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. (TYLOR, apud ERIKSEN; NIELSEN, 2007, p. 35).

Tylor desenvolveu uma teoria dos sobreviventes culturais segundo a qual, alguns traços culturais sobreviveriam, sem razão aparente, mesmo depois do desaparecimento de suas funções na sociedade em que existiram. Ele dizia que o estudo do sobrevivente cultural era uma maneira eficaz de percorrer a linha de evolução humana. Essa teoria desapareceu e ressurgiu por volta da década de 1970.

O traço comum da teoria evolucionista consiste no fato de que os autores colocam sua sociedade no topo de uma escala evolutiva, e as sociedades estudadas estão em menores graus de evolução.

No que diz respeito ao surgimento da antropologia e da pesquisa de campo julgamos necessário ainda fazer menção à expedição ao estreito de Torres, entre Austrália e Nova Guiné, organizada na Universidade de Cambridge em 1898 da qual participaram Alfred C. Haddon (1855 – 1940), zoólogo, Willian H. R. Rivers (1864 – 1922), psicólogo, e Charles G. Seligman (1873 – 1940), médico. “Muitos consideram esses antropólogos como os primeiros pesquisadores de campo verdadeiros. ‘A antropologia britânica nasceu com o trabalho de campo realizado por eles’ (Hynes, 1999)” (ERIKSEN; NIELSEN, 2007, p. 39).

De acordo com Eriksen e Nielsen, Haddon era colega de Frazer na universidade de Cambridge e foi o mentor da expedição. Julgava essa expedição “um projeto ideal”, onde seria possível explorar vários aspectos da vida nativa, como etnografia, psicologia, lingüística, antropologia física e musicologia. Esse teria sido o início de uma carreira com importantes

⁴⁷ Mesmo ano da publicação do *Ancient Society* de Morgan.

pesquisas desenvolvidas na Melanésia, Sri Lanka e Sudão, sendo sua contribuição fundamental, àquela época, para o deslocamento do foco do pesquisador das ilhas do Pacífico para a África.

Eriksen e Nielsen contam que Rivers foi influenciado no final da sua vida pela psicologia de Sigmund Freud e assim se dedicou especialmente para estudar as capacidades mentais dos nativos e o uso que faziam dos sentidos. Com a sua obra, em 1914, *The History of melanesian Society*, Rivers começou, nos últimos trabalhos a se afastar do evolucionismo e seguir em direção ao difusionismo.

2.3.2 Funcionalismo e funcionalistas

O funcionalismo está associado às obras de Malinowski e Radcliff-Brown (1881 – 1955) e segundo Da Matta (1981, p. 101) “pode ser entendido como uma reação positiva às teorias evolucionistas, sobretudo ao conceito abrangente de sobrevivência”.

Enquanto no evolucionismo existe “uma perspectiva totalizadora” da sociedade, a vertente funcionalista segue tendência oposta.

No funcionalismo, ao contrário do que ocorre no evolucionismo, a Europa não está no foco do pesquisador, mas sim a sociedade pesquisada pelo investigador. Se no evolucionismo a sociedade do observador está no topo do progresso, no funcionalismo esse pensamento não mais é aceito como apropriado. Assim a sociedade do observador não mais é considerada o modelo, o ponto final para onde caminham e convergem as demais, mas é sim, apenas mais um dado a ser analisado que vem a refletir a diversidade das culturas e relações humanas.

A teoria evolucionista enfatiza a perspectiva histórica dentro de um eixo temporal que compreende uma evolução do primitivo ao mais avançado e assim o que se observa numa sociedade e que seja primitivo em relação à sociedade do observador, é um resquício ou vestígio que sobreviveu ao tempo.

A perspectiva funcionalista surgiu entendendo que as características ou fatos não têm restos, pois desempenham uma função no seu meio; eles têm um sentido, mesmo que não seja facilmente identificável; o sentido de um costume, hábito social ou instituição tem que ser compreendido nos termos do sistema do qual provém (DA MATTA, 1981, p. 104).

“Com Malinowski a antropologia se torna uma “ciência” da alteridade ⁴⁸ que vira as costas ao empreendimento evolucionista de reconstituição das origens da civilização, e se dedica ao estudo das lógicas particulares características de cada cultura”. (LAPLANTINE, 2007, p. 81). Assim, quem lê *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* compreende que os Trobriandeses têm costumes tão profundamente diferentes dos nossos, não por serem pueris ou primitivos, testemunhas de resquícios de humanidade, mas sim, uma sociedade com um sistema perfeitamente lógico e elaborado, que tem um sentido em si mesmo.

Desta forma, Malinowski elabora essa teoria funcionalista que tem como modelo a natureza: o indivíduo tem certas necessidades e para que elas sejam atendidas a cultura desenvolve maneiras de atender a essas necessidades fundamentais por meio de instituições políticas, sociais, jurídicas, econômicas, educativas.

Há hoje o consenso entre os etnólogos de que as sociedades são todas igualmente humanas, embora com hábitos e comportamentos diferentes dos nossos, não mais sendo consideradas primitivas ou com tradições estúpidas. Embora possa parecer razoável essa justificativa, na época em que surgiu, na década de 20, essa teoria era revolucionária, segundo Laplantine.

Para Adam Kuper (1978, p. 7) 1922 foi o *annus mirabilis* ⁴⁹ do funcionalismo, pois foi quando Radcliffe-Brown e Malinowski publicaram seus primeiros estudos de campo importantes, respectivamente, *Os Ilhéus Andamaneses* e *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, e ano também da morte de Rivers, a maior figura da geração pré-funcionalista e de quem Radcliffe-Brown fora primeiro discípulo em antropologia.

2.3.3 Difusionismo

Essa corrente não é mencionada por todos os autores e foi um momento pré-antropológico muito curto, segundo alguns deles. De acordo com Laplantine no início do século XIX “essa teoria tende a ocupar o lugar do evolucionismo e postula a existência de centros de difusão da cultura, a qual se transmite por empréstimos” (2007, p. 80).

⁴⁸ Alteridade: do latim *alteritas*. Estado ou qualidade daquilo que é outro, distinto. Antônimo de identidade. Na filosofia diz respeito à questão ontológica de individuação e da pessoa; relação de oposição entre o sujeito pensante (o eu) e o objeto pensado (o não eu); na psicologia diz respeito às relações com outrem.

⁴⁹ Expressão latina que significa ano maravilhoso ou ano miraculoso.

De acordo com Eriksen e Nielsen (2007, p. 40) “nas primeiras décadas do século XX o difusionismo foi uma alternativa atraente para o evolucionismo, porque ele respeitava mais os fatos da realidade e porque suas pretensões teóricas eram mais modestas”.

Para Paul Mercier ([200-?], p. 70) o período de maior atividade difusionista situa-se depois de 1920.

Os adeptos do difusionismo entendiam que as culturas tinham várias origens e histórias e as combinações desses vários e diferentes traços compunham um mosaico cultural. Para os difusionistas, os traços culturais do passado eram “sobreviventes”, a exemplo da teoria evolucionista, mas não mais um processo unilinear, em um percurso histórico de estágios bem definidos. Já não era mais mistério aos filólogos alemães que alguns idiomas europeus e do norte da Índia tinham a mesma origem; arqueólogos descobriram que objetos de cerâmicas e outros artefatos estavam presentes em diversos centros culturais; a religião dominante na Europa tinha origem comum às religiões do oriente médio (ERIKSEN; NIELSEN, 2007, 40). Desta maneira ficou claro aos difusionistas a possibilidade de intersecção de culturas, o que já se vislumbrava, desde o incremento das navegações do século XIX.

Para essa corrente teórica o ser humano se vale mais do empréstimo, que da descoberta, pois a capacidade de invenção seria finita; os difusionistas trabalham com as concepções de espaço e de tempo; além disso, ela é “sensível à multiplicidade de combinações a que se pode prestar uma série de elementos culturais e a maneira particular como cada sociedade os utiliza” (informação oral)⁵⁰.

Ele tem grande influência do historicismo alemão, mas três são consideradas as escolas difusionistas: Escola Americana, onde se situam os discípulos de Boas, como Alfred Kroeber (1876-1960) e Wissler (1870-1947); Escola Alemã, também conhecida como austro-alemã, ou escola de Viena ou também Histórico-Geográfica, tem Friedrich Ratzel (1884-1904)⁵¹ e G. Montandon (1879-1944)⁵² como principais representantes; Escola Britânica também conhecida por hiperdifusionista ou Heliocêntrica, teve como principais

⁵⁰ Disciplina de antropologia do conhecimento, ministrada pela professora doutora Christina de Rezende Rubim, aula de graduação no curso de ciências sociais em 13.04.2007.

⁵¹ Ratzel Foi um geógrafo e etnólogo alemão, notável por ter criado o termo *Lebensraum* (*espaço vital*). Trabalhou com conceito de círculos culturais que está próximo da historicidade.

⁵² Graduado em medicina, um dos maiores representantes da antropologia francesa nos anos de 1900; foi curador da revista *L'Ethnie Française*, estudioso da antropologia física e etnográfica, o que lhe valeu uma cadeira na prestigiosa *Ecole d'Anthropologie*.

nomes Grafton Elliott Smith (18710-1937)⁵³, Willian James Perry (1887-1949)⁵⁴ e Rivers no final de sua carreira. Os adeptos dessa corrente entendem que tudo que existe vem de um único lugar, o Egito, e se difundiu pelas diferentes terras e continentes por meio da imigração.

De acordo com Eriksen e Nielsen (2007, p. 41) os difusionistas não deixaram o pensamento evolucionista abruptamente, pois também entendiam, a exemplo dos evolucionistas, “que a mudança social levava ao progresso e a um aumento da ‘sofisticação’”. Porém a divergência residia no pensamento de que haveria uma evolução, ou um processo evolutivo unilinear e determinista, segundo o qual todas as sociedades deveriam “passar por certos estágios que seriam mais ou menos semelhantes em todo o mundo”. Os difusionistas descartavam essa possibilidade.

O difusionismo teve grande importância para antropólogos do Leste europeu e Franz Boas⁵⁵ organizou uma expedição russo-americana, com pesquisadores de orientação difusionista, ao Estreito de Behring para desenvolver um trabalho prolongado com os povos indígenas da região. Embora tenha acontecido entre 1897 a 1902, não foi bem sucedida quanto Boas imaginava por falta de recursos financeiros como por dificuldades dos pesquisadores. (CASTRO, 2007, p.12).

Boas tinha sérias críticas ao evolucionismo e ao difusionismo.

Criticava o “método dedutivo” dos evolucionistas. Para ele fenômenos aparentemente semelhantes não tinham necessariamente a mesma causa, pois havia que se considerar a possibilidade de que eles houvessem se desenvolvido independentemente. E ao se considerar que um fenômeno etnológico seja encontrado em vários espaços geográficos, chegar-se-ia à conclusão que a mente humana obedece às mesmas leis em todos os lugares, o que para Boas

⁵³ G. Elliot Smith, médico australiano desenvolveu interesse em Anatomia, especialmente do cérebro humano, graduado em Sydney. Em 1896 em Cambridge catalogou a coleção de cérebros humanos do Museu Britânico; primeiro a ter a cadeira de anatomia na escola de medicina do Cairo; foi o primeiro pesquisador a estudar o cérebro de múmias e fazer raios-X delas. Entre 1909-1919 foi professor de anatomia em Manchester; entre 1919-1937 foi titular da cadeira de anatomia na University College, de Londres.

⁵⁴ W. J. Perry, geógrafo e antropólogo britânico notabilizou-se por sua teoria difusionista do desenvolvimento cultural. Também lecionou na University College e se especializou no estudo de antropologia cultural. Era um heliocentrista convicto e colaborador de Elliot Smith.

⁵⁵ Franz Uri Boas era filho de uma família de judeus em Vestfália (Alemanha), estudou na Universidade de Heidelberg em 1877 onde cursou física. Estudou também em Bonn e em Kiel. Descontente com a carreira de Físico voltou seus interesses para a Geografia. Em Berlim conheceu Adolf Bastian (1826-1905), considerado o patriarca da antropologia alemã e diretor do Museu do Folclore, ao qual esteve ligado. Em 1883 organizou uma expedição para a Ilha de Baffin no Canadá para estudar os Inuit (esquimós). Como resultado dessa pesquisa, em 1885 publicou o livro *Baffiland* e em 1888 *The Central Eskimo*. Em 1891 torna-se cidadão americano; em 1896 começa a trabalhar na curadoria de coleções etnológicas do Museu de História Natural em Nova York. Nesse mesmo ano até 1902 participou de expedição para o Alasca e Sibéria; ainda em 1896 ingressa na Columbia University. Em 1899 participa da criação da revista *American Anthropologist*. Morreu em 1942, durante uma reunião de antropólogos no clube da Columbia University, ao lado de Levi-Strauss. Foram seus orientandos: Alfred Kroeber (1876-1960), Edward Sapir (1884-1939), Robert Lowie (1883-1957), Ruth Benedict (1887-1948), Margaret Mead (1901-1978) e Melville Herskovitz (1895-1963).

é inaceitável. Para ele “até o exame mais superficial mostra que os mesmos fenômenos podem se desenvolver por uma multiplicidade de caminhos” (BOAS, 2007, p. 30) e se as mentes humanas obedeceram a leis universais, como explicar a existência de tantas culturas diferentes? Ele entende ser preciso que as causas a partir das quais os fenômenos foram observados sejam investigadas, levando-se em consideração as culturas e seus desenvolvimentos históricos.

O método histórico defendido por Boas (2007, p. 16) exigia a limitação da “comparação a um território restrito e bem definido”.

Enquanto os evolucionistas explicavam a ocorrência de elementos culturais semelhantes em regiões geográficas afastadas com o pressuposto da existência de um único e mesmo caminho evolutivo, os difusionistas acreditavam que a ocorrência desses mesmos elementos culturais em espaços geográficos diversos se deveu a acontecimentos que proporcionaram sua difusão, como guerra, escravidão, viagens ou comércio. Boas reconhecia a ocorrência e a importância do fenômeno da difusão, mas compreendia que essa teoria só poderia ser utilizada em territórios onde a proximidade geográfica das áreas estudadas permitisse demonstrar com razoável segurança histórica as transmissões culturais. Desta forma sua crítica recai também sobre o determinismo geográfico, racial, psicológico e econômico. (2007).

De acordo com Adam Kuper (1978, p. 12), foi no início do século XX que “o objeto de estudo da antropologia foi definido com razoável clareza, embora lhe fossem dados nomes diversos: antropologia Social, antropologia cultural ou Etnologia, etnografia e sociologia. Sua essência era o estudo do homem ‘primitivo’, ou ‘selvagem’”... “O Estudo da cultura – no sentido que lhe foi dado por Tylor, abrangendo a organização social – já se distinguia claramente do estudo biológico do homem”.

Eriksen e Nielsen explicam que na Inglaterra a antropologia foi denominada como antropologia social, nos Estados Unidos antropologia cultural.

No século XX, na Inglaterra, formaram-se duas linhagens, cujos grupos estavam sediados na London School of Economics que, sob o “olhar beneplácito de Seligman”, foi dirigida de 1924 a 1938 por Malinowski, o mestre da geração seguinte de antropólogos: Raymond Firth, Evans-Pritchard, Hortense Powdermaker, Audrey Richards, Isaac Shapera, Fortes; e em Oxford, a partir de meados da década de 1930 com Evans-Pritchard e Radcliffe-Brown, quando este retornou de Chicago em 1937 e aquele, do Sudão e Cairo. Cambridge havia sido um “pólo do saber antropológico” presidido por Haddon e Frazer até a Segunda

Guerra, mas somente depois de 1950 voltou à atividade com as nomeações de Fortes e Leach. (ERIKSEN; NIELSEN, 2007, p.72)

Nos Estados Unidos o centro da antropologia estava na cidade de Nova York, na Universidade de Colúmbia sob o comando intelectual de Boas. Seu primeiro grupo de alunos do doutorado entre 1901 a 1911 era formado pelo alemão Kroeber e o austríaco Lowie que saíram de Columbia para formar o Departamento de Antropologia em Berkeley; o ucraniano Alexander Gondenweiser foi para a New School of Social Research em Nova York; Edward Sapir, alemão, fundou a etnolingüística e se tornou professor em Chicago; o polonês Paul Radin que escreveu inúmeros trabalhos etnográficos, admirados inclusive por Lévi-Strauss, em que dava espaço para que os informantes expressassem suas opiniões, o que se considera uma antecipação de meio século do movimento “pós moderno” da antropologia (ERIKSEN; NIELSEN, 2007, p.73). A segunda geração era composta por estadunidenses de nascimento e formação, diversamente da geração acima, composta de imigrantes europeus, como Ruth Benedict, Melville Herskovits e Margaret Mead.

Em termos demográficos, Eriksen frisa que a expansão da Antropologia Social Britânica foi lenta. Diferentemente aconteceu com a antropologia americana. A Associação Antropológica Americana foi criada em 1906 já com 175 membros. Na Inglaterra a Associação de antropólogos sociais foi criada em 1936 contando com apenas 21 membros (KUPER, 1996, p. 67; STOCKING, 1996, p. 427, apud ERIKSEN; NIELSEN, 2007, p.68).

3. ROUSSEAU

3.1 Contexto do Século XVIII

Para se estudar o século XVIII na Europa é preciso entender que as condições variavam grandemente em diferentes partes do mesmo Estado: comida, bebida, vestimenta, dialetos, métodos de cultivo da terra, de taxas, de agricultura podiam diferir muito em distritos ou províncias vizinhos, que eram, não obstante, politicamente uma unidade. Isto porque as cidades eram escassas e viviam isoladas umas das outras por deficiência de comunicação.

Durante quase todo o século XVIII a sociedade ainda era predominantemente rural, cuja prática agrária pouco havia mudado desde a Idade Média e os trabalhadores rurais eram o maior grupo. Produzia-se quase só o suficiente para a subsistência e até a metade do século a taxa de mortalidade ainda era elevada em razão das guerras, de pestes, falta de higiene e de saúde pública.

No que diz respeito aos documentos e obras, nosso conhecimento sobre muitos aspectos do século XVIII, como qualquer outra época, é originado largamente de correspondências e documentos privados, já que os livros ainda existiam de maneira escassa. Cartas pessoais são importantes, complementam o material governamental e administrativo disponíveis. Coleções de diferentes papéis e documentos privados e dos tipos mais íntimos podem trazer luz sobre a vida social, artística, intelectual e economia da época e neles há uma predominância de arquivos sobre política, sociedade e mundo de idéias sobre aqueles que falam sobre a vida econômica.

A linha que dividia o público do privado era tênue. Era freqüente um ministro deixar o cargo e levar consigo uma grande quantidade de documentos que ele entendia serem correspondências pessoais, as quais, para os tempos atuais são consideradas importantes documentos de Estado (ANDERSON, 1961, p. 10 e seg.).

Também é encontrada em bibliotecas privadas grande quantidade de obras relativas a relatos de viagens. Faz-se ligação estreita entre os relatos de viagens e a difusão das Luzes (DUCHET, [197?], p. 60). Essa parece ter sido leitura freqüente da maioria dos filósofos. Michele Duchet faz um levantamento quase completo da biblioteca de Voltaire – a mais completa e mais bem dotada com que se deparou – bem como a de Turgot, de De Brogues, do barão d'Holbach e de Cornelius de Pauw. Cita que nos casos de Diderot, Raynal, Helvecio,

Buffon e Rousseau, à falta das identificações ou, como ela chama, “catálogos”, supriu as informações com as indicações feitas por esses autores em suas obras.

Esses relatos de viagem são de autoria de excelentes e também de suspeitos autores, como diz Duchet. Mas naquele momento não se poderia esperar que se soubesse o que se sabe hoje e essa classificação de bons ou maus, faz sentido neste momento em que mais se conhece sobre as viagens, expedições e sobre os viajantes. Fato é que os relatos feitos foram freqüente e abundante fonte para os filósofos. E certamente influenciaram toda uma geração, que ficou conhecida como século das luzes. “Los que frecuentan a los viajeros son también los más permeables a las ideas filosóficas, en particular a las de Rousseau”⁵⁶. (DUCHET, [197-?], p. 60).

Os viajantes faziam relatos que eram em parte baseados no que viam em novas terras e em parte eram suas opiniões sobre isso. Até então não existia o método etnográfico conhecido nos tempos atuais e não havia nenhuma técnica acadêmica na colheita de informações. Desta forma os viajantes iam a campo e colhiam dados que eram trazidos, lidos e estudados pelos filósofos.

Mas já Rousseau se ressentia que o processo de informação acontecesse dessa maneira. Disse ele certa feita: “que pena que os viajantes não sejam filósofos”. Ao que lhe retrucou Bougainville⁵⁷, em 1771, em sua “Viagem ao Redor do Mundo”: “que pena que os filósofos não sejam viajantes”. (LAPLANTINE, 2007, p. 59).

É certo que as viagens e expedições começaram no século XVI e continuaram nos séculos seguintes. Mas foi no século XVIII que surgiram questões sobre como coletar os dados, como dominar o que foi coletado, considerações sobre o fato de que não bastava observar, era preciso processar a observação. É então que surge a atividade de organização e elaboração dos dados coletados, a que Chavane, em 1789, deu o nome de etnologia (LAPLANTINE, 2007, 58).

A etnografia só começa a existir, segundo Laplantine (2007, p.75), a partir do momento que o pesquisador percebe que ele mesmo deve partir em busca da colheita dos dados, indo ele mesmo efetuar no campo a sua pesquisa, surgindo a percepção que a colheita desses dados é parte integrante da pesquisa.

⁵⁶ Os que lêem os viajantes são mais permeáveis às idéias filosóficas, em particular às de Rousseau. (tradução nossa).

⁵⁷ Louis Antoine de Bougainville, conhecido viajante do século XVIII, classificado por Duchet como excelente autor, escreveu *Voyage autour du monde*.

A França e a Grã-Bretanha são apontadas como as únicas grandes potências capazes de se auto sustentarem em uma guerra sem precisar de subsídio estrangeiro (HAMPSON, 1968, p. 50). Por conseguinte, os Estados que desejassem entrar ou manter-se numa guerra, ou mesmo preparar-se para ela, recorriam a acordos políticos, que não raras vezes envolviam casamentos arranjados no círculo da realeza ou aumento de impostos.

A elevação de impostos para custear guerras pode ter sido um dos fatores determinantes que colaboraram para o atraso do crescimento econômico.

A Europa do século XVIII foi a época dos imperadores, chamados de déspotas esclarecidos como Catarina II, Frederico II, Maria Theresa da Áustria, seu filho Joseph II e pequenos príncipes da Alemanha⁵⁸ e Itália⁵⁹. É também marcada pelo movimento iluminista que traz em seu seio filósofos, pensadores, escritores, artistas, músicos que pregam a valorização da razão, predominância da ciência, tolerância religiosa, liberdade política e econômica.

Para os iluministas, o pensamento racional deveria substituir as crenças religiosas e misticismos, que impediam a evolução do homem. A nova maneira de pensar queria trazer luz e conhecimento aos seus seguidores e tirar a sociedade das trevas em que se vivia até então. Por isso recebeu o nome de iluminismo.

A burguesia tinha especial interesse nessa filosofia, vez que embora tivesse dinheiro, não tinha a menor influência política, que era centralizada nas mãos do rei. No Antigo Regime vigorava a sociedade que era assim dividida: em primeiro lugar o clero, em segundo a nobreza, em terceiro a burguesia e por último os trabalhadores da cidade e do campo. Paulatinamente foram cessando os privilégios do clero e da nobreza, bem como as práticas mercantilistas, pelas quais o soberano retinha nas mãos o domínio econômico, o que possibilitou à burguesia a ampliação dos seus negócios.

Surgem os enciclopedistas na França.

Embora os chamados déspotas esclarecidos fossem simpáticos às novas idéias, preocupavam-se antes com as questões específicas de seus estados respectivos, cujas evoluções percorreram caminhos singulares.

⁵⁸ Durante a maior parte da sua história, a área atual da Alemanha foi o território de vários pequenos reinos, dos quais a maioria pertencera ao Sacro Império Romano Germânico. Foi apenas a partir de 1871, com a supremacia do reino da Prússia e a criação do Império Alemão, que o país veio a tornar-se, de fato, uma nação unificada. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alemanha>>, acesso em 14/07/2008.

⁵⁹ A Itália tornou-se uma nação unida em 17 de Março de 1861, quando a maior parte das cidades-estado foram unidas sob o comando do rei da Sardenha-Piemonte, Vítor Emanuel II. Os arquitetos da Unificação italiana foram o Conde de Cavour, o ministro-chefe de Vítor Emanuel, e Giuseppe Garibaldi, um general e herói italiano. Roma ficaria sob o comando do Papado por mais uma década, até 20 de Setembro de 1870, ocasião em que a unificação foi concluída. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/It%C3%A1lia>>, acesso em 14/07/2008.

É preciso observar, mesmo que brevemente, as características mais marcantes de alguns países europeus, que os levaram a reagir de maneira singular às influências das novas atitudes e novas forças materiais e intelectuais.

No espaço geográfico que hoje é a Itália, os Habsbourgs⁶⁰ praticavam uma política esclarecida, que enriqueceu a Toscana e melhorou a cultura e que consistia, sobretudo em desenvolver a vida econômica e redefinir o poder do Estado.

Na Rússia, Pedro I⁶¹ (1672-1725), reinou de 1682 a 1725. Fez muitas viagens pela Europa, a maior parte delas sob outro nome, para conhecer os modos, a vida, museus, coleções científicas; empregou engenheiros, professores, médicos, marinheiros, contramestres e operários⁶². Seus conselheiros mais importantes eram estrangeiros: Um suíço e um escocês que haviam servido com ele na Áustria. Suas Academias eram majoritariamente compostas de estrangeiros. Ele queria derrubar a barreira que separava a Rússia do ocidente e parece ter conseguido, transformando-a num dos primeiros estados do norte. Fortificou seus exércitos e tornou a Rússia respeitada e temida.

Com a morte de Pedro em 1725, antes que pudesse escolher seu herdeiro, sua viúva Catherine se proclama imperadora. A Rússia continua mesmo que lentamente, se europeizando. Entre 1741 e 1762 teve como czarina uma filha de Pedro, o Grande, Elizabeth⁶³, que não tinha grande instrução, nem grandes idéias, e deixou que seus ministros mantivessem a política de transformação russa.

À exemplo da czarina, a Corte e a alta sociedade russa adotaram os modos franceses: cada família nobre tinha seu preceptor francês, de sorte que a língua francesa se tornou o idioma da sociedade mais polida. Um grande número de franceses de todas as profissões foi buscar fortuna na Rússia (ISAAC; BONIFÁCIO, 1952, p 476).

Pedro III sucedeu Elizabeth, mas logo sua esposa, uma princesa alemã, Catherine d'Anhalt-Zerbst (1729-1796), conspirou para tomar o poder e com a ajuda de oficiais do

⁶⁰ Importante família na Europa teve maior importância na Áustria, mas também Portugal, México e Espanha. Os últimos monarcas foram Maria Theresa, na Áustria e Charles II, na Espanha e a casa de Habsbourg tornou-se Habsbourg-Lorraine.

⁶¹ Também conhecido como Pedro, o Grande. Talvez em razão de seu porte de 2,04 metros de altura, força hercúlea ou pela personalidade poderosa e original. De inteligência lúcida, capaz de conceber os mais vastos projetos, mas também impulsivo e impaciente. Pertencia à família dos Romanov, que reinou na Rússia por trezentos anos. (ISAAC; BONIFÁCIO, 1952, p. 290)

⁶² Pedro era filho do segundo casamento do Czar Alexis e as famílias das duas esposas disputaram o poder. Pedro foi coroado aos dez anos de idade, mas sua meia irmã Sophia tomou o trono, enquanto Pedro foi relegado num vilarejo onde conheceu muitos estrangeiros, que lhe deram gosto pela civilização ocidental. Aos dezessete anos soube que sua irmã pretendia se livrar dele. Foi quando se defendeu ajudado por seus companheiros. Tomou o poder em 1689 e a irmã é enviada a um convento. (ISAAC; BONIFÁCIO, 1952, p. 292)

⁶³ Pedro II desejou casar Elizabeth com Luis XV e sua mulher Catherine, por sua vez desejava casá-la com um filho do regente.

exército, tornou-se a Czarina Catarina II, aos trinta e três anos de idade⁶⁴. Dormia pouco e trabalhava quinze horas por dia. Era muito instruída, conhecia as obras dos grandes escritores e se correspondia com Voltaire⁶⁵, com Diderot⁶⁶, com D'Alembert⁶⁷, Com Buffon⁶⁸, e assim, acabou por ganhar a estima dos filósofos.

Frederico II (1712-1786) foi o terceiro rei da Prússia, entre 1740 a 1786. Tinha grande interesse pelas artes, música, letras, amigo de Voltaire, com quem mantinha correspondência, atraiu para seu reino filósofos, cientistas e escritores, especialmente franceses. Promoveu reformas, como a abolição da tortura, influenciado pelas críticas de Montesquieu (1689-1755)⁶⁹ aos métodos de interrogatório⁷⁰; promoveu a tolerância religiosa, abrigando refugiados franceses religiosos e ateus. Criou escolas elementares e desenvolveu a instrução pública. Criou o Banco de Berlin, baseado no modelo do banco da Inglaterra, com a diferença que os fundos vinham do tesouro real. Deixou obras como “*Le Miroir des Princes*”, “*L'Anti-Machiavel*”, “*L'Essai sur les formes de gouvernement*”. Por seu excepcional desempenho dentro e fora dos campos de batalha, foi chamado de “O Grande” ou “O Único”.

Maria Theresa da Áustria (1717-1780) subiu ao trono aos vinte e três anos de idade, em 1740 e governou até 1780. Sua ascensão ao trono deu início à guerra de Sucessão da Áustria. Ela casou-se com François de Lorraine e teve onze filhas⁷¹ e cinco filhos. Com a morte de seu marido, seu filho mais velho, Joseph II (1741-1790), o natural sucessor, foi por ela tornado co-regente, com limitados poderes⁷² mas Maria Theresa continuou no efetivo poder até sua morte, quando então Joseph assumiu a coroa de fato e de direito. Maria Theresa era uma mulher brilhante, ativa, inteligência viva e esclarecida, o que faltava ao seu pai, Charles VI. Sob sua direção a monarquia austríaca fortificou-se, reorganizou o exército, promoveu a reorganização financeira e educacional. Não obstante sua instrução e indiscutível

⁶⁴ Catarina reinou por trinta e quatro anos (1762-1796). De uma inteligência vivaz, astuta, audaciosa, enérgica e ambiciosa. Fez questão de aprender o idioma e tornou a Rússia sua pátria. Era tão ativa quanto Frederico II e Joseph II.

⁶⁵ A Voltaire pagava regiamente por manuscritos que ele lhe escrevia.

⁶⁶ Chegou a ajudá-lo financeiramente comprando sua biblioteca. Ofereceu-se para assegurar a publicação da Enciclopédia. Ver Anexo I.

⁶⁷ Ela lhe pediu para que ele cuidasse da educação de seu filho. Ver anexo II.

⁶⁸ Cartas trocadas entre Catarina e Buffon e ainda Grimm, que lhes serviu de intermediário em algumas ocasiões. Ver anexo IV.

⁶⁹ Charles Louis de Secondat, ou Charles de Montesquieu. Político, filósofo e escritor francês iluminista. Autor de obras como Cartas persas (1721) e O espírito das Leis (1748)..

⁷⁰ Disponível em: <Wikipédia, http://pt.wikipedia.org/wiki/Frederico_II_da_Pr%C3%BAssia>, acesso em 04/01/2008.

⁷¹ Uma delas era Maria Antônia, também conhecida como Maria Antonieta, que viria a tornar-se rainha da França, casando-se com Luis XVI.

⁷² Ele ficou com a direção do exército e exerceu um papel diplomático relevante.

capacidade intelectual e para governar, não foi ela a verdadeira déspota esclarecida, mas sim seu filho.

Quando assumiu o trono, Joseph II, foi o típico representante do despotismo esclarecido. Tendo como modelo Frederico II, era um trabalhador incansável, acordava de madrugada, viajou pelos estados e imbuído das doutrinas dos filósofos, consagrou seu governo às reformas. Queria fazer da filosofia “la legislatrice de son empire” (ISAAC, 1952, p. 470)⁷³.

Na França, com a coroação de Luis XV (1710-1774), então com 5 anos de idade, bisneto de Luis XIV, foi instalado um conselho de Regência, cuja presidência ficou a cargo do primeiro príncipe de sangue, sobrinho de Luis XIV, Duque Philippe d’Orleans (1674-1723), com 41 anos de idade.

O regente era conhecido por sua bravura na guerra, generosidade, vivacidade, curiosidade em relação às novidades. A par dessas qualidades, era, em contrapartida, despreocupado, preguiçoso e debochado. Sua mãe dizia que ele tinha todos os talentos, exceto o de fazer bom uso deles (ISAAC; BONIFÁCIO, 1952, p. 306). Sob a regência foram inaugurados os bailes públicos de Ópera⁷⁴ que tinham início às 23 horas e duravam toda a noite. O regente saía com seus companheiros e retornava invariavelmente pelos braços dos lacaios.

Sob a regência a corte seguia o exemplo do duque e foi um período de modos escandalosos, de fanfarronices e vidas desregradas. Bem ao contrário dos últimos trinta anos precedentes, em que cortesãos eram tão devotos quanto o eram aparentemente Luis XIV e Mme Maintenon.

À exemplo da mudança de modos, também na política, houve transformações. Luis XIV aprisionou os jansenistas⁷⁵ e o regente os libertou; o rei governou com a burguesia e o regente devolveu à nobreza a participação no governo.

⁷³ “A legisladora de seu império” (tradução nossa).

⁷⁴ O primeiro baile aconteceu em 2 de janeiro de 1716.

⁷⁵ Seguidores do jansenismo. Doutrina do doutor em teologia pela universidade de Louvain e bispo holandês Cornelius Jansen ou Jansenius (1585-1638), bispo de Ypres. Nasceu no século XVII e se desenvolveu no século XVIII. Segundo essa doutrina a salvação dependia da graça de Deus e não das boas obras ou do livre arbítrio. Ou seja, as pessoas já nasciam predestinadas ao céu ou ao inferno. Teve como centro, a França, no convento de Port - Royal, que se tornou um local de retiro e de estudos e conhecido como reduto jansenista, ao qual Blaise Pascal (1623-1662) acabou por se incorporar. A obra *Augustinius*, de autoria de Jansenius, publicada postumamente em 1640, causou uma grande polêmica e foi condenada pelo vaticano. Os jansenistas condenavam os jesuítas por serem, ao seu entender, muito lenientes e concessivos, principalmente quando se tratava de fazer proselitismo. À exemplo dos protestantes, eles eram opositores ao papa. Por seu turno, a sua condenação pelo Vaticano incluía as habituais perseguições. Pascal se envolveu nessa controvérsia por meio de suas Cartas provinciais, ou *Les Provinciales* (1656-1657). Disponível em:

As finanças na França eram as piores possíveis, resultado de trinta anos de guerra. Um estrangeiro, John Law, se interessava pelos assuntos de economia e depois de percorrer as maiores cidades com melhores sistemas financeiros, observou que a abundância de moeda era necessária para o desenvolvimento do mercado. Sustentava não haver melhor moeda para circular que o papel. Assim fez uma proposta ao rei e foi autorizada a criação do banco e a criação e emissão de cheques em troca dos depósitos de particulares, que foi desde o início bem aceito pelo público.

Em 1717 Law cria a *Compagnie d'Occident*, que recebe o monopólio da exploração da nova colônia da América, transformada depois em companhia das Índias, cujo capital foi posto à venda em forma de ações. Todos queriam adquirir, já que se falava em minas de ouro e pedras preciosas descobertas na Louisiana⁷⁶. Em 1720 é nomeado controlador geral de finanças e era considerado todo-poderoso, mas depois de uma operação colossal o sistema chega à bancarrota e Law deixa a França no anonimato e pobre, ele que havia chegado rico.

Em fevereiro de 1723, Luis XV é declarado maior e em dezembro do mesmo ano, morre de apoplexia o Duque de Orleans, que havia recentemente sido nomeado primeiro ministro. Como sucessor, é nomeado outro príncipe de sangue, o Duque de Bourbon. Em 1725 o rei se casa com Maria Leczinska⁷⁷. Em 1726 o rei nomeia seu preceptor, o bispo Fleury (1653-1743)⁷⁸, então aos setenta e três anos, ministro de estado, função em que permanece até os noventa anos.

Quando finalmente assume o governo, Luis XV tinha trinta e três anos. Era bonito, amigo, afetuoso, silencioso e cumpria estritamente seus deveres religiosos. Mas, egoísta, muito sujeito às mudanças de humor, indolente, preguiçoso, características estas, talvez advindas da deplorável educação que recebeu de cortesãos, ávidos por agradá-lo. Odiava a vida na corte, a representação, preferindo reuniões mais íntimas e restritas a poucas pessoas. Depois de um movimento bélico bem sucedido, seu gesto foi aplaudido e quando ficou

<http://montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=apologetica&artigo=20041011185230&lang=bra;edgarmorin.sescsp.org.br/arquivo/download/arquivos/mariotti_pascal.rtf>, acesso em 05/04/2008.

⁷⁶ Nova colônia francesa na América do Norte, às margens do golfo do México, cujo nome foi dado em homenagem ao rei da França (1682). (ISAAC; BONIFÁCIO, 1952, p. 192).

⁷⁷ Filha de um rei da Polônia destronado.

⁷⁸ Fleury, bispo de Fréjus, capelão de Louis XIV, se tornou ministro de Luis XV em 1726 e no mesmo ano nomeado cardeal. Chegou ao poder aos setenta e três anos de idade, onde permaneceu por dezessete anos, para o desespero daqueles que ambicionavam sucedê-lo. Era prudente por natureza e em razão da avançada idade, tornou-se ainda mais. Praticava uma habilidosa política de paz e detestava controvérsias. Ele se esforçou para controlar tumultos religiosos entre jansenistas, numerosos entre parlamentares e jesuítas entre 1730 e 1732. (ISAAC; BONIFÁCIO, 1952, p. 315).

doente, seis mil missas foram rezadas em intenção de seu restabelecimento. Então foi apelidado Luis, o bem amado⁷⁹.

Separou-se de Maria Leczinska⁸⁰ e em 1745 se une a uma burguesa, Jeanne Poisson, que foi feita Marquesa de Pompadour (1721-1764) e com quem ficou até sua morte, por quase vinte anos e que se tornou a verdadeira soberana, fazendo e desfazendo ministros, escolhendo comandantes dos exércitos. O reino se tornou o reino dos favoritos⁸¹. Havia um grande desperdício durante o reinado e o Estado viu dilapidados seus recursos em favor de poucos privilegiados. A excessiva influência exercida por Pompadour e o desperdício que a rodeava despertaram o ódio do povo, especialmente em Paris.

Não obstante, Pompadour era uma mulher de viva inteligência, alegre, interessada nos escritores e filósofos, a quem protegia e encorajava.

Na primeira metade do século XVIII começaram a ter importância as burguesias negociante e industrial; os financistas sobem na hierarquia social⁸² e se misturam às classes dirigentes e a seu lado se tornam aristocracia de dinheiro.

A atividade comercial renasceu durante a regência e no tempo de Fleury. A indústria progride, surge a indústria algodoeira e a exploração de minas de carvão se intensifica com o maior interesse da elite burguesa nesses negócios.

A essa altura Rousseau já se dava conta em seu discurso sobre a “Origem da Desigualdade” o quanto o comércio, as viagens e as conquistas haviam incrementado as relações entre as diferentes terras, nações e a vida dos povos, unindo-os de maneira muito mais freqüente em virtude da maior facilidade de comunicação. (ROUSSEAU, 1999, p.134). Ou seja, a Europa vivia um momento plural em função do avanço dos contatos entre seus diferentes Estados.

O centro da vida mundana, como antes de 1660, não era a corte, mas os salões parisienses⁸³, onde se reuniam os grandes senhores, parlamentares cultos, religiosos, escritores, artistas e financistas.

⁷⁹ Louis, *Le Bien-Aimé* (1744)

⁸⁰ Com quem teve dez filhos, dos quais sete sobreviveram: seis mulheres e um homem.

⁸¹ Confetes e serpentinas, dizia ironicamente Frederico II da Prússia. (ISAAC; BONIFÁCIO, 1952, p. 319).

⁸² Os homens de finanças tinham péssima reputação até a metade do século XVIII, pela falta de distinção, pela humildade de suas origens, indecência do luxo. A partir da regência, sua condição muda lentamente, inclusive com casamentos entre seus filhos com filhos de nobres interessados em aumentar suas posses. Mas também por mérito pessoal. Alguns desses homens de dinheiro protegiam escritores e artistas e isso levou à mudança de opinião pública em seu favor, senão do povo em geral, ao menos das classes mais esclarecidas. Sua influência política cresceu tanto quanto a social.

⁸³ Salões bem reputados foram o de *Mme de Lambert*, conhecido como *bureau d'esprit*; o de *Mme de Tencin* era igualmente um lar de intrigas políticas quanto salão literário; a partir da metade do século o salão de *Mme*

Foram fundadas as Academias de Orléans, Toulouse, Clermont-Ferrand, Dijon e outras cidades, com o propósito de divulgar obras primas literárias e descobertas científicas, onde se reuniam pessoas cultas, que viviam longe de Paris e que desejavam contribuir para a vida intelectual e social das províncias.

Também nos cafés, que surgiram antes de 1770 e que se multiplicaram rapidamente, se reuniam a média burguesia e escritores.

Nos salões, cafés e Academias nasceu a opinião pública, que passou a ter importante papel social e cuja influência passou a nortear eventuais decisões e medidas dos governantes de toda a Europa. A origem da opinião pública está nos escritores e pensadores, que viajam muito e observam os costumes e instituições nos diversos países. A facilidade de correspondências, o surgimento dos cafés e salões, a imprensa e a universalização do idioma francês, favoreceram a universalização do pensamento.

Tanto os pequenos príncipes como grandes soberanos como Frederico II, Catarina II, Joseph II trocam correspondências com os filósofos e os convidam para suas cortes. Luis XV não se interessa pelos filósofos e escritores, o que lhe rende fortes críticas.

Na verdade os déspotas esclarecidos usavam os filósofos como propaganda. Cercavam-se deles e de suas idéias reformadoras e inovadoras. Proclamavam-se seus discípulos e pretendiam agir segundo a razão em benefício do bem público. Na prática, agiam de acordo com suas vontades e trabalhavam em favor de suas necessidades e de acordo com suas próprias idéias. Em praticamente todos os casos, o despotismo esclarecido se rendia à política mais realista

Catarina II disse um dia à Diderot: Avec tous vos grands principes, on ferait de beaux livres et de mauvaise besogne. Vous oubliez... La différence de nos deux positions; vous, vous ne travaillez que sur le papier qui souffre tout..., tandis que moi, pauvre impératrice, je travaille sur la peau humaine, qui est bien autrement irritable e chatouilleuse ⁸⁴. (ISAAC; BONIFÁCIO, 1952, p.479).

O movimento intelectual iluminista surge na metade do século XVIII e enfatizava o homem e a razão. Os principais nomes do iluminismo são: Jonh Locke (1632 - 1704) ajudou a derrotar o absolutismo na Inglaterra. Acreditava que todos os homens, ao nascer, tinham os mesmos direitos: direito à vida, à liberdade e à propriedade; Montesquieu (1689 - 1755) pensador político, famoso pela articulação da teoria da separação de poderes em executivo,

Geoffrin, uma rica burguesa; e o da *Marquesa de Deffaud*, salão mais aristocrata. Estes dois últimos mantiveram a reputação e influência até o final do reinado de Luis XV e foram freqüentados pelos filósofos e escritores.

⁸⁴ “Com todos seus grandes princípios, far-se-iam bons livros e maus negócios. O Senhor se esquece... A diferença de nossas posições; o senhor só trabalha sobre o papel que tudo sofre..., enquanto que eu, pobre imperatriz, trabalho sobre a pele humana, que é, ao contrário, bem irritável e sensível”. (Tradução nossa).

legislativo e judiciário e cargos governamentais; Voltaire (1694 - 1778) que por suas críticas ferrenhas aos privilégios do clero, da igreja e da nobreza teve que se exilar na Inglaterra e afirmava que a igreja era a maior fonte de fanatismo e ignorância; David Hume (1711 - 1776) filósofo, economista e historiador, conhecido pelo seu trabalho na ciência do ceticismo e das doutrinas avançadas sobre naturalismo e causas materiais; Denis Diderot (1713 - 1784) organizador da enciclopédia francesa e idealizador da teoria da literatura e ética trabalhista; Adam Smith (1723 - 1790) famoso filósofo social, embora tenha sido considerado por muitos, economista. Escreveu o livro *A Riqueza das Nações*, fundamentando a arte da contabilidade no iluminismo; Immanuel Kant (1724 - 1804) filósofo e físico alemão e crítico da filosofia sistemática⁸⁵.

Quando Diderot recebe a oferta de um editor para publicar uma Enciclopédia, passa a reunir uma equipe que o ajudaria a escrever sobre todos os conhecimentos humanos; a idéia estava na moda e a Inglaterra já havia publicado a sua. O primeiro de trinta e três volumes, foi publicado em 1751 e depois dele, foi necessária a proteção do chefe da censura, Malessherbes e mesmo de Madame Pompadour para que a gigantesca obra viesse a termo, quinze anos após.

A música erudita da segunda metade do século XVIII foi o período do classicismo, caracterizado pela simetria, equilíbrio e clareza. Alguns dos grandes compositores dessa época são Franz Joseph Haydn (1732-1809); Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791); Domenico Cimarosa (1749-1801) um dos pais da ópera cômica; Johann Adolf Hasse (1699-1783) o mais popular compositor de óperas italianas no estilo napolitano do século XVIII, discípulo de Alessandro Scarlatti (1660-1725), foi, também, cantor profissional de ópera (tenor) e excelente cravista; Giovanni Batista Pergolesi (1710-1736), cujos trabalhos foram publicados em Paris, com a ajuda de Rousseau.

A tradição classicista na França no campo da música teve seu espaço encolhido pela invasão italiana. Jean-Philippe Rameau (1683-1764) um dos mais importantes compositores e teórico francês do século XVIII tem em sua obra uma reação classicista e nacionalista àquela invasão. Juntamente com Alessandro Scarlatti e Carl Phillip Emanuel Bach (1714-1788), fundador da música "moderna".

Por volta de 1753, Rousseau escreve Carta sobre a música francesa. Ele e seus amigos filósofos apreciam a nova e melodiosa ópera cômica ou *opera buffa*. Enquanto que os tradicionalistas liderados por Rameau⁸⁶, então com setenta anos, desprezavam “aqueles sons

⁸⁵ Disponível em: <Wikipédia, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>>, acesso em 04/01/2008.

⁸⁶ Em suas Confissões Rousseau descreve uma passagem em que Rameau foi convencido pelo senhor e senhora Poplinière de escutar sua ópera “Musas Galantes”; aparentemente a contra gosto, concordou em escutar trechos,

baratos” (STRATHERN, 2004, p. 26). Estes eram a favor da precisão e das regras da composição francesa, com ênfase na harmonia. A opinião pública chegou a ficar dividida. Dez anos depois, Mozart aos doze anos de idade compõe sua primeira ópera, ao estilo italiano, *Bastien und Bastienne*, baseada no Adivinho da Aldeia. Rameau responde a Carta sobre a música francesa com suas *Observations sur notre instinct pour la musique* (1754) e em seguida escreve *Suite des Erreurs sur la musique dans l'Encyclopédie* (1756), em oposição ao artigo de Rousseau intitulado *Enharmonique*. Diderot e D'Alembert tomam a defesa de seu colaborador com a advertência no tomo VI da enciclopédia (1756), ao qual Rameau responde com a publicação de sua *Réponse de M. Rameau à MM. les Editeurs de l'Encyclopédie sur leur dernier Avertissement*. (STAROBINSKI, 2002, p. 211).

As composições tinham gosto muito diferente do anterior barroco, que perdura até por volta da morte de Johann Sebastian Bach (1685-1750).

O classicismo⁸⁷ dá lugar ao pré romantismo⁸⁸, vivificados por Rousseau, Nicola Piccini (1728-1800) e Christoph Willibald Gluck (1714-1787), este classicista, um dos maiores reformadores da ópera⁸⁹.

que Rousseau escolheu cuidadosamente. Conta que Rameau logo no início da apresentação passou a sugerir que a peça não poderia ser de sua autoria, demonstrou impaciência e em certo momento abordou Rousseau dizendo que o que acabara de ouvir era obra “em parte de um homem consumido pela arte, e o resto de um ignorante que não sabia música”. Rousseau afirma que para Rameau, ele não passava de um “larápio, plagiário (“*pillard*”, no original), sem gosto e sem talento” (2005b, p.411).

Posteriormente, Voltaire havia escrito um drama intitulado “*La Princesse de Navarre*”, transformada em ópera com música de Rameau. Era inverno de 1745-1746, período de muitas festas em Versalhes. Essa ópera demandava muitas alterações tanto na música quanto na letra, para serem apresentadas e seus autores estavam muito ocupados para se dedicarem a isso. Foi Rousseau então incumbindo por Richelieu para que o fizesse. Rameau lhe determinou que refizesse a abertura, o que se recusou a fazer, amparado, felizmente pelo exíguo tempo que havia para isso, cerca de cinco dias antes da estréia. Fato é que, conta Rousseau, não sem ressentimento, que no encarte distribuído com os dados da peça e dos autores, seu nome foi omitido e, segundo relata, Rameau teria dito que preferia que seu nome fosse suprimido, a ser associado ao de Rousseau. A estréia não contou com a presença senão do próprio Rousseau. (2005b, p.415)

⁸⁷ Movimento intelectual, cultural, artístico, filosófico, literário que teve início no século XVIII. Era o final da Idade Média e o barroco na Europa havia se esgotado. O movimento foi chamado Renascimento que imprimia sentido de mudança, transformação. As idéias classicistas principais eram: “tudo gira ao redor da razão; prisão das regras; equilíbrio entre forma e fundo; fuga para o campo, elogio da natureza e o desprezo do luxo”, retorno à valorização dos antigos autores gregos e romanos. O classicismo teve seu desenvolvimento com a filosofia do iluminismo. (SANTOS, 1977, p. 21-22; FERREIRA, 1964, p. 58). Para outro autor o classicismo “foi o estilo literário que se desenvolveu no período do Renascimento, período de renovação literária, artística e científica ocorrido na Europa principalmente durante os séculos XV e XVI. (TUFANO, 1988, p. 51).

⁸⁸ Romantismo se caracteriza por uma transformação no pensamento europeu, de reação ao racionalismo típico do classicismo. “um enjôo geral, um fastio dos clássicos, das regras e dos rigores dos seus cânones. Um cansaço e um afastamento da razão provocam a busca e o convívio com o sentimento, com o coração” [...]. A razão cede lugar ao sentimento. Aponta-se como início o século XIX, mas “sua propagação deve-se à França, cujas raízes românticas estão em Jean-Jacques Rousseau”. (FERREIRA, 1964, p. 59) (SANTOS, 1977, p. 39).

Ferreira frisa que não obstante sejam agrupados autores em determinadas escolas literárias, essas divisões não são estanques quanto ao período, tampouco quanto aos autores. Não há, segundo ele, “um hiato abrupto entre uma escola e outra” e não poucas vezes observa-se que uma escola se inicia ainda com a outra existindo. (FERREIRA, id, p. 54).

3.2 Jean Jacques Rousseau: A vida

Os sessenta e seis anos de vida de Rousseau são permeados de uma história inquieta de dezenas de idas e vindas de diversos lugares dentro da Suíça, França e Inglaterra. Sua obra vasta reflete sua vida, seu temperamento, seu humor e seu gênio: foi escritor, músico, botânico, filósofo, romancista, escreveu sobre política, pedagogia e história.

Filho de Isaac Rousseau e Suzanne Bernard nasceu em 28.06.1712 em Genebra. Sua mãe morreu no parto e Isaac entregou o filho para ser criado por sua irmã, Suzanne Rousseau. Depois de alguns anos retomou sua criação e os juntos puseram-se a ler o acervo literário deixado por Suzanne. Aos sete anos de idade, nada mais havendo a ser lido, passou à leitura dos livros do avô materno e um novo tipo de obra e autores: Le Suer (História da Igreja e dos Impérios), Bossuet (Discursos sobre a História Universal), Plutarco (Homens Ilustres), Ovídio (Metamorfoses), Fontenelle (Os Mundos) e algumas peças de Molière.

Em 1722 o pai de Rousseau se envolve numa briga com um capitão aposentado chamado Gauthier, a quem desafiou para um duelo. Ao ser desprezado em razão de sua condição social inferior, Isaac que era um homem bom, mas violento e instável (ROLLAND, 1965, p. 146) feriu seu opositor com a espada. Para evitar uma sentença de prisão exilou-se em Nyon e deixou a guarda do filho com o tio Bernard que o enviou a Bossey para estudar com o pastor Lambercier e sua irmã. Sofreu toda sorte de humilhações e surras da irmã do pastor, uma mulher de 30 anos, o que marcou profundamente sua personalidade deixando indelévels “sentimentos de violência e injustiça” além de despertar precocemente sua sexualidade. Lá permaneceu por dois anos com o primo Abraham, de quem se aproximou afetivamente.

Em 1724 retorna a Genebra. Tentou o ofício de menino de recados, mas não teve sucesso, pois o notário, seu empregador o achava preguiçoso e idiota. Em seguida tentou o ofício de gravador, ofício em que também não teve êxito, pois passava o tempo cunhando medalhas para os amigos e foi acusado de ser ladrão (ARBOUSSE-BASTIDE, 1978, p. 9). Então ele retoma suas leituras alugando livros da biblioteca particular da senhora La Tribu e se entrega aos passeios no campo.

As portas da cidade se fechavam ao entardecer e foi repreendido no primeiro atraso e sofreu castigos corporais no segundo. Na terceira vez, decidiu não retornar e ganhou a estrada, imaginando que a partir desse momento faria tudo o que quisesse, conheceria a liberdade e

⁸⁹ Disponível em: <<http://www.geocities.com/vienna/strasse/8454/historia4.htm>> e em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Era_cl%C3%A1ssica>, acesso em 06/01/2008.

seria feliz, mas logo a fome o alcançou e buscou ajuda com o cura de Confignon que lhe deu uma carta de recomendação e o enviou à Madame de Warens em Annecy.

Lá chegando, ficou surpreso por não se tratar de uma velha, mas de uma jovem católica de 28 anos⁹⁰, que o enviou a Turim, ao Asilo do Espírito Santo, para que se convertesse ao catolicismo. Considerado converso, deram-lhe vinte francos, que logo acabaram e ele buscou emprego como gravador com a Senhora Basile e depois como secretário da condessa Vercellis e depois com o conde de Gouvon, cujo filho, que era padre lhe ensinou latim e o incentivou a ler as obras de Virgílio.

De volta a Annecy, além de ajudar sua protetora em trabalhos de medicina e alquimia, lê muito Pufendorf, Saint Evremond, a Henriáda de Voltaire (1694-1778), Bayle, La Bruyère e La Rochefoucauld e estudou música. A senhora de Warens então, o envia para um seminário para estudar latim e no inverno de 1729/30 estuda música na casa do Senhor Le Maître e aprende o suficiente para se apresentar como professor de música. Conseguiu se sustentar dando aulas de música no inverno de 1730/31 em Lausanne, Neuchatel e em 1731 esteve por três meses a serviço de um sobrinho de um coronel suíço em Paris.

Quando soube que Madame de Warens havia se instalado em Chambéry, logo foi ao seu encontro, passando antes por Lyon, onde ficou algumas semanas.

Em 1732 voltou a ensinar música e em 1733 parece que Madame de Warens decidiu seduzir seu pupilo, entendendo já ser tempo de fazer dele um homem (STRATHERN, 2004, p. 14). Em 1734 além de aproveitar a convivência dos amigos de sua protetora para se informar sobre os acontecimentos da época, também se dedicou a escrever pequenos textos como *Essai sur les événements importantes dont les femmes ont été la cause*, *Chronologie universelle ou histoire générale des temps depuis la création du monde jusques à présent e Narcisse ou l'amour de lui-même*.

Consta que viveram como amantes por três verões, entre 1738 a 1740⁹¹. Viveu tempos de profunda alegria e aprimorou sua educação lendo muitos autores, entre os quais Voltaire, que se tornaria seu inimigo no futuro e a quem atribuía o mérito de o haver direcionado aos estudos.

Entre 1740 e 1741 foi preceptor dos filhos do Sr. Mably. Não teve muito sucesso, mas essa experiência proporcionou-lhe subsídios para escrever *Projet pour l'éducation de M. Sante-Marie*, que carrega a semente do futuro Emílio.

⁹⁰ Idade dela de acordo com ARBOUSSE-BASTIDE e MACHADO; 30 anos para STRATHERN p. 12.

⁹¹ Para Rolland, 1965, p. 148; Ou entre 1735 a 1736 para Pissarra, 2005, p.19.

Em 1741, desiludido por madame de Warens, se dirige a Paris com um novo sistema de notação musical, que foi recebido com frieza por ser considerado complicado.

Nessa época habitava perto da Sorbonne e passou a freqüentar os cafés, que por sua vez eram freqüentados por intelectuais da época, com quem trava relações, como Marivaux (1688-1763)⁹², Condillac (1715-1780)⁹³, Fontenelle (1657-1757)⁹⁴ e Denis Diderot (1713-1784), que se tornou seu amigo. Conseguiu publicar sua *Dissertation sur la musique moderne* e também *Epître à M. Bordes*. Foi admitido como secretário do Sr. Dupin⁹⁵, conselheiro do rei, mas sua profunda simpatia pela senhora Dupin⁹⁶ não passou despercebida ao marido, que se irritou e o demitiu. É também em razão de seu bom relacionamento com as mulheres que consegue um emprego com o conde de Montaigu como secretário da embaixada da França, em Veneza em 05 de setembro de 1742⁹⁷. Desentendeu-se com o conde que o menosprezava e por sua vez era um aristocrata arrogante e preguiçoso aos olhos de Rousseau. A péssima situação, não obstante, durou doze meses, até que o conde ameaçou atirá-lo pela janela. Deixou a embaixada em 22.08.1743⁹⁸.

Durante esse tempo em Veneza foi muito à ópera, apreciou a beleza e sensualidade das mulheres venezianas e especialmente se encantou pela espontaneidade da música italiana que contrastava profundamente com a intrincada formalidade francesa (STHRATHERN, 2004, p.15). Também fez contatos diplomáticos que lhe abriram os olhos sobre a natureza e o poder da política.

Volta a Paris 1745 e se instala no Hotel Saint Quentin onde conhece a faxineira analfabeta Thérèse Levasseur de 22 anos de idade, com quem viveria toda sua vida, mas sem

⁹² Pierre Carlet de Chamblain Marivaux.

⁹³ Étienne Bonnot de Condillac.

⁹⁴ Bernard le Bouyer de Fontenelle.

⁹⁵ Durante o período que trabalhou como secretário do senhor e senhora Dupin, Rousseau os ajudava a preparar uma refutação ao “Espírito das Leis” de Montesquieu. A temporada em Veneza foi produtiva não somente para sua educação política como do ponto de vista intelectual; ele tinha consciência que não era um trabalho fácil refutar Montesquieu. Os Dupin o reprovavam por criticar demais os financistas e Rousseau o reprovava por justificar o luxo das grandes monarquias e a escravidão nos regimes despóticos. Embora não desejasse entrar em conflito nem com seus patrões, nem com Montesquieu, que era um “fiel súdito do rei da França”, mas em quem reconhecia como o maior escritor político de seu tempo, ele ousou, ainda que discretamente, marcar seu desacordo com este, em relação à atitude a respeito de dinheiro, da propriedade, da igualdade e a ligação do problema social e a idéia de liberdade. (LAUNAY, 1969, p.100-101).

⁹⁶ De acordo com Launay, são inúmeras as cartas e papéis trocados entre os Dupin e Rousseau e que estavam esparsos. Foram vendidos em leilão e a maior parte adquirida pela biblioteca Pública e Universidade de Genebra, a biblioteca da cidade de Bordeaux e a biblioteca e Universidade do Texas.

⁹⁷ Para Pissarra, 2005, p. 20; e em maio de 1743 para Rolland, 1965, p.149.

⁹⁸ Para Pissarra, id., p. 21; em agosto de 1744 para Rolland, id, p 149.

desposá-la, até seus 56 anos de idade e com quem teve cinco filhos, todos entregues à roda dos miseráveis para a adoção⁹⁹. Também conheceu Condillac e D'Alembert.

Entre 1746 e 1747 esteve em Chenonceaux novamente como secretário da senhora Dupin e aproveitou essa breve nova estada no castelo para compor *L'allé de Sylvie* e a comédia *L'engagement téméraire*. Nasce seu primeiro filho.

Agora já tinha prestígio entre os intelectuais da época, *Les Philosophes* e ao lado de Diderot e Condillac escreviam para o periódico *Le Persifleur*. Diderot era o encarregado de dirigir a Enciclopédia e convidou Rousseau para redigir artigos sobre música.

Em 1749 Diderot publica a Carta sobre os Cegos, onde professa abertamente o ateísmo e foi encarcerado na prisão de Vincennes, acusado de ter cometido “escritos irreligiosos”. Rousseau escreveu para a amante do rei, madame Pompadour para que conseguisse a libertação do amigo ou que fosse permitido a ele ir para a prisão junto com o amigo.

J'écrivis à Mme de Pompadour pour la conjurer de le faire relâcher, ou d'obtenir qu'on m'enfermât avec lui. Je n'eus aucune réponse à ma lettre: elle était trop peu raisonnable pour être efficace, et je ne me flatte pas qu'elle ait contribué aux adoucissements qu'on mit quelque temps après à la captivité du pauvre Diderot. ¹⁰⁰ (ROUSSEAU. 2005b, p. 427; notas de KOENIG, p. 828).

O fato é que visitava o amigo na prisão quase todos os dias e para isso percorria a pé um percurso de aproximadamente nove quilômetros já que não tinha dinheiro para pagar uma charrete. Numa dessas caminhadas, parou sob uma árvore para descansar do calor excessivo e leu no jornal Mercúrio da França sobre um concurso promovido pela Academia de Dijon que propunha o tema: “O progresso das ciências e das artes contribuiu para aprimorar os costumes?” Escreveu então a Prosopopéia de Fabricius (PISSARRA, 2005, p. 21) que veio a integrar o texto com o qual concorreria ao prêmio. Ele o mostra ao amigo encarcerado que o incentiva a completá-lo. O texto ganha o primeiro prêmio da Academia e foi publicado no ano

⁹⁹ Rousseau descreve em Confissões (2005a, p. 406 e segs.) que Thérèse era de boa família. A mãe era marchand e o pai oficial da moeda em Orléans. A mãe levou seu comércio à bancarrota e como a moeda na França não tinha mais credibilidade por conta do projeto colossal entre Law e o duque de Orleans, já mencionado no item anterior, não lhes restou alternativa senão mudarem para Paris, tendo Thérèse trabalhado como camareira no hotel para sustentá-los. Ele conta que ela jamais soube ler, embora pudesse sofrivelmente escrever. Com muito esforço ele a ensinou ver as horas, mas ela nunca conseguiu seguir a seqüência dos doze meses do ano e foram em vão suas tentativas de lhe ensinar os números. Ele conta ter se apaixonado pela honestidade de seu caráter, sua sensibilidade e doçura. E frisa que nos momentos mais difíceis, mais catastróficos por que passou na Suíça, França, Inglaterra, foi ela capaz de lhe dar os melhores e excelentes conselhos para ele seguir. Dentre todas as damas de alta estirpe, diante dos grandes príncipes, foram seus sentimentos, bom senso e sua conduta que lhe chamaram a atenção e cativaram sua estima maior.

¹⁰⁰ Eu escrevi à Madame de Pompadour para lhe rogar que fizesse relaxar [a prisão] ou me permitir ser encarcerado junto com ele. Não tive qualquer resposta à minha carta: ela era muito razoável para ser eficaz e eu não me vanglorio por ela ter contribuído para os abrandamentos concedidos após a prisão do pobre Diderot. Essa carta nunca foi encontrada. (Tradução nossa).

de 1750 sob o título de “O Discurso sobre as ciências e as artes”. Com ele veio a fama e o sucesso há muito esperado e ficou conhecido em círculos mais amplos.

Voltaire e Rousseau se encontram pela primeira vez em 1750, na residência de Madame Dupin, de acordo com notas de Koenig (2005b, p.821). Rousseau conta nas suas Confissões que a visitava constantemente e sua casa era freqüentada pela elite parisiense, como duques, embaixadores, a princesa de Rohan e filósofos como Buffon e Voltaire. Para Starobinski (2002, p. 13) em 1745 Rousseau entra em contato com Rameau e Voltaire, ou seja, pessoas ilustres, entre outras, com as quais deveria estar em contato, cujo prestígio e talento teoricamente lhe dariam acesso ao sonhado nome de respeito.

Vivendo um período de tranqüilidade pôde escrever sua ópera “*Les Muses Galantes*”, cuja péssima recepção por Rameau deu início a inimizade de ambos.

Rousseau, que havia lido Voltaire com voracidade no seu período de formação autodidata, ao ponto de querer imitá-lo e o adorava, decepcionou-se ao receber não mais que distantes cumprimentos por um trabalho musical que realizou na sua obra “*Princesse de Navarre*”. De acordo com Starobinski, o amor que nutria pela dupla Voltaire – Rameau se transformou em ódio (2002, p.14).

Em 1752 compõe a ópera O Adivinho da aldeia¹⁰¹ que é apresentada em Fontainebleau na presença do rei Luis XV e madame Pompadour. O rei fica impressionado e oferece uma pensão real vitalícia, não aceita¹⁰². Diderot fica furioso com sua recusa da oferta real e o considera um irresponsável¹⁰³. Rousseau foge para Paris.

Publica a Carta sobre a Música Francesa (1753), em que critica o estilo formal e truncado da melodia francesa e elogia a voluptuosidade e graciosidade da música italiana. Nessa época a música tinha papel central nas artes francesas e sua Carta divide as opiniões. Os filósofos apreciam a recente melodiosa criação italiana, a *Opera Buffa*. Para Starobinski a

¹⁰¹ Em sua primeira apresentação no teatro em Paris, seu nome foi omitido por sugestão de Duclos, depois do pouco sucesso de suas Musas Galantes, também em Paris. Só depois da aclamação pelo público, seu nome foi divulgado e no dia seguinte, todos os que a assistiram estavam encantados e não se falava de outra coisa na sociedade (ROUSSEAU, 2005b, p.458).

¹⁰² Paul Strathern relata que Rousseau tinha medo que sua liberdade estivesse ameaçada; para Paul Arbousse-Bastide a oferta foi orgulhosamente recusada, p.10. Rousseau dá sua versão para a recusa: “*Je perdais, Il est vrai, la pension que m’était offerte en quelque sorte ; mais je m’exemptais aussi du joug qu’elle m’eût imposé. Adieu la verité, la liberté, le courage. Comment oser désormais parler d’indépendance et de désintéressement ? ... il m’en coûterait plus de soins, et bien plus désagréables, pour la conserver, que pour m’en passer*” (2005b, p 463). Eu perdia, é verdade a pensão que me foi ofertada de qualquer sorte. Mais eu me isentava também do jugo que ela me teria imposto. Adeus à verdade, à liberdade, à coragem. Como ousar, doravante falar de independência e desinteresse? ... me custaria mais cuidados e bem mais desagradáveis para conservá-la, que abrir mão dela. (tradução nossa).

¹⁰³ Rousseau conta que Diderot lhe falava sobre a pensão com um fogo que não era próprio de um filósofo. Que se ele estava desinteressado por sua conta, pelo menos deveria se preocupar com Thérèse. Embora estivesse sensibilizado pelo zelo do amigo, conta que tiveram uma briga séria, a primeira entre os dois. (2005b, p.464).

“*Lettre sur la musique Française*” visava um adversário em especial: Rameau. (2002, p.12).¹⁰⁴

Em 1753 escreve também O Discurso Sobre a Origem e os fundamentos da Desigualdade entre os Homens para concorrer a um novo concurso anunciado pela Academia de Dijon sobre “Qual é a origem da igualdade entre os homens e está ela autorizada por lei natural?”. Ele não ganhou, mas esse discurso é considerado muito superior ao primeiro¹⁰⁵. No caminho de volta à Genebra, em 1754, ele e Thérèse visitaram Madame de Warens. É reintegrado à fé protestante e a pedido do amigo Diderot escreve “Sobre a Economia Política” para a Enciclopédia.

A partir de 1756 muda-se com Thérèse e o gato de estimação para a casa conhecida como Hermitage, nas florestas de Montmorency, perto de Paris, de propriedade da senhora D’Epinay. Com quarenta e quatro anos de idade, em contato com a natureza teve um dos seus períodos mais férteis como pensador (PISSARRA, 2005, p. 24). Escreveu *Extrait du projet de paix perpétuelle*, *Polysinodie*, *Jugement sur la paix perpétuelle* e *Jugement sur la Polysinodie*. Escreveu o romance *Julia ou a nova Heloísa* e iniciou o *Emílio* e o *Contrato Social*¹⁰⁶. Em 1757, uma intrincada história entre amantes, envolvendo a Senhora D’Epinay, seu amante Grimm, a Sra. Sophie d’Houdetot amante de Saint-Lambert e de Rousseau que era amante de Thérèse e possivelmente de d’Epinay torna insustentável sua estada no Hermitage. Além disso, já se sabia a essa altura que Thérèse não era “babá”, pois não havia crianças para cuidar, a não ser o próprio Rousseau. Foi obrigado a deixar o Hermitage e se mudou para um chalé, ainda nas florestas de Montmorency, de propriedade do poderoso marechal Luxembourg. Termina de escrever *Júlia*. Escreve a Carta à D’Alembert sobre os espetáculos em resposta a um artigo sobre Genebra publicado por este na Enciclopédia em que falava de seu desejo que lá se instalasse um teatro, até então proibido.

¹⁰⁴ A discussão entre ambos parecia não ter fim. Rameau é nominado por Rousseau que fala do pouco efeito do canto francês num auditório armênio: Rousseau ataca-o implicitamente quando menciona os acordes chatos e ridiculariza o monólogo “*d’Armide*”. Rameau, então aos setenta anos desejava manter-se como mestre absoluto e incontestado da música francesa e em abril de 1754 replicou a Rousseau com suas “*Observations sur notre instinct pour la musique*”. Ao que se seguem “*les Erreurs sur la musique dans l’Encyclopédie*”, que refutavam artigos que haviam sido redigidos, em sua maioria por Rousseau, como *Accompagnement*, *accord*, *cadence*, *coeur*, *chromatic* e *dissonance*. Rousseau se sente prejudicado, mas Rameau estava obstinado e publica então: “*La suite des Erreurs sur la musique dans l’Encyclopédie* (1756), *Réponse à MM. les éditeurs de l’Encyclopédie sur le dernier avertissement* (1757), a *Réponse à La lettre de M. d’Alembert* (1761). (STAROBINSKI, 2002, p.12 e segs.)

¹⁰⁵ O Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens foi publicado em 1755 para Arbousse-Bastide; em 1754 para Strathern (2004, p. 28) e para Pissarra (2005, p. 23).

¹⁰⁶ Para Arbousse-Bastide. (1999, p. 10); iniciou O Emílio em 1758 segundo Pissarra (2005, p. 26).

Parece ter sido em 1757 o rompimento das relações amistosas entre Rousseau e Diderot¹⁰⁷. Este precisa das relações sociais não apenas em razão de sua atuação profissional, mas também como “fluído espiritual sem o qual não conseguia pensar”. Desta maneira o gosto de Rousseau pelo isolamento e solidão lhe parecia uma “aberração moral e espiritual” e considerava “o ímpeto indomável de Rousseau para a solidão como um capricho estranho”. Quando Diderot, em seu *Fils Naturel* (1757) fala que “só o mau ama a solidão”, Rousseau toma para si essas palavras entendendo-as como um recado a ele dirigido e pede satisfações ao seu amigo (CASSIRER, 1999, p.88).

Na noite de seu último encontro com Rousseau, Diderot escreve a Grimm: “Este homem me deixa intranquilo; em sua presença sinto-me como se uma alma amaldiçoada estivesse ao meu lado [...] Não quero voltar a vê-lo nunca mais; ele seria capaz de me fazer acreditar no inferno e no diabo” (DIDEROT, apud CASSIRER, 1999, p. 88).

Enquanto terminava o *Emílio*, em 1760, começava a escrever o *Contrato Social*¹⁰⁸. Por essa ocasião a nova *Heloísa* era um sucesso em Londres e em Paris, mas continuava a ser criticado por seu relacionamento com Thérèse e pelo abandono de seus filhos. Em 1761 sentia-se muito doente e achou mesmo que morreria. Providenciou um testamento, e encarregou Malesherbes de reunir suas obras e publicá-las e como isso tardava a acontecer, passou a supôs ser vítima de um complô, o que parece ter sido a primeira crise grave de seu delírio de perseguição que a partir de então só se agrava. Um editor de Amsterdã, Marc-Michel Rey pediu que escrevesse uma obra sobre sua vida. Escreve então quatro cartas autobiográficas a Malesherbes, onde relata seus problemas e conta sobre sua vida.

O contrato Social foi publicado em abril de 1762 e o *Emílio* em maio. A paz que teve para escrever essas que são suas mais importantes obras foi interrompida pela terrível notícia de que o *Emílio* fora condenado à fogueira pelo parlamento francês, antes mesmo de sua divulgação no país e que havia sido decretada a prisão de seu autor. Aconselhado por seus protetores, fugiu da França em 11 de junho em direção à Suíça. Mas sua obra também em

¹⁰⁷ Em 1757, Rousseau escreve uma carta a Diderot, quando ainda se encontrava no Hermitage e pedia que o amigo não fosse visitá-lo, pois diante da disposição em que ambos se encontravam, este poderia ser seu último encontro, expondo uma amizade que lhe era tão cara. Rousseau afirma que entre as tantas altercações, orgulhava-se de nunca ter sido o agressor, mas sempre Diderot. Continua o lamento por considerar-se uma pessoa feliz na sua solidão e se depara com os dizeres do amigo de que em última instância condenam sua opção de vida com a frase “só o mau ama a solidão”. Disponível em: <<http://visualiseur.bnf.fr/CadresFenetre?O=NUMM-205187&I=362&M=chemindefer>>, acesso em 29.10.2008

Em fevereiro de 1757 Rousseau escreve a Madame D'Épinay para, entre outros assuntos, agradecer-lá por ter sugerido que ele recebesse o amigo Diderot, que assim o fez e, segundo ele, passaram um dia delicioso juntos. Disponível em: <<http://visualiseur.bnf.fr/CadresFenetre?O=NUMM-205187&I=384&M=chemindefer>>, acesso em 29.10.2008. Desta maneira, está claro que o rompimento definitivo entre os dois aconteceu depois dessa data.

¹⁰⁸ Para Pissarra, 2005; em 1757 para Arbousse-Bastide.

Genebra foi condenada e queimada e seus opositores o perseguiram avidamente. Durante essa fuga descreveu no romance *Lévite d'Ephraïm*, sobre infortúnios de um jovem casal, que eram na verdade, suas próprias misérias. “*Le Lévite d'Ephraïm, s'il n'est pas le meilleur de mes ouvrages, en sera toujours le plus chéri*”¹⁰⁹ (ROUSSEAU. 2005b, p. 696)

Fugiu para Berna, Suíça¹¹⁰, de onde foi expulso e em 9 de julho de 1762 instalou-se em Môtiers, no principado Prussiano de Neuchâtel, sob a proteção de Frederico II, embora não lhe agradasse a idéia de lhe dever favores, pois ao contrário dos filósofos que o adulavam, sentia aversão por ele. Lá permaneceu por dois anos.

Ele conta que em Môtiers recebia quase tantas visitas quanto no Hermitage e em Montmorency. A diferença é que nestas últimas, os visitantes eram “gente de talento, de gosto” e no primeiro os visitantes não tinham “nenhum gosto pela literatura”, a “maior parte não havia sequer lido suas obras” e que não desejavam senão “visitar o ilustre, o célebre homem” (ROUSSEAU, 2005b, p. 723).

O Arcebispo de Paris, Christophe de Beaumont publica um texto intitulado *Mandement* condenando o Emílio, ao qual Rousseau responde com “Carta a Christophe de Beaumont”. A Sorbonne publica censura ao Emílio. Seus inimigos continuavam a investir contra suas obras e com a publicação das *Lettres Écrites de la Campagne*, de autoria de Jean Robert Tronchin (1710-1793), procurador geral, em que o *Emílio* sofria sérias críticas, resolve fazer publicar as *Lettres Écrites de la Montagne*, onde mantinha todas as afirmações contidas em seus textos condenados.

Em 1764 toma conhecimento de um panfleto intitulado O Sentimento dos Cidadãos, escrito por Voltaire, onde é severamente criticado por ser pai sem coração, hipócrita e amigo ingrato (ARBOUSSE-BASTIDE, 1999, p.11). Ele se sente profundamente ferido e começa então a escrever em quase mil páginas sobre acontecimentos em sua vida, suas opiniões e explicações sobre sua conduta: Confissões.

Em 1765 as Cartas Escritas da Montanha foram queimadas em Haia, Holanda, e em Paris. Sua casa foi apedrejada e teve que fugir de Môtiers em outubro. Foi para a ilha de Saint-Pierre, onde ficou pouco até ser expulso e a caminho de Berlim, parou em Strasbourg, onde assistiu a encenação de O Adivinho da Aldeia.

¹⁰⁹ O Levita de Efraim, se não é a melhor de minhas obras, será sempre a mais querida (tradução nossa).

¹¹⁰ Em 1848 a nova constituição faz de Berna a nova capital da Suíça.

Não estava sozinho. Ainda tinha o reconhecimento de admiradores, entre eles filósofos, como Buffon, cuja admiração por Rousseau foi marcada por cartas e demonstrações explícitas de respeito mútuo ¹¹¹.

Em 4 de julho 1766 partiu para a Inglaterra em companhia do filósofo escocês David Hume. Instalou-se primeiro em Chiswick e depois em Wootton. Hume empenhou-se em conseguir-lhe uma pensão do rei inglês e Davenport não teve êxito em convencê-lo a aceitá-la. Esse período foi particularmente produtivo para a redação de suas Confissões.

A convivência de Rousseau e Hume era difícil. Rousseau continuava com seus delírios de perseguição, doença que se agravou até a última página das Confissões que é “loucura pura” (ROLLAND, 1965, p. 17). Hume por sua vez mantinha amizade com os inimigos de Rousseau e fez publicar a *Exposé Succint*, um relato sobre a convivência dos dois, o que alarmou ainda mais a mente persecutória do filósofo alucinado.

No final de 1767 faz publicar o *Dictionnaire de Musique* e se muda para o castelo de Trye junto ao seu protetor, o Príncipe de Conti, onde permaneceu até 10 de junho de 1768. Visitou o túmulo de madame de Warens e em 30 de agosto, já então aos cinquenta e seis anos, casou-se no civil com Thérèse.

Numa fazenda, na região dos Alpes redigiu quase toda a segunda parte das Confissões e aproveitou o relevo da região para suas pesquisas botânicas, que agora eram bem mais intensas. Voltou para Paris, onde se dedicou ao trabalho de copista enquanto fazia leituras das Confissões para alguns amigos, que foram interrompidas pela polícia e algumas pessoas que temiam ser denunciadas. As Confissões não alcançaram o objetivo pretendido por seu autor e ao invés de respaldo viu todos unidos contra ele, principalmente os iluministas. Assumindo então que as suas Confissões haviam sido um fracasso no intento de expor suas idéias, em 1772 escreveu *Diálogos de Rousseau*, Juiz de Jean-Jacques, numa busca desesperada para mostrar a verdade (PISSARRA. 2005, p. 31). Também nesse ano aceita escrever *Considerações sobre o governo da Polônia*, a pedido do conde Wielhorski e redige *Cartas Elementares sobre a Botânica*. Aliás, começou a redigir um dicionário de termos usuais em botânica, *dictionnaire des termes d'usage em botanique* (1774), que não concluiu.

No verão de 1776 escreveu a História do precedente escrito (os diálogos) e no outono inicia os *Devaneios de um Caminhante Solitário*, obra interrompida por sua morte, dividida em doze “caminhadas” ou “passeios”. Mostrava-se mais sereno, menos acometido de seus delírios.

¹¹¹ Ver anexo III, Carta de Buffon a Rousseau.

Em 20 de maio de 1778, último mês de sua vida, retirou-se para um recanto harmonioso, Ermenonville, poucos quilômetros de Paris, pela gentileza do fidalgo Senhor Girardin e na manhã de 2 de junho de 1778 morria de edema cerebral. Graças aos esforços de Robespierre, seus restos mortais foram transportados tempos depois, durante a Revolução francesa, para o Panteon.

3.3. A Obra e alguns de seus comentadores

A herança literária de Rousseau é vasta¹¹² e não é a intenção desta dissertação esgotar as suas análises, críticas e considerações, fazendo um levantamento de tudo o que escreveu. Até porque seria uma pretensão muito difícil de se alcançar. Neste sub-capítulo foram selecionadas algumas de suas principais obras em função de sua relevância histórica e de sua anterior menção nos capítulos anteriores e por sua importância para se entender como pensava seu criador no decorrer dos anos em que elas foram sendo escritas.

“Tão intimamente... foram os escritos de Rousseau associados à sua vida que seria impossível compreendê-los sem o conhecimento detalhado de sua curiosa e notável trajetória” (HEARNshaw, apud CASSIRER, 1999, p.20).

Mas certamente

o valor objetivo de suas doutrinas independe da história pessoal de seu criador. O fato de que Rousseau confesse ter abandonado seus cinco filhos naturais num lar para crianças abandonadas não afeta os méritos do plano educacional presente no *Emílio*. Suas querelas paranóides com os Enciclopedistas podem iluminar seus motivos para publicar o *Contrato Social*, mas não invalidam (ou fortalecem) a lógica de sua teoria política. (CASSIRER, 1999, p. 20)

Interpretar Rousseau não é tarefa das mais simples.

Ele foi alternadamente chamado de racionalista e irracionalista; sua economia, descrita como socialista ou como fundada na santidade da propriedade privada; seus ensinamentos morais foram ora tachados de puritanos, ora de excessivamente emocionais e permissivos. (CASSIRER, 1999, p. 10).

Essas afirmações tão contrastantes em relação a ele e à sua obra, têm sua razão de ser. Cassirer afirma que

Rousseau era desafortunadamente cunhador de frases felizes. Lidas em seu contexto, elas eram normalmente elucidadas pelos argumentos sobre os

¹¹² Além dos muitos livros, ensaios e artigos, Rousseau escreveu e recebeu muitas cartas, que são hoje parte de sua história, e trazem alguma luz à quem deseje entender minimamente como pensava, e quem eram os personagens com quem discutia. Sobre as cartas Vide anexo V, que dá uma noção do volume e assuntos tratados.

quais repousavam. Tiradas do contexto [...], usadas como slogans, elas distorciam ou destruíam o sentido que Rousseau lhes queria dar. (CASSIRER, 1999, p.17-18).

E dá três exemplos, fragmentos de sua obra e que são alvos freqüentes de interpretações por parte de seus estudiosos. “*L’homme qui médite est un animal dépravé*”¹¹³ em *Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les hommes* (ROUSSEAU, 2005, p.68). Essa passagem tem sido comumente citada para acusar seu autor de desprezar o pensamento e a racionalidade. “*L’homme est né libre, et partout il est dans les fers*”¹¹⁴, em seu Contrato Social. Essa frase, segundo Cassirer, tem sido equivocadamente interpretada como um “hino de louvor ao individualismo extremo.” (CASSIRER, 1999, p.17-18).

O século XVIII foi o século em que a sociedade européia despertou para o espírito iluminista, que tinha como ênfase o racionalismo e deixava para trás as superstições medievais da renascença.

O racionalismo implicava em uma repressão dos sentimentos, o que parece não ter ocorrido na obra de Rousseau. Pelo contrário.

O aspecto específico e peculiarmente novo que Rousseau proporcionou à sua época parece residir no fato de libertá-la do domínio do intelectualismo. Às forças do entendimento reflexivo nas quais se baseia a cultura do século XVIII, ele opõe a força do sentimento; perante o poder da “razão” que examina e disseca, ele se torna o verdadeiro descobridor da paixão e de sua energia primitiva elementar. (CASSIRER. 1999, p. 20)

A sua Carta sobre a Música Francesa parece ter sido a primeira manifestação em favor do romantismo nas artes. *Julia*, ou a Nova *Heloísa* é considerada uma das obras que inauguram o romantismo, tratando de temas sobre a vida real e o amor entre um preceptor de meia idade e sua aluna. Descreve arroubos sentimentais, enlevos amorosos que fugiam à racionalidade instituída pelo iluminismo. Segundo Cassirer, “há muito a literatura havia desaprendido também a falar a linguagem do sentimento e da paixão”. (CASSIRER, 1999, p. 51).

Dentro da literatura do século XVIII, em 1740, portanto duas décadas antes da publicação da Nova *Heloísa*, Richardson publica *Pamela*, considerada uma virada para a “sentimentalidade” (CASSIRER, 1999, p. 87). Mas é certamente Rousseau que personifica a força do sentimento em sua obra. Ele não apenas a descreve, mas vive-a. É esse espírito que o racionalismo do século XVIII tentava combater.

¹¹³ O homem que medita é um animal depravado. (Tradução nossa).

¹¹⁴ O homem nasceu livre e por toda parte encontra-se a ferros. Contrato Social, frase de abertura do capítulo I, livro I. (Tradução nossa).

Quando ainda trabalhava em *A Nova Heloísa*, escreveu a Carta sobre os Espetáculos (1758), em que faz sérias críticas ao artigo de autoria de D'Alembert publicado na Enciclopédia. Segundo Rousseau o teatro não traria benefício à cidade natal e se opunha à sua instalação. D'Alembert era a favor.

Vê-se bem, na sua terceira “carta” (a d'Alembert) sobre os Espetáculos – a torrente de eloquência apaixonada que inflamava a opinião. Ela já é, sob certos aspectos, um discurso da Revolução. Intimidado, d'Alembert – o sábio ilustre, membro de cinco ou seis academias, não terça armas com este desconhecido de ontem que não tinha outro título senão aquele de cidadão genebrino. “Seria muito perigoso lutar contra uma pena como a vossa... Soubestes agradar à multidão, pelo próprio desprezo que demonstrastes por ela...” e D'Alembert o compara à Lutero! (ROLLAND, 1965, p. 153).

Rousseau se regozija ao dizer que sua Carta à D'Alembert foi um sucesso. Que todas suas obras foram, mas essa foi a mais favorável ¹¹⁵.

De acordo com Cassirer (1999, p. 87) “D'Alembert não somente uma cabeça genial, mas também uma natureza nobre e distinta, esforçou-se visivelmente ao julgar Rousseau para fazer jus ao velho adversário. Ele lhe atribui grandes méritos literários e um calor pessoal que apenas poucos escritores possuem”. Cassirer continua dizendo que quando D'Alembert, “firme e comedido, prudente e superior”, fala sobre a força impetuosa do temperamento de Rousseau, está apenas a se proteger dessa força, temendo que no contato com ela, acabe por perder “a ordem e a clareza, a segurança metódica de seu mundo espiritual e ser atirado ao caos da sensualidade”.

Após *Julia*, Rousseau se entrega, a partir de 1758 ¹¹⁶, à empreitada de escrever um romance em formato de ficção, *Emílio*, ou sobre a Educação (PISSARRA, 2005, p 26). Ele conta a história de como um filho de um homem rico é educado por seu preceptor e a narração é intercalada por suas teorias e ilações sobre como a educação deveria ser conduzida. Antes de Rousseau, crianças eram consideradas apenas pequenos adultos, toscos, incapazes e intratáveis, entregues às babás, usualmente de classes sociais baixas e, portanto, sem cultura e igualmente toscas. Eventualmente, filhos da classe alta tinham sua educação entregue a preceptores. Chama “a atenção para uma questão pouco importante na época, a observância e

¹¹⁵ “Ma Lettre à d'Alembert eut un grand succès. Tous mes ouvrages en avaient eu; mais celui-ci me fut plus favorable. Il aprit au public à se défier des insinuations de la coterie holbachique” . (ROUSSEAU, 2005b, p. 600).

¹¹⁶ Essa autora menciona que o *Emílio* foi iniciado nesse ano e que quando o terminava em 1760, iniciou a redação do *Contrato Social*. Rousseau conta em *Confissões*, (2005b, p. 616), que uma boa parte das Instituições Políticas estava rascunhada, mas ainda precisava de aperfeiçoamento e alguns anos de trabalho. Então manteve o que podia e queimou o resto. Sem parar o trabalho do *Emílio*, em menos de dois anos, tinha completado o *Contrato Social*.

o respeito pelo desenvolvimento da criança, refletindo sobre momentos significativos de sua educação, tais como a descoberta dos sentidos, as emoções, a consciência, o pensamento, a moral, entre outros” (PISSARRA, 2002, p. 26).

O Emílio e o Contrato Social foram escritos simultaneamente e se relacionam.

Ambas [obras] têm os seus fundamentos na liberdade essencial do homem natural, que a educação deve proteger, que o legislador deverá realmente amparar. Ambos são os livros mais ousados e mais fecundos que saíram da pena de Rousseau, e que foram concebidos pelo espírito pré-revolucionário do século XVIII (ROLLAND, 1965, p. 202).

O quarto livro, ou quarto capítulo, traz A Profissão de fé do Vigário da Savóia e que é praticamente uma obra à parte. A questão da educação religiosa foi tratada nesse capítulo. “Pela sua amplitude e pelo seu fervor, essas sessenta páginas constituem a iluminação capital da vida de Rousseau e do pensamento filosófico e religioso do século XVIII” (ROLLAND, 1965, p. 211).

Rousseau faz críticas à arrogância dos filósofos, tratando-os como “afirmativos, dogmáticos, até mesmo no seu pretensioso ceticismo; nada ignorando, nada provando, rindo uns dos outros [...]. Ouvi-los não era o meio de sair da minha incerteza”. (ROUSSEAU, apud ROLLAND. 1965, p.213)

Faz também críticas aos padres, pastores, e ao fanatismo, que segundo ele é mais pernicioso que o ateísmo. Nesse particular, Rousseau faz menção a Bayle (1647-1706) que foi o autor dessa afirmação, com o que ele concorda. Mas ressalta que

Por mais sanguinário e cruel que seja, o fanatismo é uma paixão forte que eleva o coração do homem, que o leva a desprezar a morte, que lhe dá uma força prodigiosa e que bem dirigido, com ele se constroem as mais sublimes virtudes; enquanto a irreligião e em geral o espírito raciocinador e filosófico, liga os indivíduos à vida, efeminiza e avilta as almas, concentra todas as paixões na baixeza do interesse particular, na objeção do eu humano, e solapa assim, ruidosamente, os verdadeiros fundamentos de toda sociedade. [...] Se o ateísmo não faz verter sangue aos homens, é mais por indiferença pelo bem do que por amor da paz. Que tudo continue como sempre, desde que aquele que se pretende sábio possa ficar no repouso de seu gabinete. Os seus princípios não chegam ao ponto de matar homens, mas impedem que nasçam outros, destruindo os costumes que os multiplicam, destacando-os da sua espécie, reduzindo todas as suas forças a um egoísmo secreto, tão funesto à população como à virtude. A indiferença filosófica assemelha-se à tranqüilidade do Estado que vive sob o despotismo: é a tranqüilidade da morte, que é mais destrutiva que a própria guerra. Assim, o fanatismo embora mais funesto nos seus efeitos imediatos do que o que hoje se denomina de espírito filosófico, o é bem menos nas suas conseqüências. (ROUSSEAU, apud ROLLAND. 1965, p. 221-222).

Alguns filósofos defendiam o ateísmo, mas a maioria deles, a exemplo de Rousseau era deístas¹¹⁷, mas recusavam a religião e seus dogmas, principalmente os da religião católica. O século das Luzes teve como tema central as críticas à autoridade política e a intolerância religiosa e a enciclopédia foi acusada de promover e incentivar a irreligiosidade e a falta de fé.

Desta forma, Rousseau consegue galvanizar contra si o “fanatismo ateu” e o “fanatismo devoto”. Dias após o aparecimento do Emílio na Holanda, o Parlamento Francês o condenou a fogueira e decreta a prisão de seu autor, que aconselhado pelos amigos, fugiu para a Suíça.

Não obstante ter sido condenado, Emílio fala sobre tolerância, dedicação, natureza, religião, justiça, humildade e respeito a Deus, sobre o orgulho e o preconceito. Mas se Rousseau defende a existência de Deus por que o livro foi condenado?

Algumas de suas afirmações e idéias, além das já expostas anteriormente podem ser as possíveis explicações para ele ter despertado tanta ira contra si: ele diz que não precisa de ninguém para lhe ditar seu relacionamento com Deus, pois Ele perceberá a sinceridade de seu coração, independentemente dos cerimoniais e dogmas das diversas religiões; o bem e o mal são de autoria do próprio homem, que vive o céu e o inferno aqui mesmo; a razão, não os outros, é a única fonte que lhe permite conhecer o bem e o mal e orientá-lo no caminho da virtude e justiça; o mal e o bem são resultados do livre arbítrio e não de Deus; as religiões reveladas impõem dogmas de difícil compreensão e oferecem como guias, não a natureza, mas representantes que se dizem escolhidos; as religiões reveladas tiranizam a razão com suas verdades e cada uma delas se acha a mais verdadeira.

Nessa obra pode-se observar sua preocupação com o outro, quando descobre os sentimentos de amor e ódio, as primeiras noções entre o bem e o mal, justiça e bondade e percebe as diferenças entre as pessoas e ao “perceber diferenças entre ele e seus semelhantes, descobre a desigualdade natural e civil” e se dá conta da impossibilidade de se estudar homens e sociedade separadamente (PISSARRA, 2005, p.63).

Não logrei êxito em encontrar um autor que mencionasse expressamente ser o Emílio uma obra com traços de trabalho “antropológico”, exceto, por essa breve passagem em Pissarra. Mas certo é que não se pode desprezar a preocupação de Rousseau com a diversidade e as diferenças, nessa obra.

¹¹⁷ “Ma lecture ordinaire du soir était la Bible, et je l’ai lue entière au moins cinq ou six fois...” (ROUSSEAU, 2005b, p. 688) “minha leitura diária noturna era a Bíblia e eu a li inteira pelo menos cinco ou seis vezes”. (tradução nossa).

O Contrato Social foi publicado em abril de 1762 algumas semanas antes do Emílio. Os editores do Emílio foram morosos e a rapidez de Marc-Michel Rey, um editor de Amsterdã, a quem foi confiado o Contrato frustraram o programado por Rousseau que esperava ver seu Emílio publicado antes do Contrato.

Fato é que a concepção das idéias do Contrato já permeava sua mente há mais de uma década e ele menciona nas Confissões que as Instituições Políticas eram o assunto de que se ocupava com prazer e pelo qual gostaria de ver sua reputação selada.

Des divers ouvrages que j'avais sur le chantier, celui que je méditais depuis plus longtemps, dont je m'occupais avec le plus de goût, auquel je voulais travailler toute ma vie, et qui devait, selon moi, mettre le sceau à ma reputation, était mes Institutions politiques. Il y avait treize à quatorze ans que j'en avais eu quelque occasion de remarquer les défauts de ce gouvernement si vanté. Depuis lors mes vues s'étaient beaucoup étendues par l'étude historique de la morale. J'avais vu que tout tenait radicalement à la politique, et que, de quelque façon qu'on s'y prît, aucun peuple ne serait jamais que ce que la nature de son gouvernement le ferait être ; ainsi cette grande question du meilleur gouvernement possible me paraissait se réduire à celle-ci : Quelle est la nature du gouvernement propre à former un peuple le plus vertueux, le plus éclairé, le plus sage, le meilleur enfin, à prendre ce mot dans son plus grand sens ? [...] quel est le gouvernement qui par sa nature, se tient toujours le plus près de la loi ? [...] Je voyais que tout cela me menait à de grandes vérités, utiles au bonheur du genre humain, mais surtout à celui de ma patrie, où je n'avais pas trouvé, dans le voyage que je venais d'y faire, les notions des lois et de la liberté assez justes ni assez nettes à mon gré : [...]

Quoiqu'il y eût déjà cinq ou six ans que je travaillais à cet ouvrage, il n'était enconre avancé. Les livres de cette espèce demandent de la méditation, du loisir, de la tranquillité¹¹⁸. (ROUSSEAU, 2005b, p. 491)

Em meio a uma vasta obra repleta de “romances filosóficos, cartas polêmicas e discursos acusatórios”, numa linguagem passional, enérgica, “ímpiedosa e por vezes áspera”, surge o contrato, “sóbrio, amargo e forte”, fruto de muita meditação “num plano de verdadeira

¹¹⁸ “Das diversas obras que eu tinha no estaleiro, aquela sobre a qual eu meditava há longo tempo, com a qual eu me ocupava com mais gosto, aquela com a qual eu queria trabalhar toda minha vida, e que deveria, a meu ver, selar minha reputação, eram minhas *Instituições Políticas*. Há treze ou quatorze anos eu havia concebido a primeira idéia, desde que em Veneza eu tive oportunidade de observar os erros desse governo tão enaltecido. Desde então meus objetivos se estenderam muito ao estudo histórico da moral. Eu percebi que tudo se estendia radicalmente à política e que de qualquer maneira, nenhum povo será jamais senão o que a natureza de seu governo o fizer ser; assim esta grande questão do melhor governo possível me parece se reduzir a isto: Qual é a natureza do governo própria a formar um povo mais virtuoso, mais esclarecido, mais sábio, o melhor enfim à tomar a palavra em seu amplo senso? [...] Qual o governo que, por sua natureza, está sempre mais próximo da lei? Por outro lado, o que é a lei? Eu via que tudo isso me conduzia a grandes verdades, úteis à sorte do gênero humano, mas sobre tudo à minha pátria, onde eu não encontrei, na viagem que eu acabava de fazer, as noções de lei e de liberdade suficientemente justas nem claras à minha vontade: [...]

Embora há cinco ou seis anos eu trabalhasse nessa obra, ela não havia avançado. Os livros dessa espécie demandam meditação, lazer, tranqüilidade”. (tradução nossa).

universalidade” (MACHADO, 1978, p. 6) e não apenas feito no calor das emoções e ao sabor do momento por que passava.

O Contrato trata de questões sobre a política, soberania, escravidão, lei, pacto social, formas de governo. “O objetivo em mira é a organização geral da sociedade, os seus princípios fundamentais e as regras institucionais do que hoje chamamos de ‘ordem pública’”. (MACHADO, 1978, p. 22).

Logo no primeiro capítulo surge a frase “o homem nasceu livre e por toda a parte encontra-se a ferros” com a qual ele pretende mostrar a passagem da liberdade natural à liberdade convencional. Para isso importa conhecer a significação de pacto social, segundo o qual quando os homens se deparam com dificuldades ou obstáculos difíceis de transpor individualmente, associam-se, envidando esforços em grupo, em prol de sua conservação. Assim, há um contrato coletivo pelo qual cada indivíduo se compromete com o coletivo, ou seja, com essa sociedade e

há uma alienação total de cada associado, com todos os seus direitos, à comunidade toda, porque, em primeiro lugar, cada um dando-se completamente, a condição é igual para todos, e, sendo a condição igual para todos, ninguém se interessa por torná-la onerosa para os demais. (ROUSSEAU, 1978, p.32).

Durkheim afirma que o problema fundamental do contrato social formulado no capítulo VI, livro I é “encontrar uma forma de associação de estado civil, na qual as leis se superponham, sem violar as leis fundamentais do estado de natureza”. Para isso é preciso em primeiro lugar “determinar o que é estado de natureza” e em segundo “pesquisar como os homens fundando sociedades são levados a sair dessa condição primeira” (DURKHEIM, 1966, p. 115).

É considerada uma obra prima de Rousseau.

Em resposta à *Lettres Écrites de la Campagne* (1762), de autoria do procurador geral de Genebra, Tronchin, Rousseau escreve *Lettres Écrites de la Montagne*, publicadas em 1764. De acordo com Launay,

Sur le plan de la composition de l’ouvrage, la supériorité de Rousseau est donc indiscutable. Rousseau et Tronchin ont en commun la rigueur du ton et la netteté de la pensée, mais il manque à Tronchin l’habilité nécessaire pour faire entrer le lecteur à l’intérieur même du livre, comme le fera Jean-Jacques¹¹⁹. (LAUNAY, 1969, p. 161).

¹¹⁹ No que diz respeito à composição da obra, a superioridade de Rousseau é indiscutível. Rousseau e Tronchin têm em comum o rigor do tom e a clareza de pensamento, mas falta a este a habilidade necessária para fazer o leitor entrar no interior do livro, como o fará Jean-Jacques. (tradução nossa).

Nessa obra, Rousseau demonstra não só o rigorismo e clareza ao se expressar. Ele usa os tons pessoais, que tocam e prendem o leitor ao texto, mesclando tons didáticos e neutros aos lamentos amargos ou indignados. A comparação entre os dois autores é inevitável, já que as duas obras se relacionam. No entanto, parece ter a obra de Tronchin caído no esquecimento, ou mencionada, quando se está a tratar da réplica enquanto a de Rousseau é lida e estudada nos dias de hoje. (LAUNAY, id, p. 159 - 160).

Não obstante opiniões diversas acima mencionadas, nas suas confissões, Rousseau classifica Tronchin como “homem de espírito, esclarecido, muito versado nas leis e no governo da república” e sua obra “escrita com uma arte infinita” e um “monumento durável de raros talentos de seu autor”¹²⁰.

As Confissões é uma obra altamente reveladora. É certo que encontramos a sua versão dos fatos ocorridos em sua vida. Mas fato é que se “tornou uma síntese completa do autor como homem, romancista, filósofo e educador” (ARBOUSSE-BASTIDE; MACHADO, 1978, p. XII). Em quase mil páginas Rousseau procura explicar sua vida e seu pensamento.

Escrever uma espécie de “memórias” já estava há muito em seus planos, pois por ocasião de sua abrupta e forçada fuga de Montmorency em 11 de junho de 1762, ele relata que “Depuis que j’avais résolu d’écrire un jour mes Mémoires, j’avais accumulé beaucoup de lettres et autres papiers, de sorte qu’il fallut plusieurs voyages”¹²¹. (ROUSSEAU, 2005b, p. 690).

¹²⁰ “Ces autercations produisirent diverses brochures qui ne décidaint rien, jusqu’à ce que parurent tout d’un coup les Lettres écrites de la Campagne, ouvrage écrit en faveur du Conseil, avec un art infini, et par lequel le parti représentant, réduit au silence, fut pour un temps écrasé. Cette pièce, monument durable des rares talents de son auteur, était du Procureur général Tronchin, homme d’esprit, homme éclairé, très versé dans les lois et le gouvernement de la République. Siluit terra”. (ROUSSEAU, 2005b, p. 722)

¹²¹ “desde que decidira escrever um dia minhas memórias eu acumulei muitas cartas e outros papéis, de sorte que eram necessárias muitas viagens”. (tradução nossa).

4 A OBRA EM ESPECIAL SOBRE ANTROPOLOGIA

Ao iniciar este trabalho, três obras de Rousseau foram selecionadas para figurarem neste subitem e que trazem em seu bojo o que hoje chamamos de pensamento antropológico. No decorrer das pesquisas pudemos perceber que a obra de Rousseau deve ser considerada em seu conjunto, como já mencionamos anteriormente. Em praticamente todas aquelas consideradas ou julgadas as maiores, sobressai a sua preocupação e relevante contribuição para o pensamento social, e para o estudo das diferenças, cultura e diversidade.

Mesmo assim, a forma foi mantida por questões didáticas, mas não deve ser considerada como secção ou divisão da obra, tampouco exclusão ou abandono do conteúdo antropológico indiscutivelmente existente em obras outras.

4.1 O Discurso sobre as Ciências e as Artes (1749)

Sua primeira obra foi composta aos trinta e três anos de idade. Em *Confissões*, Rousseau conta que ia a pé visitar o amigo Diderot na prisão todos os dias. No caminho ia lendo um número do *Mercure de France*¹²², um semanário, que trazia um concurso promovido pela Academia de Dijon, lançando a pergunta: “Si le rétablissement des Sciences et des Arts a contribué à épurer les moeurs”. Logo nas primeiras linhas ele refaz a pergunta acrescentando “ou à corrompre les Moeurs”.

“À l’instant de cette lecture je vis un autre univers, et je devins un autre homme” (ROUSSEAU, 2005b, p. 430)¹²³.

Chegando à prisão, estava eufórico e mostrou o que havia escrito a Diderot, que o incentivou a dar continuidade às suas idéias e concorrer ao prêmio. Assim o fez “*et dès cet instant je fus perdu. Tout le reste de ma vie et de mes malheurs fut l’effet inévitable de cet instant d’égarement*”¹²⁴.

Ele descreve o momento em que toma conhecimento do concurso e quando se põe a escrever como um momento de extrema emoção e inspiração.

Bouchardy que assina a Introdução do primeiro Discurso traz uma versão diferente para a descrição de Rousseau. Testemunhos “inconciliáveis” de Marmontel, Iselin, Morellet,

¹²² *Mercure de France* é a gazeta literária mais importante da época e seu primeiro número foi publicado em 1672 (ROUSSEAU, 2005b, p. 828)

¹²³ No instante dessa leitura eu vi um outro universo e me tornei um outro homem (tradução nossa).

¹²⁴ E a partir desse instante eu estava perdido. Todo o resto de minha vida e de meus males foram o efeito inevitável dessa loucura. (tradução nossa).

Madame Charrière e Helvetius têm em comum a afirmação de que Rousseau não havia decidido que partido tomar, em resposta á questão da Academia e consultou Diderot que teria dito a ele que tomasse o que ninguém tomaria. (2002, p. 11).

Importante ressaltar que o momento histórico europeu passava por profundas transformações, em que a Idade Média exalava seus últimos suspiros, dando lugar à Renascença e ao movimento iluminista.

Para Arbousse-Bastide (1999) e para Roger (1971) a questão proposta por Dijon, se tratava justamente sobre o renascimento das ciências e artes após a Idade Média. Arbousse-Bastide (1999, p. 185) afirma que Rousseau deu um sentido bem geral ao tema proposto pela Academia deixando de falar sobre o movimento renascentista. Roger considera que a Academia de Dijon havia tentado reviver um antigo debate sobre o “restabelecimento das ciências e das artes após a noite da Idade Média” e que Rousseau deliberadamente negligenciou o “quadro histórico imposto pela questão” (1971, p. 12).

De fato a ênfase de Rousseau pode ter recaído sobre outras questões, mas não passou em branco sua opinião sobre a Idade Média e logo no início do Discurso ele se refere a esse período como “barbárie dos primeiros tempos”, o que segundo a interpretação de Arbousse-Bastide denota seu preconceito em relação àquele momento, o que parece ter sido um ponto em comum com os filósofos de seu século e mesmo do século seguinte.

A liberdade original que o homem desfrutava na natureza é substituída, segundo Rousseau, pela escravidão das ciências e artes. O homem se vê forçado ao uso dos trajes refinados, aos modos delicados, urbanidade de costumes, a polidez no trato, linguagem apurada e tantas outras posturas sociais que se revelam apenas aparência, nada havendo de verdadeira virtude. Desta forma, as ciências e as artes são características incompatíveis com a virtude, uma vez que a virtude pressupõe hábitos naturais, o que só é encontrado no âmbito da natureza. Para ele dificilmente tantas qualidades boas andam juntas e sob ricos trajes se pode conhecer um homem opulento, mas não se deduz disso o bom caráter. Vai ainda mais longe dizendo que “a aparência não é menos estranha à virtude, que constitui a força e o vigor da alma”. Assim para combater, o homem de bem não precisa dos ornamentos, que só pesam e atrapalham no emprego da sua força e foram inventados para cobrir uma “deformidade qualquer”. (ROUSSEAU, 1999, p.191).

Roger, citando Rousseau, resalta uma questão que reputa grave e que pode esconder a origem de nossos males:

faut-il croire que, dans ‘la simplicité des premiers temps’, les hommes étaient ‘innocents et vertueux’ et qu’ils ont été corrompus par les sciences et

les arts, ou faut-il admettre au contraire que ‘les hommes sont pervers’ et que ‘les sciences et les arts doivent (...) leurs naissances à nos vices’.¹²⁵ (ROGER, 1971, p. 14).

Ele considera que as letras e as artes tiveram efeito danoso às antigas civilizações como Grécia, China, Egito e Roma, que sucumbiram em razão delas. Ele explica que antes de nossos modos serem polidos, prevaleciam costumes rústicos, mas naturais, permitindo que os homens tivessem segurança de se “penetrarem reciprocamente” sem a máscara, sem os superficiais costumes adquiridos por força de um ordenamento social. Com um modelo de polidez e decoro a ser seguido, o homem apenas se submete às regras e aos usos e nunca ao seu “gênio” (ROUSSEAU, 2002a, p. 32).

Para Rousseau a cultura apresenta progressos, mas também o luxo e a riqueza que avançam em consonância com o poder político – sem limites, em alguns casos – de poucos. Assim aquela é feita refém destes. Segundo ele os próprios filósofos desfrutavam do luxo e dos excessos proporcionados pelos déspotas e que eles mesmos tanto criticam em seus escritos. O luxo seria indício de riqueza. Mas a riqueza não é garantia de sucesso, de êxito ou força e dá exemplos históricos de várias guerras travadas entre povos reconhecidamente fortes contra fracos, vencidas por estes; duas repúblicas, a rica e a pobre, disputando entre si o poder sobre um vasto território cuja disputa foi vencida por aquela desprovida de recursos. Com isso ele conclui que o dinheiro pode prover tudo, exceto costumes e cidadãos. Para ele cabe aos impérios escolher entre serem brilhantes e momentâneos ou virtuosos e duráveis. (ROUSSEAU, 2002a, p.44).

Na resposta à carta do rei da Polônia, Rousseau justifica suas posições considerando que “La science est très bonne em soi, cela est évident; et il faudroit avoir renoncé au bon sens, pour dire le contraire. L’Auteur de toutes choses¹²⁶ est la source de la vérité”¹²⁷. (2002a, p.60). Então ele questiona o fato de que em sendo a ciência uma criação tão sublime, nascida de uma fonte tão pura, como pode dar origem a tantas maldades, torpezas e uma enormidade de atos desprezíveis? Ele responde ponderando que as ciências não são feitas para o homem. No discurso ele afirma que apenas Deuses ou grandes homens de gênio, como Sócrates podem ter contato com resultados positivos com a ciência.

¹²⁵ Há que se acreditar que na simplicidade dos primeiros tempos, os homens eram inocentes e virtuosos e que eles foram corrompidos pelas ciências e as artes, ou é preciso admitir ao contrário, que os homens são perversos e que as ciências e as artes devem (...) seu nascimento aos nossos vícios. (Tradução nossa).

¹²⁶ Deus.

¹²⁷ A ciência é muito boa em si mesma, isso é evidente, e seria preciso ter renunciado ao bom senso para dizer o contrário. O autor de todas as coisas é a fonte da verdade. (tradução nossa).

De acordo com ele as ciências nasceram da ociosidade, que por seu turno a nutrem. E se a ociosidade foi perniciosa para as guerras, muito mais o foi para as qualidades morais, segundo Rousseau. As crianças, continua, são enviadas às mais caras escolas, mas sobram-lhes informações desnecessárias e faltam-lhes os ensinamentos do “que devem fazer sendo homens e não o que devem esquecer” (ROUSSEAU, 1999, p.209) ¹²⁸. Aqui aparecem suas primeiras considerações sobre a educação, que antecedem o Emílio, mas que já haviam por ele sido iniciadas durante o tempo que passou como preceptor na casa do senhor Mably.

De acordo com Launay, da análise de todos os concorrentes Rousseau e seu primeiro discurso se sobrepõem aos demais não só pelo estilo, mas porque ele politizou a questão da moral proposta pela Academia, usando a força e o calor de sua eloquência, mostrando já um claro “sinal de sua ousadia, ainda prudente, mas indiscutível, de sua escolha política” (LAUNAY, 1969, p.12). Launay afirma que a tendência republicana do primeiro discurso era muito clara para que fosse detectada por seus contemporâneos, fossem eles simples leitores, fossem críticos literários da época. Afirma esse autor que o corpo do discurso é todo monarquista e sua conclusão é republicana. Mas há que se compreender que emprega a palavra monarquismo várias vezes no corpo do texto, a maior parte do tempo em tom de ironia e pejorativo.

Apesar de ser considerada por comentadores e por ele mesmo a menos brilhante de suas obras, mostra já nesse momento preocupação com a questão da cultura e suas diferentes sociedades, antigas ou atuais. De acordo com Machado (1999, p. 214) nesse século em que os pensamentos iluministas chegavam ao seu fastígio, os filósofos buscavam demonstrar como era possível ao homem, pelo uso da razão se desvencilhar dos seus desvios de ordem natural universal, para alcançarem a felicidade individual e coletiva. Rousseau, ao contrário, “fez da sua consciência um guia mais seguro do que a razão, e da moral, a verdadeira ordem natural”. Assim, Rousseau inicia nesta obra a ruptura com o sistema vigente, anunciando-se uma nova ordem de pensamento, à qual ele mesmo se dedicou em suas obras subsequentes.

¹²⁸ O próprio Rousseau conta o costume entre os Persas. O filho mais velho da sucessão real era levado ainda pequeno e criado por um eunuco, que tinha reconhecidas virtudes e era encarregado de manter o pequeno corpo sã. Aos sete anos a criança aprendia a caçar e a montar. Aos quatorze era colocado aos cuidados de quatro homens da nação: o mais sábio, o mais justo o mais comedido e o mais valente, que lhe ensinavam respectivamente a religião, a ser sempre sincero, a dominar a cupidez e a nada temer. Assim, para Rousseau todos o ensinavam como ser bom, não como se tornar um sábio. (ROUSSEAU, 1999, p. 209).

4.2 O discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens (1754).

Esse discurso foi escrito em atenção à proposição da Academia de Dijon à seguinte questão: Qual a origem da desigualdade entre os homens e será ela permitida pela lei natural? Rousseau decidiu concorrer novamente e para escrever essa obra se retirou para uma floresta perto de Saint-Germain, afastando-se do convívio das pessoas. Dessa vez não ganhou o prêmio, que foi concedido ao padre Talbert, um conhecido autor de inúmeros sermões, elogios, peças e poesias e freqüentemente laureado pelas academias da província. (ARBOUSSE- BASTIDE, 1978, p. 203 e 212).

Consta que a segunda versão, em relação aos originais da primeira versão, foi consideravelmente atenuada em relação à violência dos ataques anticlericais. Rousseau queria evitar que a discussão ficasse no plano religioso, preferindo atacar mais intensamente a desigualdade política (LAUNAY, 1969, p. 12).

Nesse discurso, Rousseau analisa duas espécies de desigualdade: a natural ou física e a moral e política. Analisa a desigualdade no estado da natureza e no estado de civilização, ou, natureza e cultura. Esse discurso é considerado muito superior ao primeiro e o próprio Rousseau assim o considera.

Mas, além dessa análise sobre as diferenças, quando trata sobre a desigualdade, ele dá os primeiros delineamentos sobre o que hoje entendemos ser etnologia.

On admire la magnificence de quelques curieux qui ont fait ou fait faire à grands frais des voyages en Orient avec des savants et des Peintres, pour y dessiner des mesures et déchiffrer ou copier des Inscriptions ; mais j'ai peine à concevoir comment dans un Siècle où l'on se pique de belles connaissances, il ne se trouve pas deux hommes bien unis, riches, l'un en argent, l'autre en génie tous deux aimant la gloire et aspirant à l'imortalité, dont l'un sacrifie vingt mille écus de son bien et l'autre dix ans de sa vie à un célèbre voyage autour du monde ; pour y étudier, non toujours des pierres et des plantes, mais une fois les hommes et les mœurs [...]

[...] toute la terre est couverte de Nations dont nous ne connaissons que les noms, et nous nous mêlons de juger le genre –humain ! supposons un Montesquieu, un Buffon, un Diderot, un Duclos, un d'Alembert, un Condillac, ou des hommes de cette trempe voyageant pour instruire leurs compatriotes, observant et décrivant comme ils savent faire, la Turquie, l'Égypte, la Barbarie, l'Empire de Maroc, la Guinée, le pays de Caffres, l'intérieur de l'Afrique et des côtes Orientales, les Malabres, le Mogol, les rives du Gange, les Royaumes de Siam, de Pegu et d'Ava, la Chine, la Tartarie, et surtout le Japon ; puis dans l'autre Hémisphère le Mexique, le Pérou, le Chili, les Terres Magellaniques, sans oublier les Patagons vrais ou faux, le Tucuman, le Paraguay s'il était possible, le Brésil, enfin les Caraïbes, la Floride et toutes les contrées Sauvages, voyage le plus important de tous

et celui qu'il faudrait faire avec le plus soin ; supposons que ces nouveaux Hercules, de retour de ces courses mémorables, fissent ensuite à Loisir l'Histoire naturelle Morale et Politique de ce qu'ils auraient vu, nous verrions nous mêmes sortir un monde nouveau de dessous leur plume, et nous apprendrions ainsi à connaître le nôtre [...] (ROUSSEAU. 2005a, p. 143)¹²⁹.

Rousseau traz aqui a descrição do que fariam etnógrafos observando as diferenças entre as sociedades, descrevendo e analisando a vida social dos diferentes povos mencionados, o que traria à sociedade o conhecimento do outro e de si mesma.

Lévi-Strauss tece suas considerações a respeito da passagem rousseauiana acima transcrita:

Não será a etnologia contemporânea, seu programa e seus métodos, que acabamos de traçar aqui? Não são os nomes ilustres citados por Rousseau os mesmos que os etnógrafos de hoje tomam para modelos, sem pretender igualá-los, mas convencidos de que somente seguindo-lhes o exemplo poderão conferir à sua ciência um respeito que lhe foi durante muito tempo, regateado?

Rousseau não se limitou a prever a etnologia: ele a fundou. Inicialmente de modo prático, escrevendo este *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*. Nele se pode ver o primeiro tratado de etnologia geral, onde se coloca o problema das relações entre a natureza e a cultura. No plano teórico, distinguindo, com uma clareza e uma concisão admiráveis, o objeto próprio do etnólogo dos objetos do moralista e do historiador: [...] (LÉVI-STRAUSS. 1989, p. 43).

E Lévi-Strauss continua afirmando ser o Discurso sobre a desigualdade o ensinamento propriamente antropológico de Rousseau, “que reside numa concepção do homem que coloca o outro antes do eu, e uma concepção da humanidade que, antes dos homens afirma a vida”. Desta maneira, segundo esse autor, acredita-se que com o surgimento da sociedade deu-se

¹²⁹ Admira-me a magnificência de alguns curiosos que fizeram ou constituíram grandes gastos em viagens ao oriente com sábios e pintores, para lá desenhar as medidas ou decifrar ou copiar inscrições; mas tenho dificuldade em conceber que num século onde se vangloriam de grandes conhecimentos, não se encontrem dois homens bem ligados, ricos, um em dinheiro o outro em gênio, ambos amando a glória e aspirando a imortalidades, um que sacrifique vinte mil escudos de sua fortuna e o outro dez anos de sua vida a uma célebre viagem ao redor do mundo; para estudar, não apenas as pedras e as plantas, mas ao menos uma vez, estudar os homens e os modos. [...]

Toda a terra está coberta de nações das quais conhecemos apenas os nomes e nós nos atrevemos a julgar o gênero humano! Suponhamos um Montesquieu, um Buffon um Diderot, um Duclos, um d'Alembert, um Condillac, ou homens dessa têmpera viajando para instruir seus compatriotas, observando e descrevendo como eles sabem fazer, a Turquia, o Egito, a Barbária, o Império do Marrocos, a Guiné, o país de Cafres, o interior da África e suas costas orientais, os Malabares, o Mogol, os rios do Gange, os reinos do Sião, de Pegu e de Ava, a China, a Tartária e sobretudo o Japão; depois no outro hemisfério o México, o Peru, o Chile, as Terras Megelânicas, sem esquecer os Patagões verdadeiros ou falsos, o Tucuman, o Paraguai e se possível o Brasil, enfim as Caraíbas, a Flórida e todas as regiões selvagens, a viagem mais importante de todas e que deverá ser feita com o maior cuidado; suponhamos que esses novos Hércules, de retorno de suas jornadas memoráveis, escrevessem à vontade a história natural, moral e política daqueles que eles houvessem visto, nós veríamos surgir um mundo novo sob suas plumas e nós aprenderíamos assim à conhecer o nosso [...]. (tradução nossa).

uma tríplice passagem “da natureza à cultura, do sentimento ao conhecimento, da animalidade à humanidade”. Assim o homem passa a se identificar com o outro, independentemente de proximidade sanguínea ou quaisquer outros laços, mas porque ele começa a se ver idêntico aos seus semelhantes e gradativamente começa a distinguir o “humano do não humano” (LEVI-STRAUSS, 1983, p. 45).

Para desenvolver sua teoria sobre cultura e civilização, Rousseau compreende ser necessário voltar no tempo para mostrar a verdadeira origem, o que foi buscado por outros autores, sem sucesso. Segundo ele, ao falarem sobre o homem selvagem, acabavam sempre por descrever o homem civil e as pesquisas até então disponíveis não eram verdades históricas, mas apenas raciocínios hipotéticos e condicionais, mais apropriados a esclarecer a natureza das coisas do que a mostrar a verdadeira origem.

Rousseau atribui ao homem uma faculdade inata, essencial, que lhe permite essa capacidade de identificação com o seu semelhante – a piedade, que “precede o uso de toda reflexão” e que o impede de maltratar ou tirar a comida de uma criança ou um velho. A Piedade é o instrumento natural que serve para suavizar sua ferocidade ou mesmo o desejo de sobrevivência.

Com a teoria da piedade inata, Rousseau se afasta teoricamente de Hobbes (1588-1674)¹³⁰, que afirmava ser o estado de natureza, um estado de guerra de todos contra todos¹³¹. Afasta-se igualmente do pensamento de Buffon (1707-1788)¹³² e Diderot que entendiam que um instinto de agregação compelia os homens a viverem em rebanho, sem o qual não poderiam sobreviver, enquanto que para Rousseau, o estado de natureza supõe um total isolamento, anterior a toda sociedade humana. E este afastamento teórico dos demais filósofos acontece definitivamente por definir o homem como um “agente livre”, que tem a capacidade não apenas de sentir e de perceber, própria dos animais, mas tem a capacidade de “querer e não querer, desejar, e pensar”. (DUCHET, [197?], p. 285 e segs.). Ou nas palavras de

¹³⁰ Thomas Hobbes foi um matemático, político e filósofo, cuja principal obra é *Leviatã*, onde explanou sobre a natureza humana, governos e sociedades.

¹³¹ “Hobbes pretend que l’homme est naturellement intrépide, et ne cherche qu’à attaquer, et combattre.” (ROUSSEAU, 2005b, p. 66) (Hobbes pretende que o homem é naturalmente intrépido e que não procura senão atacar e combater) (tradução nossa).

¹³² Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon, naturalista, matemático e escritor francês. Autor de *História Natural*, publicada em 36 volumes, publicadas entre 1749 e 1788. Ele se dedicou a assuntos diversos como a metalurgia e a indústria do ferro, a aclimação de diferentes espécies animais e vegetais no território francês, criou um método estatístico, hoje conhecido como Método Monte Carlo, para o cálculo do p. Disponível em: <<http://www.buffon.cnrs.fr/>>, acesso em 28.10.2008.

Rousseau, “avec cet avantage pour l’homme,... Il a par tout le prendre et le laisser dans la rencontre, et le choix de la fuite ou du combat”¹³³ (ROUSSEAU, 2005a, p. 66).

Na segunda parte do discurso, ao retrair os progressos da razão, marca também as etapas de um declínio da piedade. (STAROBINSKI, 2002, p. 240). Ou seja, com o desenvolvimento da razão, de menos sentimento de piedade se acomete o homem.

Segundo ele, os animais não alimentam antipatias violentas contra o homem, só havendo ataques em caso de extrema fome ou para sua defesa em caso de ataque. Da mesma forma acontece com os homens em estado de natureza, cujo corpo é mais forte que o do homem civilizado, pois é o único instrumento de que dispõe, ao contrário do homem civilizado que tem à disposição o machado, que lhe permite romper galhos mais resistentes, ou o cavalo para se locomover mais rapidamente e outras facilidades que lhe garantem comodidade e conforto. (ROUSSEAU, 2005a, p.65). Desta forma, contrariando a teoria de Hobbes sobre a intrepidez natural do homem, Rousseau argumenta se utilizando dos pensamentos de Richard Cumberland (1613-1718) e Pufendorf, segundo os quais “nenhum ser é tão tímido quanto o homem em estado de natureza” (ROUSSEAU, 2005a, 66).

Ao falar sobre o homem civilizado, Rousseau lança a frase que causou e causa até hoje controvérsias acerca de seu verdadeiro significado: “O homem que medita é um animal depravado” ou “*l’homme que médite est un animal dépravé*” (ROUSSEAU, 2005a, p. 68). Nesse ponto se põe a discorrer sobre as doenças e males físicos que assolam o homem civilizado, a extrema desigualdade na maneira de viver, o excesso de trabalho de uns contra o excesso de ócio de outros, ou excesso de alimentos a uns e sua falta a outros, excessos imoderados de toda sorte e de todas as paixões, típicos da vida em sociedade, fadigas e tristezas inúmeras, que só foram garantidos pela civilização, “indícios funestos de que a maioria de nossos males é obra nossa e que teríamos evitado quase todos se tivéssemos conservado a maneira simples, uniforme e solitária de viver prescrita pela natureza” (ROUSSEAU, 2005a, p. 68).

Assim, essa frase, se destacada do contexto em que foi construída, pode ser, como tantas vezes foi, mal interpretada, uma vez que sua preocupação parece resultar muito mais dos efeitos causados ao homem pela vida civilizada do que por aversão à instrução.

Como já dissemos anteriormente os relatos de viagem fizeram parte das leituras dos filósofos iluministas, influenciando toda uma geração e no caso de Rousseau, isso transparece claramente no segundo discurso, em suas notas da primeira parte.

¹³³ Com a vantagem do homem, que tem a escolha de aceitar ou deixar o embate (com um animal), a fuga ou o combate (tradução nossa).

Antes de tudo ele demonstra uma percepção da importância desses relatos e faz uma análise dos tipos de pessoas que viajam e o tipo de relatos que podem provir deles. Ele expõe sobre as diferenças existentes sobre os diversos povos, o que pode nos parecer óbvio nos dias de hoje. Mas há que se ter sempre em mente que ele se punha a falar num momento em que esse assunto era novidade e pouco se sabia a respeito. Rousseau antevia o fato de que para a coleta de dados e de informações, seriam necessárias características especiais daquele que se propusesse a tal intento, inclusive o desapego de preconceitos.

Depuis trois ou quatre cens ans que les habitants de l'Europe inondent les autres parties du monde et publient sans cesse de nouveaux recueils de voyages et de relations, je suis persuadé que nous ne connaissons d'hommes que les seuls Européens ; encore paraît-il aux préjugés ridicules qui ne sont pas éteints, même parmi les Gens de Lettres, que chacun ne fait guères sous le nom pompeux d'étude de l'homme, que celle des hommes de son pays. ... il semble que la Philosophie ne voyage point, aussi celle de chaque Peuple est-elle peu propre pour un autre. La causa de ceci est manifeste, au moins pour les contrées éloignées : il n'y a gueres que quatre sortes d'hommes qui fassent des voyages de long cours : les Marins, les Marchands, les Soldats et le Missionnaires : or on ne doit gueres s'attendre que les trois premières classes fournissent de bons Observateurs, et quant à ceux de la quatrième, occupés de la vocation sublime qui les appelle quand ils ne seraient pas sujets à des préjugés d'état comme tous les autres, on doit croire qu'ils ne se livreraient pas volontiers à des recherches qui paraissent de pure curiosité, et qui les détourneraient de travaux plus importants auxquels ils se destinent. D'ailleurs, pour prêcher utilement l'Évangile, il ne faut que du zèle et Dieu donne le rest ; mais pour étudier les hommes il faut des talents que Dieu ne s'engage à donner à personne, et qui ne sont pas toujours le partage des Saints. On n'ouvre pas un livre de voyages où l'on ne trouve des descriptions de caractères et de moeurs ; mais on est tout étonné d'y voir que ces gens qui ont tant décrit de choses, n'ont dit ce que chacun savoit déjà, n'ont su appercevoir à l'autre bout du monde que ce qu'il n'eût tenu qu'à eux remarquer sans sortir de leur rue, et que ces traits vrais qui distinguent les nations, et qui frappent les yeux faits pour voir, ont presque toujours échappé auz leurs. (ROUSSEAU, 2005b, p. 142) ¹³⁴

¹³⁴ Depois de trezentos ou quatrocentos anos que os habitantes da Europa inundaram as outras partes do mundo e publicaram sem cessar novos repositórios de viagem e de relatos, estou persuadido de que nós não conhecemos senão os homens europeus; parece que em razão dos preconceitos ridículos que não se extinguiram, mesmo entre os homens letrados, que cada um faz sob o pomposo nome de estudo do homem, só o faz dos homens de seu país. Parece que a filosofia não viajou de modo que a de cada povo é pouco apropriada para outro. A causa disso é manifesta, ao menos para os países distantes: não há mais que quatro tipos de homens que fazem viagens de longo curso: marinheiros, mercadores, soldados e missionários. Não se deve esperar bons observadores das três primeiras classes e quanto aos da quarta, ocupados com a vocação sublime que os chama, mesmo que não estejam sujeitos aos preconceitos de seu estado, como todos os outros, acreditamos que eles não se dedicariam voluntariamente à pesquisas que parecessem pura curiosidade e que os desviaria dos trabalhos mais importantes aos quais eles se destinam. Aliás, para pregar utilmente o evangelho é preciso apenas o zelo e Deus provê o resto. Mas para estudar os homens é necessário talentos que Deus não se engaja a dar à ninguém e que também não os possuem os Santos. Não se abre um livro de viagens onde se encontre descrições de caracteres e modos; mas é espantoso ver que essas pessoas que tanto descreveram coisas, não disseram senão o que cada um já sabia, se aperceberam do outro lado do mundo aquilo que teriam notado sem sair de suas ruas, e que esses traços

Ele percebe a grande influência que tem sobre os homens determinadas circunstâncias do meio em que vive. E ainda torna a mencionar a importância de olhos treinados para observar. Ele já se apercebia da diferença de um observador comum e um observador que consegue vislumbrar fatos importantes, relevantes ao olhar com atenção a vida ordinária, cotidiana.

“...si l’on avait pu faire de bonnes observations dans ces temps anciens où les peuples divers suivaient des manières de vivre plus différentes entre elles qu’ils ne font aujourd’hui, on y aurait aussi remarqué dans la figure et l’habitude du corps, des variétés beaucoup plus frappantes. Tous ces faits dont il est aisé de fournir des preuves incontestables, ne peuvent surprendre que ceux qui sont accoutumés à ne regarder que les objets qui les environnent, et qui ignorent les puissants effets de la diversité des climats, de l’air, des aliments, de la manière de vivre, des habitudes en général, et sur-tout la force étonnante des mêmes causes, quand elles agissent continuellement sur de longues suites générations¹³⁵. (ROUSSEAU, 2005b, p. 138).

Assim Rousseau no século XVIII formula questões fundamentais que viriam a ser tema recorrente para a antropologia, no século seguinte, como 1. O fato de que as diferenças entre os povos existem, mas que a cada dia se minimizavam em razão das viagens e comércio que acabaram facilitando a miscigenação das raças. “...percebe-se terem diminuído certas diferenças nacionais e cada um, por exemplo, pode observar que os franceses de hoje não possuem mais esses grandes corpos brancos e louros descritos pelos historiadores latinos” (ROUSSEAU, 1999, p. 134). Ele continua tecendo considerações sobre as misturas entre as raças de francos e normandos e a influência nessa mistura que teve a prolongada convivência com romanos e o clima tanto na tez, como na constituição natural desses homens. 2. Que inúmeras causas podem influir para a produção de diferentes características exteriores na espécie humana e mais uma vez retoma a importância na qualidade do observador:

“... me font douter si divers animaux semblables aux hommes, pris par les voyageurs pour des bêtes sans beaucoup d’examen, ou à cause de quelques différences qu’ils remarquaient dans la conformation extérieure, ou seulement parce que ces animaux parlaient point en effet de véritables hommes sauvages, dont la race dispersée anciennement dans les bois n’avait eu occasion de développer aucune de ses facultés virtuelles, n’avait

verdadeiros que distinguem as nações, e que fatos que atingem os olhos feitos para ver, quase sempre escaparam aos seus.

¹³⁵ ... se se pudesse ter feito boas observações nos tempos antigos onde os diversos povos tinham maneiras de viver mais diferentes entre si do que hoje, notar-se ia na figura e na compleição do corpo, variedades bastante marcantes. Todos esses fatos dos quais fácil é fornecer provas incontestáveis, só podem surpreender aqueles que são acostumados a olhar apenas os objetos ao seu redor e que ignoram os poderosos efeitos da diversidade de clima, de ar, de alimentos, da maneira de viver, dos hábitos em geral e, sobretudo a força surpreendente das mesmas causas, quando elas agem continuamente sobre muitas gerações seguidas. (nossa tradução).

acquis aucun degré de perfection, et se trouvait encore dans l'état primitif de nature.¹³⁶ (ROUSSEAU, 1999, p. 138).

Menciona então o viajante inglês Battel (1565-1640)¹³⁷ e descreve que nas florestas do Congo vivem duas espécies, que entende ele serem o meio termo entre os animais e a espécie humana. Também no reino de Loango relata a existência de duas espécies sendo uma exatamente parecida com o homem e outra de estatura muito mais alta e larga. Ainda sobre o reino do Congo, Rousseau conta ter lido Dapper (1680 -?) que confirmou a existência desses animais que na Índia são chamados orangotangos, ou “moradores dos bosques”, julgados por alguns viajantes como fruto de uma mulher com um macaco, o que era rejeitado pelos habitantes locais. Menciona Samuel Purchass (1577-1628), colecionador inglês e editor de relatos de viagem (1999, p. 135) que relatara histórias vindas de Battel, e ainda o missionário italiano Geronimo Merolla (1650-?), cujas viagens resultaram na obra “Uma Viagem ao Congo”.

Rousseau pondera que os julgamentos precipitados conduzem ao excesso, traço esse não peculiar aos homens de razão esclarecida e neste ponto entende ser muito mais seguro basear-se em Merolla, considerado por ele um religioso culto e homem de espírito, que em Batter, Dapper e em Purchass. (2005b, p. 141).

Ao mencionar sobre os tipos de alimentos dos animais e do homem, salienta a maior amplitude de que este dispõe e assim, ao relatar sobre diferenças anatômicas corporais internas de diferentes espécies animais, como os frugívoros e os carnívoros, o navegante François Correau relata o caso de habitantes das Lucaias¹³⁸, transportados para Cuba, que morreram ao comer carne. Sugere que não estivessem habituados à sua ingestão. (STAROBINSKI, 2005, p.129)

Os relatos de Pierre Kolben (1675-1726)¹³⁹ falam sobre os hotentotes e suas inúmeras e impressionantes habilidades físicas como pescar com as mãos, mas também hábeis com a rede, anzol e arpão. Nadavam com tal agilidade que pareciam estar andando sobre a terra e a velocidade da corrida e a visão mais aguçada que o normal. (ROUSSEAU, 2005a, p.130)

¹³⁶ “... se diversos animais parecidos com os homens, tomados por feras pelos viajantes, sem muito exame, ou por causa de algumas diferenças que notaram na conformação exterior, ou somente porque esses animais não falavam, tenho dúvidas se não seriam de fato verdadeiros homens selvagens, cuja raça dispersada antigamente nos bosques não tenha tido oportunidade de desenvolver qualquer de suas faculdades virtuais, não tendo adquirido nenhum grau de perfeição e se encontravam ainda no estado primitivo de natureza. (tradução nossa).

¹³⁷ De acordo com Arbousse-Bastide ele explorou a costa sudoeste da África e publicou narrativa de suas viagens (1999, p.134).

¹³⁸ Ilhas nas Bahamas, ao norte de Cuba.

¹³⁹ Identificado por Arbousse-Bastide, como viajante e naturalista alemão, autor de uma “Viagem ao Cabo da Boa Esperança”, em 1719.

O Padre Jean-Baptiste du Tertre (1610-1687)¹⁴⁰ descreve também habilidades dos selvagens das Antilhas, semelhantes aos dos Hotentotes do Cabo da Boa Esperança, especialmente suas habilidades para flechar pássaros durante o vôo e peixes nadando. (ROUSSEAU, 2005a, p. 130).

Também conta fato ocorrido em Buenos Aires em que um índio foi condenado às galés e propôs às autoridades resgatar sua liberdade numa festa popular em que se dispunha a dominar um touro bravo sozinho e depois de selá-lo, combater outros dois touros, o que fez com sucesso. Rousseau informa que essa história está em História Natural, de Gautier, que segundo Arbousse-Bastide trata-se de Jean Antoine Gautier (1674-1671), professor de filosofia em Genebra (1999, p. 125). Para Starobinski, trata-se de Jacques Gautier D'Agoty (2005b, p. 250).

Os filósofos foram sem dúvida fonte de inspiração constante para Jean Jacques. Ele os lia. Serviam-lhe seus ensinamentos como embasamento técnico sobre assuntos específicos ou os mencionava para concordar ou discordar acerca de raciocínios ou teorias. Sua obra é permeada por suas citações ou menções a eles e seus pensamentos.

Quando fala sobre a antipatia natural Rousseau recorre ao artigo de D'Alembert sobre antipatia (ROUSSEAU, 2005b, p. 197).

Outras passagens já descritas acima dão conta dos constantes diálogos intelectuais entre D'Alembert e Rousseau.

Pufendorf (1632-1694)¹⁴¹ entendia que o estado de natureza era miserável e que foi necessário que em algum momento houvesse uma lei a reger o homem; também afirmava ele que os filhotes de animais em pouco tempo conseguiam seus próprios alimentos enquanto o homem, enquanto criança dependia totalmente dos pais. O fato é que, de acordo com Rousseau, se por um lado nossa infância dura muito tempo, igualmente longa é nossa vida, o que acaba por igualar, senão suprir essa diferença (ROUSSEAU, 2005b, p. 197). Nesse ponto seu pensamento está em consonância com Buffon, cujo artigo discorre sobre o cavalo em sua História natural, cita (ROUSSEAU, 2005b, 131), dizendo que se o homem demora quatorze anos crescendo, por outro lado vive a idade adulta pelo menos seis ou sete vezes esse tempo.

¹⁴⁰ Segundo Arbousse-Bastide missionário dominicano nas Antilhas, autor de Uma História Geral das Antilhas habitadas pelos Franceses (1667-1671).

¹⁴¹ Samuel Pufendorf, jurista alemão, tornou-se nobre, barão, pouco tempo antes de sua morte, quando então passou a ser chamado Samuel Von Pufendorf. Para ele a vontade do Estado é a soma das vontades individuais que o constituem e que tal associação explica o Estado. Suas obras são muito utilizadas nas disciplinas relacionadas ao direito natural. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Samuel_Pufendorf>, acesso em 28.10.2008.

Já o cavalo fica velho aos quinze anos, pois que a sua vida, como a de todas as espécies “é proporcional à duração de seu tempo de crescimento”.

Rousseau insiste na palavra miséria. Diz-se consciente do fato de que outros pensadores entendem não haver nada de mais miserável que o homem em estado de natureza. De acordo com Arbousse-Bastide essa é uma alusão a Blaise Pascal que em sua obra “Apologia da Religião Cristã” opunha a grandeza do homem com Deus e sua miséria sem Deus, considerando o homem em estado de natureza como originalmente corrompido. (1999, p.74), o que é totalmente recusado por Rousseau, que pondera que o estado de natureza não lhe foi uma opção e que só depois de muitos séculos lhe surgiu o desejo e oportunidade de sair dessa condição. Se houvesse de haver um culpado pelo pecado, não se deveria apontar o homem, mas a natureza que o constituiu desta maneira. (2005b, p. 81).¹⁴²

Rousseau, a propósito de diferenciar o homem do animal, aponta a faculdade do homem de se aperfeiçoar, ao contrário do animal que é hoje o que foi sempre, sem nada aprender. Afirma que seria triste crer que essa faculdade quase ilimitada seja a fonte de todos os males do homem. Na nota “i” (ROUSSEAU, 1999, p. 126) ou IX (ROUSSEAU, 2005a, p.132) ele afirma que um “autor célebre” ao comparar os bens e males da vida, considera estes muito superiores e que a vida seria para o homem um péssimo presente. Seus comentadores divergem ao tentar apontar o nome. Para Arbousse-Bastide, trata-se de Diderot a quem Rousseau descreve como “o filósofo que ‘argumenta consigo mesmo’” tapando-se os ouvidos. Para Starobinski trata-se de Maupertuis (1698-1759)¹⁴³ em seu “ensaio de filosofia moral”, cujo décimo capítulo se intitula “*Que dans la vie ordinaire la somme des maux surpasse celle des biens*” e onde expõe que é de se assustar o quanto a vida está repleta de males e tão poucos prazeres¹⁴⁴.

Rousseau fala sobre o homem em estado de natureza, cujas necessidades básicas estão à sua disposição e não dispõe de um grau de conhecimento mínimo que lhe permita alcançar

¹⁴² A miséria volta à tona em “Emílio”, onde fala que quanto mais o homem está próximo de sua condição natural, a distância entre sua razão e seus desejos é menor. Ao contrário, quanto mais tem consciência, mais distante está de ser feliz. A miséria não consiste em estar desprovido de tudo, mas nas necessidades não supridas. (2005b, p.216); “a verdadeira felicidade consiste na diminuição da distância entre nossos desejos e nossos poderes, em estabelecer um verdadeiro equilíbrio entre desejo e poder”. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/dirs/etext04/emile10.txt>>, acesso em 26.02.2008.

¹⁴³ Pierre Louis Maupertuis, matemático e filósofo francês. Por ordem de Luis XV foi incumbido de medir o comprimento de um grau de meridiano, cujos resultados foram posteriormente publicados. Em 1742 foi eleito diretor da Academia de Ciências em Paris e em 1744, pelo desejo de Frederico II tornou-se presidente da Academia Real Prússia de Ciências. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Pierre_Louis_Maupertuis>, acesso em 19.10.2008.

¹⁴⁴ Esta obra de Rousseau foi publicada em 1754 e as relações com Diderot parecem ter tido fim apenas em 1757, e por essa razão é possível que a ironia não tenha sido dirigida a ele.

sentimentos como previdência e curiosidade. Vive ele apenas do que tira da natureza, sem pensar ou prever o futuro e quão grande é a distância entre o que é pura natureza e os mais simples pensamentos. Arbousse-Bastide aponta o ensaio sobre a Origem dos Conhecimentos Humanos (1746) de Condillac como inspirador desse pensamento, já que “a história do pensamento humano durante muito tempo foi orientada unicamente pelas impressões dos sentidos” (1999, p. 67).

Rousseau volta a citar Condillac, que fala sobre o desenvolvimento do uso da palavra pelo homem, com cujas pesquisas Rousseau afirma estar plenamente de acordo e o largo tempo que esse processo há de ter levado até que a comunicação entre as pessoas passasse a ser uma necessidade. Porém ressalva o fato de que quando Condillac se põe a expor o assunto, leva em consideração fatos que não são a realidade da natureza, mas sim ocorrências de uma sociedade. Ou seja, descreve uma sociedade já estabelecida entre os inventores da língua. (2005b, p. 76).

É certo que Rousseau volta a esse tema em seu Ensaio sobre a origem das Línguas, publicado postumamente, mas supõe-se ter sido esse tema, fruto do início de sua produção intelectual.

A propósito da origem das palavras, Rousseau avalia que no início, em não havendo casas ou abrigos¹⁴⁵, os machos e fêmeas se uniam fortuitamente de acordo com o acaso ou desejo, para depois se separarem. Menciona então sua objeção à Locke que expunha em seu “Governo Civil”, que a sociedade dos animais de presa dura mais tempo que entre os animais que vivem de ervas. Rousseau retruca Locke afirmando desconhecer de onde ele teria descoberto serem essas relações acima da forma como descreveu e faz sua detalhada descrição de como deve de fato ter ocorrido. Ainda, no caso do homem e da mulher, à explicação de Locke que assegura ser mais durável a união do homem com a mulher porque ela pode gerar um filho logo em seguida à gravidez precedente e ao homem cabe prover o sustento deles, enquanto à mulher é inviável fazê-lo sozinha, Rousseau assevera que ainda que a união prolongada ou permanente seja vantajosa para ambos, não se conclui que isso tenha sido estabelecido pela natureza. (1999, p.141/145). Demonstra uma clareza ao diferenciar o que é fruto da natureza ou da sociedade. Para ele não há justificativa na natureza para que o homem e a mulher se mantenham juntos após o parto, tampouco após a concepção. O tipo de preocupação do homem com a mulher e vice-versa, após a concepção demandaria um “progresso e corrupção na compreensão humana”, que inexitem no estado de natureza.

¹⁴⁵ Voltaire teria feito anotação à margem de seu exemplar do discurso: “suposição ridícula” (HAVENS, p. 9, apud STAROBINSKI, 2005a, p.211).

Desta forma a origem das línguas que poderia a princípio parecer um produto de origem de relações domésticas, pais, mães e filhos, é inconcebível, considerando-se as condições de vida acima expostas, já que não havia no princípio essa sociedade familiar. E para Rousseau é um erro considerar como característica de um estado primitivo aquela circunstância típica de sociedade.

Hobbes surge recorrentemente na obra de Rousseau, que ora está em acordo, ora em desacordo com suas afirmações. Enquanto aquele afirmava haver uma guerra de todos contra todos no estado de natureza e que por não ter idéia de bondade, o homem seria naturalmente mau. Rousseau então afirma ter sido Hobbes exitoso em ver os defeitos das definições modernas de direito natural, mas equivoca-se em suas conclusões, já que ao raciocinar sobre o estado de natureza, incluiu um mundo de paixões que são obra da sociedade e deixou de se aperceber que o estado de natureza, aquele no qual a sobrevivência ou conservação de um ser humano não prejudica nem causa dano a outrem, resulta numa mais vantajosa forma de viver e mais propícia à paz.

Voltaire escreve a Rousseau em 30.08.1755 a respeito da publicação do segundo discurso. Assim inicia sua carta:

J'ai reçu, monsieur, votre nouveau livre contre le genre humain; Je vous en remercie; vous plairez aux hommes à qui vous dites leurs vérités, et vous ne les corrigerez pas. Vous peignez avec des couleurs bien vraies les horreurs de la société humaine dont l'ignorance et la faiblesse se promettent tant de douceurs. On n'a jamais tant employé d'esprit a vouloir nous rendre bêtes. Il prend envie de marcher à quatre pattes quand on lit votre ouvrage. (VOLTAIRE apud ROUSSEAU, 2005a, p.266).¹⁴⁶

Embora essa carta termine com a despedida “seu muito humilde e obediente serviçal”, a verdade é que Voltaire é mordaz em suas palavras à Rousseau pelo que compreende ser um irritante desprezo pelo ser humano e à sociedade.¹⁴⁷

Rousseau lhe responde em 10.09.1755. Mantém em sua carta o tom cordial e aparente imperturbável deferência, embora a carta do rival tenha sido bastante ofensiva. Mas segundo nota de Starobinski (2005a, p.268) Rousseau sabia que Voltaire poderia fazer publicar suas cartas e não queria correr o risco de se expor, mas desejava sim, que o público notasse a diferença de postura entre ambos.¹⁴⁸

¹⁴⁶ Eu recebi meu senhor seu novo livro contra o gênero humano. Eu lhe agradeço. Vós agradareis aos homens a quem vós dizeis suas verdades, e vós não os corrigireis. Vós pintastes com cores bem verdadeiras os horrores da sociedade humana nas quais a ignorância e a fraqueza se prometem tantas doçuras. Jamais se empregou tanto espírito a se querer nos tomar por bestas.

Dá vontade de caminhar sobre quatro patas quando se lê sua obra. (tradução nossa).

¹⁴⁷ Ver anexo F, a íntegra da Carta de Voltaire.

¹⁴⁸ Ver anexo G, a resposta de Rousseau a Voltaire.

Os verdadeiros pensamentos de Voltaire acerca de passagens do Discurso foram encontrados no original de sua propriedade, onde fazia anotações nas margens tais como: “Abominação de J. Jacques” ou “Tudo isso é abominável e bem mal conhece a natureza” (HAVENS, Voltaire’s marginalia on the pages of Rousseau, p. 26 apud STAROBINSKI, 2005, p.261).

Consta que no artigo “homem” da Enciclopédia, Voltaire critica veementemente o que interpreta ser a teoria de Rousseau. Explica que nossa natureza é melhor do que aquela tenebrosa descrita por aquele energúmeno. Havendo, claro, exceções à regra, como algum filósofo ainda embrutecido, o usual é o homem amar o filho ainda não nascido e o ventre que o carrega. Lévi-Strauss assevera que não havia a menor razão para que Voltaire se indignasse com o artigo de Rousseau, que não pretendia fixar uma norma de conduta, mas apenas explicar que após o ato de reprodução, a continuidade da união entre homem e mulher é o que os antropólogos contemporâneos chamam de “fato cultural” ou “fato de cultura” (LÉVI-STRAUSS, les structures élémentaires de la parenté, 1979, apud STAROBISNKI, 2005, p.261).

4.3 Ensaio sobre a Origem das Línguas

Esse ensaio foi publicado em data imprecisa, após sua morte. De acordo com Arbousse-Bastide e Machado (1999, p. 248), apesar de não se saber precisamente a data em que foi escrito, citando Vaughan, é possível que já estivesse escrito antes do Discurso sobre a desigualdade ou até mesmo antes do primeiro discurso, podendo-se localizá-lo em três períodos da sua vida: o da criação da nova notação musical até a viagem à Veneza. Depois o período em que escreveu notações musicais para a enciclopédia tornando-se uma espécie de especialista para assuntos musicais, entre 1743 a 1748 e por fim aquele da querela dos adeptos da música francesa com os adeptos da musica italiana, por volta de 1753, que antecede o segundo discurso. Para Masson, o ensaio seria um extrato de várias notas insertas no segundo Discurso e que pela sua natureza e importância acabaram sendo reunidas e tornadas uma obra autônoma. No entanto, citando outro autor, Petitain, Arbousse-Bastide e Machado consideram ainda que seja possível que o Ensaio possa ser ainda mais tardio, próximo a 1759, pois já há a menção da refutação a Rameau, embora sem a menção de seu nome, e já há nele a influência das disputas da época. Mas mais que isso, para esses autores

o fundo de “interpretações de antropológicas mostra-se muito mais próximo das proposições gerais do segundo Discurso do que da teoria, ainda algo incerta, do Discurso inicial. Afinal o desejo de fundir numa só linha interpretativa a transformação do homem pela sociedade, a formação e a evolução das línguas, e o desenvolvimento da expressão musical, revela-nos um Rousseau ainda moço, porém já maduro e coerente, tal como o supomos, com ponderáveis razões biográficas e críticas, ao redigir a primeira versão das Instituições Políticas. (1999, p.248).

Consta que o preparou cuidadosamente e o confiou a Du Peyrou, que o publicou em 1781, três anos após sua morte. Starobinski sem esforço demonstra ter estado esse projeto presente durante boa parte de sua vida produtiva intelectual, sobre a qual falou por diversas vezes.

Em setembro de 1761 Rousseau envia seu manuscrito a Malesherbes com uma carta pedindo que o avaliasse não como juiz, mas como homem de letras e expressa o desagrado pelas contínuas provocações de Rameau, as quais não pretendia responder. Em novembro de 1761, sem mesmo se manifestar sobre as idéias expostas por Rousseau, Malesherbes lhe reenvia o manuscrito, concordando com a publicação e reafirmando o que havia lhe dito já no mês anterior “je crois que vous feriez grand tort au public de l’en priver ou d’attendre l’Edition entière de vos oeuvres pour les donner”¹⁴⁹ (2002b, p.194).

O fato é que Rousseau projetava, em 1763, publicar simultaneamente “*Le Lévié d’Efraïm*”, “*De l’Imitation théâtrale*” e “*l’Essai sur l’Origine des langues*”. Consta que continha um prefácio de Jansen, que foi substituído pelos editores que se seguiram. Rousseau apresentava essa obra como sua resposta aos ataques de Rameau, escalonados entre os anos de 1754 e 1761¹⁵⁰ (2002b, p.194).

Em Confissões, escreve à Monquin, por volta de 1769-1770 contando que enquanto escrevia o Emílio e o Contrato Social, além do dicionário de Música, trabalhava paralelamente numa obra, que dizia tratar-se de um Ensaio sobre a Origem das Línguas, cujo manuscrito já havia sido lido por M. de Malesherbes e Chevalier de Lorenzy, que muito o apreciaram. (2002b, p. 193).

O ensaio tenta deslindar a origem das línguas, seu desenvolvimento e a questão da música.

¹⁴⁹ “Eu creio que faria um grande mal ao público de privá-lo ou de fazê-lo esperar pela edição inteira de suas obras” (nossa tradução).

¹⁵⁰ Para Rousseau, o mais ofensivo de todos os ataques surgiu na metade de 1755, anônimo, “*Erreurs sur la musique dans l’Encyclopédie*”. O autor era Rameau que relatava ter sido penosa a audição das Musas Galantes, no salão de *La Pouplinière*. (2002b, p.194).

Rousseau entende que a fala nos distingue dos outros animais e começa a traçar as razões por que o homem teria desenvolvido a fala. O homem pode se comunicar tanto pelo gesto como pela palavra, mas em algum momento na história teve necessidades físicas que lhe impulsionaram primeiro a emitir sons que foram evoluindo com o tempo. Porém, afirma, se o homem tivesse apenas necessidades físicas, talvez jamais viesse a falar e que foram as paixões que “arrancaram as primeiras vozes” e as necessidades foram a causa dos primeiros gestos.

A escrita veio muito depois, em razão de um natural progresso que implicou no incremento das relações entre os homens e que também ela, implicou em diferentes etapas evolutivas. Aqui cabe um destaque sobre as três etapas por que passou a escrita. “Quanto mais grosseira a escrita, mais antiga a língua”. (1999, p. 273). Assim ela pode ser representada por figuras ou objetos, como fizeram os egípcios, ou sinais convencionados, como os criados pelos chineses e por fim a nossa, que contém caracteres representando a voz. E segundo afirma

cada um desses modos de escrever correspondem, exatamente, aos três diferentes estados em que se podem considerar os homens reunidos em nações. A pintura dos objetos convém aos povos selvagens; os sinais das palavras e das proposições aos povos bárbaros; e o alfabeto aos povos policiados. (1999, p. 274).

Mais à frente voltará a classificar os povos, considerando o selvagem, caçador, o bárbaro pastor e o homem civilizado agricultor.

Rousseau menciona que o viajante Chardin, autor de Viagens, já citado em outras obras, como no segundo discurso e no dicionário de música e amplamente citado no Ensaio, e que mostra que algumas inscrições nas ruínas de Tchelminar¹⁵¹ são escritas. (Arbousse-Bastide; Machado, 1999, p.263 e 274). No ensaio também, a recorrente menção a viajantes, que são parte de sua rica fonte.

As línguas evoluíram de diferentes maneiras em lugares diversos e defende a idéia que no sul e no norte a evolução da língua se deu de maneira diferente. E sua teoria versa sobre a influência que o meio em que vive exerce sobre o homem¹⁵². Segundo ele as pessoas foram reunidas entre si por razões naturais, sejam por acidentes cataclísmicos sejam por ocorrência

¹⁵¹ Tchelminar é o moderno nome para a cidade de Persépolis, atual Irã, que foi na antiguidade capital do império Persa. Lá foram encontradas as ruínas de um palácio com avançada arquitetura. As ruínas foram visitadas por Chardin, Lebrun, e outros viajantes do século XVII e tornadas patrimônio da humanidade pela Unesco em 1979. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pers%C3%A9polis>>, <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pers%C3%A9polis>>, http://portail.atilf.fr/cgi-bin/getobject_?p.19:-1./var/artfla/encyclopedie/textdata/IMAGE/, acesso em 22.11.2008.

¹⁵² O determinismo geográfico é um conceito formalmente iniciado pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel. Foi a primeira forma de geografia e nasceu com a criação da Alemanha em 1871. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Determinismo_geogr%C3%A1fico>, acesso em 22.11.2008.

cíclica, como as estações climáticas. Também nas regiões mais quentes as pessoas foram obrigadas a se reunir para tentar suprir a ausência de água e nas regiões de frio intenso se reuniram para prover o calor e comida.

Soit donc qu'on recherche l'origine des arts, soit qu'on observe les premières moers on voit que tout se raporte dans son principe aux moyens de pourvoir à la subsistance, et quant à ceux de ces moyens qui rassemblent les hommes, ils sont déterminés par le climat et par la nature du sol. C'est donc aussi par les mêmes cause qu'il faut expliquer la diversité des langues et l'opposition de leurs caractères. (2002b, p. 98).¹⁵³

Embora compreenda que nos lugares de clima ameno e território fértil tenham sido os primeiros a serem povoados, para ele foram também onde mais tempo foi preciso para se verem nascer nações, pois sem passarem por grandes dificuldades, puderam por muito mais longo tempo viver sozinhos, sem necessidade de auxílio mútuo. Segundo ele, nos climas meridionais, as necessidades nascem das paixões. Já nas terras frias, as paixões nascem das necessidades. Aqui, onde os frutos da terra são escassos, o homem é mais robusto, pois o trabalho para subsistência é mais árduo. Também o homem aí é mais rude com temperamento irascível e irritado, com língua mais áspera, também em razão da escassez e da miséria, ao contrário do homem meridional que é mais terno e gentil.

No ensaio Rousseau afirma que “le grand défaut des européens est de philosopher toujours sur les origines de choses d’après ce qui se passe autour d’eux”¹⁵⁴. (2002b, p.89). Esse assunto já havia sido objeto de estudo em seu segundo discurso, como já mencionamos anteriormente. O etnocentrismo europeu já era notado por Rousseau, que antevia a necessidade da expansão territorial dos estudos e pesquisas para que fosse possível compreender as diferenças entre os europeus e não europeus, entre o “eu” e o “outro”.

Lévi-Strauss encontra nesse ensaio uma das afirmações que para ele, demonstram ser Rousseau o fundador da etnologia:

“Quand on veut étudier les hommes il faut regarder près de soi ; mais pour étudier l’homme il faut apprendre à porter sa vue au loin. Il faut d’abord observer les différences pour découvrir les propriétés” (ROUSSEAU, 2002b, p. 89-90)¹⁵⁵.

¹⁵³ Seja pois, procurando a origem das artes, seja observando a origem dos primeiros costumes, veremos que tudo se liga desde o início aos meios de prover a subsistência, e quanto aos costumes que reúnem os homens, são determinados pelo clima e pela natureza do solo. É também, por tanto, pelas mesmas causas que se explica a diversidade das línguas e a oposição de seus caracteres. (tradução nossa).

¹⁵⁴ O grande defeito dos europeus é de filosofar sempre sobre as origens das coisas segundo o que se passa ao seu redor. (tradução nossa).

¹⁵⁵ “Quando se quer estudar os homens, é preciso olhar perto de si; mas para estudar o homem, é preciso aprender a dirigir para longe o olhar; para descobrir as propriedades é preciso primeiro observar as diferenças”. (LÉVI-STRAUSS. 1989, p. 43).

Lévi-Strauss considera essa uma regra metódica fixada por Rousseau para a etnologia e que lhe marca o advento. Segundo ele, Rousseau supera um duplo paradoxo: simultaneamente à sua dedicação ao estudo dos homens mais distantes, conseguiu se dedicar ao estudo do homem mais próximo, ele mesmo; e que a par da sua vontade em toda sua obra, de se identificar com o outro, há a recusa sistemática de identificação consigo mesmo.

E continua afirmando que “toda carreira de etnólogo deve, em algum momento ou outro, superar estas duas contradições aparentes” (LÉVI-STRAUSS. 1989, p. 43).

Rousseau retoma no Ensaio o tema da piedade inata. No segundo discurso ele entendia que a piedade precede o uso de toda reflexão. Aqui ele sustenta que a piedade implica no uso da reflexão. Embora ela seja inata no coração do homem, depende da imaginação para acontecer. Assim, só é possível se sensibilizar com o sofrimento alheio tendo consciência da existência do outro, nos identificando com o ser sofredor, o que segundo ele só é possível “*en nous transportant hors de nous-mêmes*”. (2002b, p.92).

La pitié, bien que naturelle au coeur de l'homme reteroit éternellement inactive sans l'imagination qui la met en jeu. Comment nous laissons-nous émouvoir á la pitié? En nous transportant hors de nous-mêmes; en nous identifiant avec l'être souffrant. Nous ne souffrons qu'autant que nous jugeons qu'il souffre; ce n'est pas dans nous, c'est dans lui que nous souffrons. qu'on songe combien ce transport suppose de connaissances acquises! comment imaginerois-je des maux dont je n'ai nulle idée? comment souffrirais-je en voyant souffrir un autre si je ne sais pas même qu'il souffre, si j'ignore ce qu'il y a de commun entre lui et moi? Celui qui n'a jamais réfléchi ne peut être ni clement ni juste ni pitoyable; il ne peut pas non plus être méchant et vindicatif. Celui qui n'imagine rien ne sent que lui-même; il est seul au milieu du genre humain. (2002b, p. 92).¹⁵⁶

Ao desenvolver esse tema, Rousseau demonstra na prática como dirigir o olhar para perto ou para longe, conforme se esteja diante da questão da cultura/homens ou homem/natureza respectivamente.

Mais que isso, compreende que ao reconhecer as semelhanças entre ele e o outro é possível entendê-lo e, portanto, reconhecer também as diferenças. E para reconhecer o outro com todas as suas características, é necessário colocar-se no seu lugar, transpondo para si o sentimento ou pensamento do outro.

¹⁵⁶ Como nos deixamos emocionar pela piedade? – Transportando-nos para fora de nós mesmos, identificando-nos com o sofredor. Só sofremos quando julgamos que ele sofre; não é em nós, mas nele, que sofremos. Levemos em consideração quantos conhecimentos adquiridos supõem tal transposição. Como poderia eu imaginar males sobre os quais não tenho a menor idéia? Como poderia sofrer vendo o outro sofrer se eu não sei ao menos que ele sofre, se eu ignoro o que existe de comum entre ele e mim? Aquele que jamais refletiu não pode ser nem clemente, nem justo, não piedoso; ele não pode mesmo ser mau ou vingativo. Aquele que nada imagina, nada sente a não ser a si próprio; ele está só no meio do gênero humano. (tradução nossa).

Rousseau se dedica no Ensaio também a falar sobre a música e encontramos a conhecida polêmica entre Rousseau e os filósofos e Rameau, o qual não passou despercebido aos seus estudiosos. Ele pondera que a nossa música mais comovente e sublime passa despercebida aos ouvidos de um caraíba e porque diferentes sons afetam a uns e não a outros; porque “cada um só é afetado pelos acentos que lhes são familiares, seus nervos só se prestam a isso quando seu espírito os dispõe para tal” (1999, p. 316). Ele tem uma sutil percepção sobre como até mesmo nos sons, ou música, é possível observar diferentes ânimos por parte de quem os ouve, de tal sorte que cada cultura tende naturalmente a perceber, compreender ou aceitar o que lhe é conhecido, familiar ou lhe mantém dentro do perímetro seguro daquilo que lhe é conhecido.

Assim, não há como negar que os caminhos teóricos percorridos por Rousseau no discurso sobre a Desigualdade e no Ensaio sobre a origem das línguas, por vezes se cruzam e temas são retomados como se pode observar, a exemplo da teoria da piedade inata e da capacidade de Rousseau antever o método etnológico antes que ele fosse formalmente construído academicamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: Existiu uma contribuição de fato do pensamento de Rousseau para a antropologia? A antropologia se apropriou do pensamento de Rousseau?

Acompanhando as pegadas daqueles pensadores que no decorrer da História se empenharam no estudo da obra de Rousseau, alicerçada em elementos por eles apresentados e que se nos afiguram de real valor, acreditamos poder apresentar razões e não meras alegações, fatos e não meras asserções sobre a contribuição que o pensamento de Rousseau trouxe para a antropologia.

As ponderações que Lévi-Strauss formulou a respeito de Rousseau sobre as quais discorremos nesta dissertação, foram se solidificando ao longo dos tempos e são tão justas quanto verdadeiras.

Do alto de sua autoridade acadêmica Lévi-Strauss ao afirmar que “Rousseau não se limitou a prever a etnologia: ele a fundou”, construía um novo momento acadêmico comparável ao momento em que Rousseau começa a se dedicar à redação de seus pensamentos.

Constatamos em nossas pesquisas que o período em que viveu Rousseau passava por grandes transformações. O período entre o final da Idade Média, no século XIV, até o auge do Iluminismo, no século XVIII, foi pontuado uma necessidade geral de mudanças, um desejo por deixar as antigas formas para dar vazão ao movimento que veio a ser reconhecido como Renascimento. Rousseau era perspicaz e não lhe passaram despercebidas essas mudanças sociais, econômicas, culturais, religiosas que germinavam, floresciam na Europa e o desenvolvimento de suas idéias nada mais é que fruto de sua aguçada compreensão do mundo em que vivia e o acúmulo das suas leituras, dos clássicos aos viajantes, mas era igualmente produto de seu próprio tempo.

Ao estudar sua vida pudemos entrar em contato, mesmo que minimamente, com sua fina percepção da natureza e a influência desta em seu pensamento. Para escrever algumas de suas mais importantes obras, como *Emílio*, *a Nova Heloísa*, *o Contrato Social*, se isolou nas florestas de Montmorency. Lá também redige a carta a d'Alembert. Nos Alpes concluiu *As Confissões*, em Ermenonville, um lugar sereno onde prevalecia a natureza, passou suas últimas semanas de existência. Ele descrevia sobre a natureza, mas também precisava estar em contato com ela e declaradamente era onde se sentia bem. No isolamento da paz e silêncio da natureza.

Assim ele inicia uma longa jornada intelectual pontuando diferenças significativas entre natureza e sociedade (cultura), o que mais tarde vai se tornar a problemática central da

antropologia. Logo em sua primeira obra ele afirma que o desenvolvimento das artes não foi benéfico ao homem por não atender às suas necessidades básicas, mas sim ao luxo, excesso e orgulho, que não são características do estado de natureza. Para nossa pesquisa, a questão do desenvolvimento das artes é o consistente pano de fundo tão importante quanto a questão que nos atrai as atenções, qual seja, as características distintivas entre o homem em estado de natureza e o homem civilizado.

Rousseau ousou pensar e escrever o que até então não se havia feito. Ousou se posicionar contrariamente ao gosto musical então vigente e se indispor com um dos seus mais importantes ícones – Rameau. Indispôs-se com seus colegas iluministas de tantas maneiras quantas lhe foi possível: isolando-se em florestas, montanhas ou campos, enquanto todos os escritores socializavam a vida dos salões e em sociedade; declarou-se crente em Deus e leitor da bíblia, num meio ambiente em que seus pares tentavam se libertar das antigas amarras da religiosidade fanática e dos misticismos medievais; renunciou ao luxo e adulações dos déspotas esclarecidos, enquanto os filósofos se valiam de suas benesses, em aparente contradição às teorias que professavam.

Mas mais que isso há que se render a algumas verdades sobre seus pensamentos: quando expressa no primeiro discurso que a virtude é inerente ao homem em estado natural; ou no segundo discurso em que traz uma gama de relatos de viagens e de filósofos cujos relatos ou pensamentos lhe servem ora para reafirmar, ora para justificar ou para contestar suas próprias deduções ou afirmações; falou sobre o que hoje denominamos etnocentrismo quando notou o quanto se julgavam as demais sociedades em função da sociedade européia, observando a importância do assunto num momento em que o etnocentrismo era a única forma de que dispunham os pesquisadores para falar sobre o desenvolvimento e o progresso; quando se dispõe a discutir sobre cultura e civilização, Rousseau percebe a necessidade de um retorno no tempo para alcançar a verdadeira origem, o início de tudo, pois para ele, os autores que se propunham a falar sobre o homem selvagem, acabavam sempre por descrever o homem civil; Rousseau, leitor atento dos relatos de viagem se apercebe sobre um aumento da miscigenação das raças em razão do incremento das viagens e do progresso instalado em todo o mundo; ao desenvolver entre outras, a teoria da piedade inata ele se permite o uso dessa capacidade de identificação com o seu semelhante e que Lévi-Strauss considera ser uma de suas clarezas admiráveis, pois

toda carreira de etnólogo deve, em um momento ou outro, superar essas duas contradições aparentes ¹⁵⁷, que se resolvem numa única implicação recíproca. A dívida do etnólogo aumenta porque Rousseau não só situou com precisão extrema, no quadro dos conhecimentos humanos, numa ciência ainda por nascer, mas com sua obra, pelo temperamento e caráter nela expressos, e por cada particularidade, por sua pessoa e por seu ser, preparou também para o etnólogo o conforto fraternal de uma imagem na qual este se reconhece. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 43).

Difícilmente se encontram autores dispostos a contrapor o que Lévi-Strauss disse sobre Rousseau. Seja em razão do respeito que lhe confere a comunidade acadêmica por sua significativa contribuição teórica, seja pela justeza e consistência de argumentos que desenvolve acerca do pensamento desse pensador Genebrino. Fato é que da leitura de algumas de suas obras, foi-nos possível, dentro das nossas óbvias limitações, encontrar sob sua criação fartos argumentos que justificam e garantem o êxito das considerações de seus pesquisadores.

Quanto a esta estudante, ainda aprendiz, amparada pela autoridade daqueles que a têm, me pus em busca do conhecimento e esta dissertação é a ocasião que se me fez possível falar, ainda que ao abrigo de argumentos emprestados, valho-me ainda de um último, de Maurice Maeterlinck (1862-1949), para encerrar: “dir-se-me-á: uma vez que nada sabes, por que te propões a falar-nos do que não sabes? Mas se todo mundo ficasse calado e continuasse a calar-se, não saberia mesmo que nada sabe”¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Contradições aparentes consistentes em duas questões: sua dedicação ao estudo do homem distante simultaneamente ao estudo ou descoberta de si próprio; e o desejo de se identificar com o outro ao mesmo tempo em que se recusa a se identificar consigo mesmo. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 43).

¹⁵⁸ Maurice Polydore Marie Bernard Maeterlinck foi um dramaturgo e ensaísta belga de língua francesa, e principal expoente do teatro simbolista.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, M. S. **Europe in the eighteenth century 1713 – 1783**. Great Britain: Longmans, 1961.
- ARBOUSSE-BASTIDE, Paul; MACHADO, Lourival Gomes. **Introdução e notas**. In: ROUSSEAU, Jean Jacques. **Do contrato social, Ensaio sobre a origem das línguas, discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, Discurso sobre as ciências e as Artes**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introduções e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 2 v. (Os Pensadores).
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BOUCHARDY, François. **Introduction**. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discours sur les sciences et les arts*. França: Gallimard, 2002a. (Collection Folio Essais, n. 304). p. 09-23.
- BOUCHARDY, François. **Notes e variantes**. In: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discours sur les sciences et les arts*. França: Gallimard, 2002b. (Collection Folio Essais, n. 304). P. 133-182.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: 1929 - 1989 – a revolução francesa da historiografia**. Tradução de Nilo Odália. 3. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- CASSIRER, Ernst. **A filosofia do iluminismo**. Tradução de Álvaro Cabral, 3ª Ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. (Coleção repertórios).
- CASSIRER, Ernst. **A questão Jean Jacques Rousseau**. Tradução de Erlon José Paschoal e Jesio Gutierre. Revisão da tradução de Isabel Marília Loureiro. Prefácio e posfácio de Peter Gay. São Paulo: Ed Unesp, 1999.
- DA MATTA, Roberto. **Relativizando**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- GULBENKIAN, Comissão. **Para Abrir as Ciências sociais**. São Paulo: Ed Cortez, 1996.
- DEVÈZE, Michel. **L'Europe et le monde à la fin du XVIIIe siècle**. França: Éditions Albin Michel, 1971.
- DUCHET, Michele. **Anthropologie et histoire au siècle des lumières**. Paris : François Maspero, 1971. (Bibliothèque d'Anthropologie).
- DUCHET, Michele. **Antropologia e historia em el siglo de las luces**. México: Siglo Veintiuno Editores, [197-?].
- DURKHEIM, Émile. **Montesquieu et Rousseau precurseurs de la sociologie**. Note introductive de George Davy. Paris: Rivière et Cie, 1966. (Serie B : les classiques de la sociologie).
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução da versão inglesa Ruy Jungmann. Revisão apresentação e notas Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, 2 v.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. **História da antropologia**. Tradução de Euclides Luiz Calloni. Revisão Técnica de Émerson Sena da Silveira. Petrópolis: Vozes, 2007.

FERREIRA, Delson Gonçalves. **Língua e literatura luso-brasileira**. 5. ed. Belo Horizonte: Ed. Bernardo Alvares, 1964.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de Fanny Wrobel. Revisão Técnica de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **O saber local**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1998.

GOULEMOT, Jean Marie; LAUNAY, Michel. **Le siècle des lumières**. Paris: Éditions du Seuil, 1968.

HAMPSON, Norman. **O iluminismo**. Tradução de Rafael Gonçalo Gomes Filipe. Lisboa: Ed. Ulisseia, 1973.

HAZARD, Paul. **La pensée européenne au XVIIIe siècle : De Montesquieu à Lessing**. França : Librairie Arthème Fayard, 1968.

HOBSBAWN, Eric J. **A era das revoluções**. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____, Eric J. **A era das revoluções**. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

HUNT, Lynn. **A nova História cultural**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martin Fontes, 1995.

ISAAC, Jules; BONIFACIO, A. **XVIIe & XVIIIe Siècles**. Paris: Hachette, 1952. (Classiques Hachette).

KOENIG, Catherine. **Notes**. In: ROUSSEAU, Jean Jacques. *Les confessions*. Préface de J.-B. Pontalis. Texte établi par Bernard Gagnebin et Marcel Raymond. Notes de Catherine Koenig. França : Gallimard, 2005. (Collection Folio Classic). P. 792-858.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. Tradução Marie-Agnès Chauvel. Prefácio Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo : Brasiliense, 2007

LAUNAY, Michel. **Jean Jacques Rousseau et son temps**. Paris: Librairie A. – G. Nizet, 1969.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. Tradução de Maria do Carmo Pandolfo. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____, Claude. **Introdução à obra de Marcel Mauss**. Tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo: EPU, 1974.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Introdução de Lévi-Strauss. Tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo: EPU, 1974.

MERCIER, Paul. **História da antropologia**. Tradução Cláudia Menezes. Revisão de Uiracy A. M. Cintra. São Paulo: Editora Moraes, [200-?].

MONTEAGUDO, Ricardo. **Entre o direito e a história: a concepção do legislador em Rousseau**. Dissertação (Mestrado em filosofia- Faculdade de filosofia e ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília), orientadora Maria das Graças de Souza nascimento, 1998.

MOUSNIER, Roland; LABROUSSE, Ernest. **História geral das civilizações: o século XVIII – o último século do antigo regime**. Tradução de Vitor Ramos. Colaboração de Marc Bouloiseau. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961. t 5.

MOZARÉ, Charles; WOLFF, Phillipe. **XVIIe – XVIIIe Siècles**. Paris : Librairie Armand Colin, 1953.

PISSARRA, Maria Constança Peres. **Rousseau: a política como exercício pedagógico**. 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 2005. (Coleção logos).

PONTALIS, J.B. **Préface**. In : ROUSSEAU, Jean Jacques. Les confessions. Préface de J.-B. Pontalis. Texte établi par Bernard Gagnebin et Marcel Raymond. Notes de Catherine Koenig. França : Gallimard, 2005. (Collection Folio Classic). P. 7-25.

RAYMOND, Lichet. **Jean Jacques Rousseau la vie et l'oeuvre**. Paris : Hachette, 1971.

ROGER, Jacques. **Chronologie et introduction**. In: ROUSSEAU, Jean Jacques. Discours sur les sciences et les arts, Discours sur l'origine de l'inegalité. Paris: GF Flammarion, 1971.

ROLLAND, Romand. **Apresentação**. In: ROUSSEAU, Jean Jacques. O Pensamento vivo de Rousseau. Tradução de J. Cruz Costa, apresentação de Romain Rolland. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965. (Biblioteca do Pensamento Vivo).

ROSSI, Paolo. **Naufrágios sem espectador: A idéia de Progresso**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo : ed. Unesp, 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discours sur les sciences et les arts**. França: Gallimard, 2002a. (Collection Folio Essais, n. 304).

_____. **Discours sur l'origine et les fondements de l'inegalité parmi les hommes**. Texte établi présenté et annoté par Jean Starobinski. França : Gallimard, 2005a. (Collection Folio Essais, n. 18).

_____. **Essai sur l'origine des langues**. Texte établi et présenté par Jean Starobinski. França : Gallimard, 2002b. (Collection Folio Essais, n. 135).

_____. **Les confessions**. Préface de J.-B. Pontalis. Texte établi par Bernard Gagnebin et Marcel Raymond. Notes de Catherine Koenig. França : Gallimard, 2005b. (Collection Folio Classic).

_____. **Do contrato social, Ensaio sobre a origem das línguas, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os Homens, Discurso sobre as ciências e as Artes**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

_____. **Do contrato social, Ensaio sobre a origem das línguas, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, Discurso sobre as ciências e as Artes.** Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1999. 2 v. (Os Pensadores).

_____. **Lettres écrites de La montagne.** La Bibliothèque universelle. <http://abu.cnam.fr/>, pesquisa em 20/01/2008.

_____. Jean Jacques. **O PENSAMENTO VIVO DE ROUSSEAU.** Tradução de J. Cruz Costa, apresentação de Romain Rolland. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965. (Biblioteca do Pensamento Vivo).

_____. **Rêveries du promeneur solitaire.** França : Librairie Général Française, 2001.

SANTOS, Volnyr. **Literatura.** Porto Alegre: Sagra, 1977.

STAROBINSKI, Jean. **Introduction.** In: ROUSSEAU, Jean Jacques. Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes. Texte établi présenté et annoté par Jean Starobinski. França : Gallimard, 2005a. (Collection Folio Essais, n. 18). P. 9-38.

_____, Jean. **Notes et bibliographie.** In: ROUSSEAU, Jean Jacques. Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes. Texte établi présenté et annoté par Jean Starobinski. França : Gallimard, 2005b. (Collection Folio Essais, n. 18). P. 169-277.

_____, Jean. **Préface.** In: ROUSSEAU, Jean Jacques. Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes. Texte établi présenté et annoté par Jean Starobinski. França : Gallimard, 2005c. (Collection Folio Essais, n. 18). P.52-57.

_____, Jean. **Présentation.** In: ROUSSEAU, Jean Jacques. Essai sur l'origine des langues. Texte établi et présenté par Jean Starobinski. França: Gallimard, 2002a. (Collection Folio Essais, n. 135). P.09-54.

_____, Jean. **Notes.** In: ROUSSEAU, Jean Jacques. Essai sur l'origine des langues. Texte établi et présenté par Jean Starobinski. França : Gallimard, 2002b. (Collection Folio Essais, n. 135). P.209-282.

STRATHERN, Paul. **Rousseau em 90 minutos.** Tradução Maria Lucia de Oliveira. Consultoria de Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Filósofos em 90 minutos).

TUFANO, Douglas. **Estudos de literatura brasileira.** 4. ed rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1988.

ANEXOS

ANEXO A: Carta da parte de Catarina a Diderot, a respeito da Enciclopédia.

A Saint-Petersbourg, le 20 août 1762.

Monsieur, comme votre réputation est aussi étendue que la république des lettres, l'éloignement ne porte aucun préjudice à l'admiration universelle que vous méritez à si juste titre. L'impératrice, ma souveraine, protectrice zélée des sciences et des arts, a pensé depuis longtemps aux moyens propres à encourager le fameux ouvrage auquel vous avez tant de part; c'est par son ordre, monsieur, que j'ai l'honneur de vous écrire pour vous offrir tous les secours que vous jugerez nécessaires pour en accélérer l'impression. En cas qu'elle trouvât des obstacles ailleurs, elle pourrait se faire à Riga ou dans quelque autre ville de cet empire. *L'Encyclopédie* trouverait ici un asile assuré contre toutes les démarches de l'envie. S'il faut de l'argent pour subvenir aux frais, parlez sans détour, monsieur. J'attends impatiemment votre réponse pour en faire rapport à ma souveraine. Il m'est flatteur d'avoir pu être l'organe de ses sentiments, et je n'ambitionne rien tant que de pouvoir vous prouver efficacement l'estime et la considération avec lesquelles j'ai l'honneur d'être, etc.

Signé J. Schouvaloff. ¹⁵⁹

Fonte:

Disponível em: <<http://pagesperso-orange.fr/dboudin/zEtudes/Grimm/05/Table5.html#1763>>, acesso em 20/01/2008.

¹⁵⁹ Senhor, como vossa reputação é tão extensa como a república das letras, o distanciamento não traz nenhum prejuízo à admiração universal que merecis por tão justo título. A imperatriz, minha soberana, protetora zelosa das ciências e das artes, pensou desde muito tempo nos meios próprios para encorajar a famosa obra da qual fazeis tanta parte; é por sua ordem, senhor, que eu tenho a honra de escrever-vos para oferecer todos os seguros que julgardes necessários para acelerar a sua impressão. Caso encontrasse obstáculos em outro lugar, poderia ser feita em Riga ou em qualquer outra cidade deste império. A Enciclopédia encontraria aqui um asilo seguro contra todas as diligências de inveja. Se for necessário dinheiro para subvenção de gastos falai-me sem subterfúgios, senhor. Espero impacientemente sua resposta para relatá-la à minha soberana. Sinto-me lisonjeada por haver podido ser porta voz de seus sentimentos e ambiciono apenas poder provar-vos eficazmente a estima e consideração com as quais tenho a honra de ser, etc.
Assinado J. Schouvaloff (tradução nossa).

ANEXO B: Carta de Catarina a d'Alembert

A Moscou, le 13 novembre 1762.

Monsieur d'Alembert, je viens de lire la réponse que vous avez écrite au sieur Odar, par laquelle vous refusez de vous transplanter pour contribuer à l'éducation de mon fils. Philosophe comme vous êtes, je comprends qu'il ne vous coûte rien de mépriser ce qu'on appelle grandeurs et honneurs dans ce monde; à vos yeux tout cela est peu de chose, et aisément je me range de votre avis. A envisager les choses sur ce pied, je regarderais comme très petite la conduite de la reine Christine, qu'on a tant vantée, et souvent blâmée à plus juste titre; mais être né ou appelé pour contribuer au bonheur et même à l'instruction d'un peuple entier, et y renoncer, me semble, c'est refuser de faire le bien que vous avez à coeur. Votre philosophie est fondée sur l'humanité: permettez-moi de vous dire que de ne point se prêter à la servir tandis qu'on le peut, c'est manquer son but. Je vous sais trop honnête homme pour attribuer vos refus à la vanité, je sais que la cause n'en est que l'amour du repos pour cultiver les lettres et l'amitié; mais à quoi tient-il? Venez avec tous vos amis; je vous promets, et à eux aussi, tous les agréments et aisances qui peuvent dépendre de moi, et peut-être vous trouverez plus de liberté et de repos que chez vous.

Vous ne vous prêtez point aux instances du roi de Prusse et à la reconnaissance que vous lui avez; mais ce prince n'a pas de fils. J'avoue que l'éducation de ce fils me tient si fort à coeur, et vous m'êtes si nécessaire, que peut-être je vous presse trop. Pardonnez mon indiscretion en faveur de la cause, et soyez assuré que c'est l'estime qui m'a rendue si intéressée.

Signé Catherine.

Dans toute cette lettre je n'ai employé que les sentiments que j'ai trouvés dans vos ouvrages; vous ne voudriez pas vous contredire.¹⁶⁰

¹⁶⁰ Moscou, 13 de novembro de 1762.

Senhor d'Alembert, acabo de ler a resposta que escrevestes ao senhor Odar, na qual recusais deslocar-vos para contribuir para a educação de meu filho. Filósofo como sois, compreendo que não vos custa nada menosprezar o que se chama grandeza e honra neste mundo; aos vossos olhos isso é uma bagatela e facilmente eu me guardo de vossa opinião. A considerar estas coisas neste pé eu veria como muito pequena a conduta da rainha Christine, que tanto enaltecemos e freqüentemente censurada pelo mais justo título; mas nascido ou chamado a contribuir para a felicidade e a instrução de um povo inteiro e a isso renunciar, parece-me, é recusar fazer o bem que tendes em vosso coração. Vossa filosofia é fundamentada na humanidade: permiti-me dizer-vos que não se colocar a seu serviço enquanto se pode fazê-lo é errar em seu objetivo. Reconheço-vos homem muito honesto para atribuir a vossa recusa à vaidade, sei que a causa é somente o amor ao repouso para cultivar as letras e a amizade; mas o que importa? Vinde com vossos amigos, eu vos prometo e a eles também todas as satisfações e facilidades que possam depender de mim e talvez encontrassem mais liberdade e repouso que em vossa casa.

Vós não atentais às solicitações do rei da Prússia e ao reconhecimento que tendes por ele, mas o príncipe não tem filhos. Confesso que a educação deste filho me interessa intensamente e vós sois tão necessário que vos pressiono muito.

Fonte: <<http://pagesperso-orange.fr/dboudin/zEtudes/Grimm/05/Table5.html#1763>>, acesso em 20/01/2008.

Perdoai minha indiscrição a favor da causa, e assegurai-vos que é a estima que me fez tão interessada.

Assinado Catherine

Em toda essa carta eu somente empreguei os sentimentos que encontrei em suas obras, não quereis me contradizer.

Anexo C ¹⁶¹ : Carta de Buffon Jean Jacques Rousseau

Montbard, 13 octobre 1765.

C'est avec un très grand plaisir, monsieur, que j'ai reçu les témoignages de votre amitié ¹; je n'aurais pas différé à vous en remercier si, dans ce même temps, à peu près, je n'avais appris qu'il vous était arrivé de nouveaux malheurs² et que vous aviez quitté la ville de Motiers; on vient de me donner votre adresse, en m'assurant que vous êtes tranquille à Neuchâtel. Dieu veuille calmer vos persécuteurs, puisqu'il ne veut pas les confondre! J'ai mille fois gémi sur votre sort, j'ai vu avec douleur que vos prêtres sont encore plus intolérants, plus féroces que les nôtres; je pensais qu'après les injustices qu'on vous avait faites à Paris³ vous trouveriez, comme dédommagement bien mérité, la justice et la paix dans Genève; vos concitoyens vous la devaient; ils vous devaient beaucoup plus, car, indépendamment de l'honneur que vous faites à votre patrie, vous lui étiez sincèrement et peut-être même trop chaudement attaché; vous avez été la victime de votre amour pour la vérité et même de votre amour patriotique ; quel triste exemple! il ne peut que rendre tiède pour la vertu; je sais que la vôtre est soutenue d'un grand courage et que votre âme est aussi ferme qu'élevée; mais le courage n'empêche pas de souffrir, et lorsque c'est pour une cause injuste, il se tourne en indignation, et ce sentiment est encore désagréable. Je vous aime, monsieur, je vous admire et je vous plains de tout mon cœur. C'est dans ces sentiments et avec l'estime la mieux fondée que j'ai l'honneur d'être, monsieur, votre très humble et très obéissant serviteur.

BUFFON.

Mes compliments, je vous supplie, à M. du Peyron.

(Inédite. — Bibliothèque de Neuchâtel. — Communiquée par M. Félix Bovet, ancien bibliothécaire.)

Notes de l'édition originale :

¹ Jean-Jacques, qui aimait et admirait Buffon, n'a laissé passer aucune occasion de manifester ce double sentiment dans ses actes et ses écrits.

¹⁶¹Disponível

em:

<http://www.buffon.cnrs.fr/correspondance/corr_buffon_affi_lettre.php?lang=fr&table=buffon_corr_main&bookId=94&exp=BUFFON&dest=JEAN-JACQUES%20ROUSSEAU>, acesso em 28.10.2008

On connaît l'hommage qu'il lui rendit le jour où, vêtu en Arménien, il se fit conduire au cabinet de travail de Buffon, à Montbard, se découvrit, s'agenouilla et en baisa le seuil sans vouloir le franchir.

« M. de Buffon, rapporte Hérault de Séchelles, me disait en parlant de Rousseau: « Je l'aimais assez, mais lorsque j'ai lu ses Confessions, j'ai cessé de l'estimer, son âme m'a révolté et il m'est arrivé pour Jean-Jacques le contraire de ce qui arrive ordinairement: après sa mort, j'ai commencé à le mésestimer ». Humbert Bazile confirme en ces termes ce témoignage: « Il ne pardonnait à Jean-Jacques ni ses contradictions ni ses paradoxes; il disait, en parlant de Rousseau : « J'aimais son talent et plaignais son caractère. »

² La vie errante et accidentée de Rousseau comprend cinq séjours à Paris. Il y vint pour la première fois en 1732, après avoir été laquais à Genève, et y vécut obscurément et misérablement jusqu'en 1735, où il retourna près de Mme de Warens. Précepteur à Lyon, chez M. de Mably, en 1740, il revint à Paris en 1741 ; mais déçu dans son espoir de faire fortune avec une invention pour noter la musique, il partit pour Venise avec l'ambassade du comte de Montaigu. De retour en 1748, il entra comme commis chez le fermier général Dupin, se liait avec Grimm et Diderot, concourait, en 1749 et 1753, pour les prix de l'Académie de Dijon avec deux discours restés fameux, était couronné une fois mais échouait l'autre, faisait jouer avec un grand succès le Devin de village, dont il avait composé les paroles et la musique, et quittait de nouveau Paris en 1753, après un séjour de cinq années. Il y revint en 1755 et y séjourna huit ans, jusqu'en 1763. C'est à ce quatrième et glorieux séjour que Buffon fait allusion. Jean-Jacques ne reparut plus à Paris qu'en 1770 après un séjour en Angleterre, près de Hume, et passa les huit dernières années de sa vie à écrire ses Confessions chez le comte de Girardin, dans sa retraite d'Ermenonville.

³ Jean-Jacques était alors à l'époque la plus troublée de sa retentissante carrière. Il venait d'écrire à l'Ermitage de Montmorency, chez Mme d'Epinay, la Nouvelle Héloïse (1759), le Contrat social (1760), l'Emile (1762). Décrété de prise de corps par le Parlement de Paris, condamné à Genève, où son livre avait été brûlé, il avait dû fuir Paris et Genève et s'était réfugié à Motiers-Travers, principauté de Neuchâtel, où, habillé en Arménien, il faisait du lacet, retraite qu'il dut bientôt quitter pour se réfugier en Angleterre, puis en France. ¹⁶²

¹⁶² Montbard, 13 de outubro de 1765

É com um grande prazer, senhor, que recebi os testemunhos de vossa amizade; não teria adiado tanto o agradecimento se ao mesmo tempo, ou quase, não tivesse conhecimento que vos aconteciam novas infelicidades e que tínheis abandonado a cidade de Môtiers; acabo de receber vosso endereço, assegurando-me que estais tranqüilo em Neuchâtel. Deus queira apaziguar vossos perseguidores, já que não os quer confundir! Tenho mil vezes gemido sobre vossa sorte, tenho visto com dor que vossos padres são ainda mais intolerantes, mais ferozes

Anexo D¹⁶³: Carta de Buffon a Catarina II e de Catarina II a Buffon.

LETTRE CCCLVI - A L'IMPÉRATRICE CATHERINE II¹.

"Au Jardin du Roi, le 14 décembre 1781.

Madame,

J'ai reçu, par M. le baron de Grimm², les superbes fourrures³ et la très riche collection de médailles et grands médaillons⁴ que Votre Majesté Impériale a eu la bonté de m'envoyer.

que os nossos; pensava que depois das injustiças que lhes haviam feito, em Paris, encontraríeis como ressarcimento bem merecido, a justiça e a paz em Genebra; vossos concidadãos vo-la deviam; eles vo-la deviam muito mais, porque, independentemente da honra que fazeis a vossa pátria, vós a ela estáveis sinceramente e talvez muito calorosamente ligado; tendes sido a vítima de vosso amor pela verdade e mesmo de vosso amor patriótico; que triste exemplo! Pode somente se acalmar pela virtude; eu sei que a vossa é sustentada por uma grande coragem que vossa alma é também firme quanto elevada; porém a coragem não impede de sofrer, e quando é por uma causa injusta torna-se indignação, e o sentimento é ainda desagradável. Eu vos amo senhor, eu vos admiro e vos lamento de todo meu coração. E com estes sentimentos e com a estima a melhor alicerçada que tenho a honra de ser, senhor, vosso mais humilde e mais obediente servidor

Buffon

Meus cumprimentos eu vos suplico, à M.de Peyron

(Inédito- Biblioteca de Neuchâtel – Comunicada por M. Félix Bovet, velho bibliotecário)

Notas da edição original

1 Jean-Jacques que amava e admirava Buffon, não deixou passar nenhuma ocasião de manifestar o duplo sentimento em seus atos e escritos.

Conhecia-se a homenagem que lhe rendia o dia em que vestido como armênio, fez-se conduzir ao gabinete de trabalho de Buffon, em Montbard, descobriu-se, ajoelhou-se e beijou a soleira da porta sem querer ultrapassá-la.

“M. de Buffon, relata Hérault de Séchelles, dizia-me falando de Rousseau: Eu o amava bastante, mas quando li suas Confissões, eu deixei de estimá-lo, sua alma me revoltou e me fez sentir o contrário do que acontecia ordinariamente; depois de sua morte eu comecei a menosprezá-lo.

Humbert Bazile confirma nestes termos o testemunho: “Ele não perdoava a Jean-Jacques nem suas contradições nem seus paradoxos; ele dizia falando de Rousseau: “Eu amei seu talento e lamentava seu caráter”.

2 A vida errante e acidentada de Rousseau compreende cinco estadas em Paris. Lá esteve pela primeira vez em 1732 depois de haver sido lacaio em Genebra e vivido obscura e miseravelmente até 1735 quando retornou para perto de Madame Warens. Preceptor em Lyon, na casa de M. de Mably em 1740, retornou a Paris em 1741; mas desapontado em sua esperança de fazer fortuna com uma invenção para anotar a música, partiu para Veneza com o embaixador conde de Montaigu; de retorno em 1748, entrou como secretário na casa do comissário geral [conselheiro do rei] Dupin, ligava-se com Grimm e Diderot, concorria em 1749 e 1753 aos prêmios da Academia de Dijon com dois discursos tornados famosos, laureado uma vez mas fracassado noutra, representava com um grande sucesso o Adivinho da cidade, para o qual havia composto as letras e a música e abandonava de novo Paris em 1753, após uma estada de cinco anos.

Retornou em 1755 e lá permaneceu por oito anos, até 1763. É a esta quarta e gloriosa estada que Buffon faz alusão. Jean-Jacques não reapareceu mais em Paris senão em 1770 depois de uma estada na Inglaterra, depois de Hume, e passou os oito últimos anos de sua vida a escrever suas Confissões na casa do Conde de Girardin em sua aposentadoria em Ermenonville.

3 Jean-Jacques estava então na época mais conturbada de sua retumbante carreira. Acaba de escrever 'Ermitage de Montmorency, na casa de Madame d'Epinau, a novela Heloïse (1759); o Contrato Social (1760), O Emílio (1762). Decretada a prisão pelo Parlamento de Paris, condenado em Genebra, onde seu livro havia sido queimado, precisava fugir de Paris e Genebra e se refugiou em Môtiers-Travers, principado de Neuchâtel, onde, vestido de Armênio, precisava fazer cordão, retiro que precisou logo abandonar para se refugiar na Inglaterra depois na França.

¹⁶³

Disponível

em:

<http://www.buffon.cnrs.fr/correspondance/corr_buffon_affi_lettre.php?lang=fr&table=buffon_corr_main&bookId=456&exp=LE%20Cte%20DE%20BUFFON&dest=L'IMPÉRATRICE%20CATHERINE%20II2>, acesso em 28.10.2008.

Mon premier mouvement, après le saisissement de la surprise et de l'admiration, a été de porter mes lèvres sur la belle et noble image⁵ de la plus grande personne de l'univers, en lui offrant les très respectueux sentiments de mon cœur.

Ensuite, considérant la magnificence de ce don, j'ai pensé que c'était un présent de souverain à souverain, et que, si ce pouvait être de génie à génie, j'étais bien au-dessous de cette tête céleste, digne de régir le monde entier, et dont toutes les nations admirent et respectent également l'esprit sublime et le grand caractère. Sa Majesté Impériale est donc si fort élevée au-dessus de tout éloge que je ne puis ajouter que mes vœux à sa gloire.

Cet ouvrage en chaînons⁶, trouvé sur les bords de l'Irtisch⁷, est une nouvelle preuve de l'ancienneté des arts dans son Empire.

Le Nord, selon mes Époques, est aussi le berceau de tout ce que la nature, dans sa première force, a produit de plus grand, et mes vœux seraient de voir cette belle nature et les arts descendre une seconde fois du Nord au Midi, sous l'étendard de son puissant génie⁸.

En attendant ce moment qui mettra de nouveaux trophées sur ses couronnes, et qui ferait la réhabilitation de cette partie croupissante de l'Europe, je vais conserver ma trop vieille santé sous les zibelines et les hermines⁹, qui dès lors resteront seules en Sibérie, et que nous aurions de la peine à habituer en Grèce et en Turquie.

Le buste auquel M. Houdon travaille¹⁰ n'exprimera jamais aux yeux de ma grande Impératrice les sentiments vifs et profonds dont je suis pénétré; soixante et quatorze ans imprimés sur ce marbre ne pourront que le refroidir encore. Je demande la permission de le faire accompagner d'une effigie vivante. Mon fils unique, jeune officier aux gardes, le portera aux pieds de son auguste personne. Il revient actuellement de Vienne et du camp de Prague¹¹, où il a été bien accueilli; et, puisqu'il ne m'est pas possible d'aller moi-même faire mes remerciements à Votre Majesté Impériale, je donnerai une portion de mon cœur à mon fils, qui partage déjà toute ma reconnaissance; car je substitue ces magnifiques médailles dans ma famille¹² comme un monument de gloire respectable à jamais. Tout Paris vient chez moi pour les admirer, et chacun se récrie sur la noble magnificence et les hautes qualités personnelles de ma bienfaitrice; ce sont autant de jouissances ajoutées à ses bienfaits réels. J'en ressens vivement le prix par l'honneur qu'ils me font, et je ne finirais jamais cette lettre, peut-être déjà trop longue, si je me livrais à toute l'effusion de mon âme, dont tous les sentiments seront à jamais consacrés à la première et à l'unique personne du beau sexe qui a été supérieure à tous les grands hommes.

C'est avec le plus profond respect et j'ose dire avec l'adoration la mieux fondée, que j'ai l'honneur d'être,

Madame,

De Votre Majesté Impériale, le très humble, très obéissant et très dévoué serviteur.

LE Cte DE BUFFON.

(Ministère des affaires étrangères de Russie; publiée avec des variantes par Grimm.)

Notes de l'édition originale:

¹ Catherine II, impératrice de Russie, déjà nommée. (T. II, p. 20, note 1.)

² Frédéric Melchior, baron de Grimm, critique et diplomate, né le 26 décembre 1723, mort le 19 décembre 1807. Ministre et correspondant en France du duc de Saxe-Gotha en 1776, et de Catherine II en basse Saxe en 1795, auteur en 1753 du *Petit prophète*, en faveur de la musique italienne, et, en collaboration avec Diderot, de la *Correspondance philosophique, littéraire et critique* de 1753 à 1790, publiée en 1812-1813, occupe une place considérable dans l'histoire littéraire, anecdotique et philosophique du XVIII^e siècle.

³ Ce présent de fourrures, qui comprenait plusieurs caisses de martres, hermines et zibelines, était, en effet, de la plus grande richesse. Buffon s'en fit garnir plusieurs vêtements, et, au mariage de son fils, il mit les plus belles dans la corbeille de sa belle-fille. Ce qui reste des fourrures de l'Impératrice appartient aujourd'hui à Mme de Vaulgrenant, née Nadault de Buffon. La munificence de l'Impératrice donna lieu à de nombreuses pièces de vers, publiées dans les feuilles du temps, et notamment à celle adressée: A M. de Buffon par M. de La Ferté, avocat au Parlement, sur le présent de fourrures que lui a envoyé S.M.I. de Russie, accompagné des médailles frappées sous son règne, et sur la demande qu'elle lui a faite de son buste ; pièce insérée par Grimm dans sa *Correspondance littéraire* et que nous avons reproduite à la page 381 du tome II de la première édition de la *Correspondance*.

⁴ On a vu par la lettre de Buffon à M. Amelot, du 26 juin 1780, qu'il était, à cette date, en correspondance avec Catherine II et qu'il lui envoyait ses ouvrages.

Les mémoires de Bachaumont annonçaient ainsi, le 5 février 1782, les présents et la lettre de l'impératrice: «M. le comte de Buffon ayant eu l'occasion d'envoyer ses œuvres à la czarine, cette magnifique souveraine lui a fait donner en échange la collection des médailles de son

règne en or, présent d'environ 40,000 livres. Elle y a joint une lettre charmante, et le philosophe très galant a répondu par une de remerciement, dans le genre de celle qu'on a vue il y a un an adressée à Mme la comtesse de Genlis, mais proportionnée à l'illustre héroïne. »

« C'était, dit Humbert Bazile, un superbe présent où le travail de l'art ne le cédait en rien à la richesse du métal. Lorsque la caisse fut apportée au Jardin du Roi, M. de Buffon me chargea de l'ouvrir sous ses yeux. Les médailles étaient renfermées dans deux boîtes de maroquin vert à filets d'or. L'intérieur était garni de velours écarlate. Elles étaient au nombre de cinquante, d'inégale grandeur; le voyage en avait altéré quelques-unes, mais elles furent immédiatement remplacées. »

En effet Catherine II écrivait à Grimm, le 15 février :

« Je suis bien fâchée que le médaillier de M. de Buffon soit arrivé en mauvais état. Si je savais quelles médailles ont souffert, j'en enverrais les doubles. Vous trouverez ci-jointe ma réponse à la lettre de cet homme illustre. Si elle est bien selon vous, vous la donnerez. Le buste sera le bienvenu, et le fils de M. de Buffon aussi. »

⁵ Catherine II avait joint à cet envoi son portrait sur une tabatière d'or enrichie de diamants.

« En 1794, dit encore Humbert Bazile, je devins possesseur de ce précieux bijou. Voici dans quelles circonstances: Le comte de Buffon fils étant mort sur l'échafaud, ses biens avaient été confisqués par la Nation, et ses meubles vendus révolutionnairement. A Montbard, un sieur Touzet avait été délégué par le district de Semur pour présider à la vente. J'y assistai, le cœur navré, et je vis disperser et adjuger à bas prix et payer en assignats des meubles et des objets d'art d'une grande valeur. Je me rendis acquéreur de quelques meubles qui avaient plus particulièrement appartenu à M. de Buffon et que je ne voulais pas voir profaner: son fauteuil, son secrétaire, quelques livres. Dans un tiroir qui n'avait pas été ouvert se trouvait la tabatière de l'impératrice. Mais, en 1815, alors qu'un état-major russe occupait la forge de mon père, je commis l'imprudence de faire voir le portrait à un officier; il prit la boîte, la mit dans sa poche et partit. »

⁶ Avec les médailles, les fourrures et le portrait, l'impératrice avait envoyé à Buffon une chaîne en or massif, trouvée dans des fouilles en Sibérie. « Les cultures, les arts, les bourgs épars dans cette région, dit Pallas, sont les restes encore vivants d'un empire ou d'une société florissante dont l'histoire même est ensevelie avec ses cités, ses temples, ses armes, ses monuments, dont on déterre, à chaque pas, d'énormes débris. »

⁷ Fleuve de l'Asie méridionale qui sort des monts Altaï, parcourt 6,900 kilomètres et se jette dans l'Obi.

⁸ La correspondance de Voltaire avec Catherine II renferme des vœux analogues.

⁹ Le public parisien put voir, dans les premiers jours d'avril 1788, Buffon, soutenu par deux laquais, faire sa dernière promenade au Jardin du Roi, enveloppé dans les chaudes fourrures de l'impératrice.

¹⁰ Jean-Antoine Houdon, statuaire, membre de l'Institut, professeur à l'École des beaux-arts, né le 20 mars 1741, mort le 15 juillet 1828, élève de Pigalle qu'il a surpassé, auteur de la statue de saint Bruno à Sainte-Marie des Anges à Rome, statue qui faisait dire au pape Clément XIV que « si la règle de son ordre ne lui prescrivait pas le silence, elle parlerait » de l'Écorché, d'une Diane chasseresse pour l'impératrice Catherine II, de la belle statue de Voltaire au foyer des Français, de celle de Tourville et de Washington, dont il avait été l'hôte à Philadelphie, des bustes de Rousseau, Glück, Franklin, d'Alembert, du prince Henri de Prusse, Mirabeau, Napoléon, l'impératrice Joséphine, le maréchal Ney, etc. Il a fait le buste de Catherine II en même temps que celui de Buffon. Sa femme, connue par sa beauté et son esprit, a traduit en français le roman anglais de Dalmour.

« Le buste de Buffon par Houdon, dit Hérault de Séchelles, est celui qui me paraît le plus ressemblant; mais le sculpteur n'a pu rendre ces épais sourcils qui ombragent des yeux noirs, très actifs, sous de beaux cheveux blancs. Il était frisé lorsque je le vis, quoiqu'il fût malade... Je vis une belle figure, noble et calme. Malgré son âge de soixante-quatorze ans, on ne lui en donnerait que cinquante, et, ce qu'il y a de plus singulier, c'est que, venant de passer seize nuits sans fermer l'œil, il était frais comme un enfant et tranquille comme en santé. On m'assura que tel était son caractère; jamais d'humeur, jamais d'impatience ; toute sa vie il s'est appliqué à paraître supérieur à la douleur. »

« J'ai vu, avant qu'il fût envoyé en Russie, dit à son tour Humbert Bazile, le buste de M. Houdon. C'est ce qui, soit du vivant de M. de Buffon, soit depuis sa mort, a été fait de plus ressemblant; mais le sculpteur n'a pu traduire l'harmonie de cette noble physionomie avec ces vastes sourcils noirs arqués, ces yeux toujours en mouvement, ces cheveux blancs et soyeux. » Nous avons inutilement recherché, en Russie, le buste de Buffon. La galerie de M. Gatteau, de l'Institut, en partie détruite par les incendies de la Commune, en possédait un fort beau. Il a été moulé à quelques exemplaires seulement pour sa famille et ses amis. Nous possédons celui que s'était réservé Buffon, et devant lequel Mme Nadault, épanchant sa douleur dans une

lettre à Mme Necker du 29 avril 1788, lui disait : « C'est aux pieds de son image chérie que je vous écris. »

Mme Necker écrivait de son côté à Mme Nadault : « J'ai mis son buste dans un lieu solitaire; j'y recueillerai ses dons et ses précieuses lettres; et là, si le poids des années et les dérisions de la jeunesse viennent à m'humilier dans mes derniers jours, j'irai m'y rappeler que je fus cependant aimée de M. de Buffon, et les larmes que je verserai sur ce marbre, vivant pour moi, m'assureront trop, hélas ! que ma gloire ne fut point un songe.»

Outre les bustes de Houdon et de Pajou et ceux placés à l'Institut et à l'École normale supérieure, à la Bibliothèque nationale et dans presque toutes les bibliothèques de Paris, au musée de Dijon, etc., il a été fait, dans ces derniers temps, un très grand nombre de bustes et statuettes de Buffon de toutes les dimensions, en marbre, ivoire et bronze, notamment pour décorer des pendules, encriers et presse-papiers.

¹¹ Voir sur l'accueil fait par Joseph II au fils de Buffon la lettre du 23 janvier 1782 à la comtesse de Grisoni.

¹² La volonté de Buffon n'a pas été respectée. A sa mort, le médaillier de Catherine II ne s'est retrouvé ni à Paris ni à Montbard, et il ne figure sur aucun des inventaires dressés à cette date à Montbard et au Jardin du Roi. On a soupçonné sans preuves le fils de Buffon d'avoir échangé en Angleterre ces riches médailles contre des chevaux de sang. « Après la mort tragique du fils de mon bienfaiteur, dit Humbert Bazile, ces médailles disparurent et on le soupçonna d'en avoir disposé. N'est-il pas plus vraisemblable que, si ce riche écrin ne s'est pas retrouvé à la levée des scellés apposés révolutionnairement à son domicile, c'est que, dans ces temps de rapt, de désordre et d'impunité, une main étrangère s'en sera emparée. J'aurais voulu les voir figurer au cabinet des médailles de la Bibliothèque du Roi. »

Catherine II répondit à Buffon.

Sa lettre, insérée par Grimm dans la Correspondance littéraire, nous a également été conservée par Humbert Bazile.

La copie que nous donnons ici a été prise aux archives du Ministère des affaires étrangères de Russie :

« Saint-Pétersbourg, le 5 février 1782.

« Monsieur le comte de Buffon,

Je viens de recevoir, par M. le baron de Grimm, la lettre que vous avez bien voulu m'écrire, en date du 14 décembre de l'année passée.

« Personne n'était plus en droit que vous, monsieur, d'être revêtu des fourrures de la Sibérie. Vos Époques de la nature ont donné à mes yeux un nouveau lustre à ces provinces dont les fastes ont été si longtemps plongés dans l'oubli le plus profond. Il n'appartient qu'au génie, orné de si grandes connaissances, de deviner pour ainsi dire le passé, d'appuyer ses conjectures de faits indiscutables, et de lire l'histoire des pays et celle des arts dans le livre immense de la nature.

« Les médailles frappées du métal que nous fournissent ces contrées pourront un jour servir à constater si les arts ont dégénéré là où ils ont pris naissance. Ce qu'il y a de sûr, c'est que, lorsqu'on les frappait, le chaînon qui est en votre possession n'a point trouvé d'imitateurs ici.

« Que les zibelines conservent votre santé, monsieur, jusqu'au temps où elles s'habitueront aux climats modérés; que votre buste, travaillé par Houdon, vienne dans ce Nord où vous avez placé le berceau de tout ce que la nature, dans sa première force, a produit de plus grand et de plus remarquable; que M. votre fils l'accompagne, il sera témoin de la renommée de son illustre père et de l'estime très distinguée que lui porte

« CATHERINE. »¹⁶⁴

¹⁶⁴ Carta à imperatriz Catherine II (1)

Jardim do Rei, 14 de dezembro de 1781

Madame,

Recebi através de M. o barão de Grimm (2), as magníficas peles (3) e a mais rica coleção de medalhas e grandes medalhões (4) que Vossa Majestade Imperial teve a bondade de me enviar.

Meu primeiro movimento após a emoção profunda da surpresa e da admiração foi levar meus lábios sobre a bela e nobre imagem (5) da maior pessoa do universo, oferecendo-lhe os mais respeitosos sentimentos de meu coração.

Em seguida, considerando a magnificência dessa dádiva julguei ser um presente de soberano para soberano, e que, se este podia ser de gênio para gênio, eu estava bem abaixo desta cabeça celeste, digna de reger o mundo inteiro e que todas as nações admiram e respeitam igualmente o espírito sublime e o grande caráter. Sua Majestade Imperial está portanto, tão intensamente acima de todo elogio que não pude acrescentar meus votos em sua glória.

Esta obra (6), em questão, encontrada às margens do Irtisch (7) é uma nova prova de envelhecimento das artes em seu império.

O Norte, conforme minhas Épocas é também o berço de tudo o que a natureza, em sua primeira força produziu de maior e meus votos seriam de ver esta bela natureza e as artes descerem uma segunda vez do Norte ao Meio, sob o estandarte de seu poderoso gênio (8).

Esperando o momento que colocará novamente troféus sobre sua coroa, o que faria a reabilitação desta parte estagnada da Europa, vou conservar minha demasiada velha saúde sob os zibelinos e arminhos (9) que desde então permanecerão sós na Sibéria e que sofreríamos muito para acostumarmos a eles na Grécia e na Turquia.

O busto no qual M. Houdon trabalha (10) não expressará jamais aos olhos de minha grande imperatriz os vivos e profundos sentimentos dos quais estou penetrado; setenta e quatro anos impressos sobre o mármore poderão somente esfriá-lo uma vez mais. Peço a permissão de fazê-lo acompanhar de uma imagem viva - meu filho único, jovem oficial de segurança, que o levará aos pés de sua augusta pessoa. Ele retornou atualmente de Viena e do campo de Praga (11) onde foi bem acolhido; e porque não me é possível ir eu mesmo fazer meus agradecimentos a Vossa Majestade Imperial, darei uma porção de meu coração a meu filho que partilha já todo meu reconhecimento porque eu substituo estas magníficas medalhas dentro de minha família (12) como um monumento respeitável de glória eterna. Toda Paris vem à minha casa para admirá-las, e cada um se recria sobre a nobre magnificência e as altas qualidades pessoais de minha benfeitora; são muitos deleites acrescentados à seus benfeitores reais.

Ressinto vivamente o prêmio pelo que eles me honram e não terminaria jamais esta carta, talvez já muito longa se houvesse me livrado de toda efusão de minha alma cujos sentimentos serão eternamente consagrados à primeira e única pessoa do belo sexo que foi superior a todos os grandes homens.

É com o mais profundo respeito que ousou dizer com a adoração a melhor fundada que tenho a honra de ser,

Madame,

De Vossa Majestade Imperial, o mais humilde, mais obediente e mais devotado servidor.

O Conde de Buffon

Ministério dos Negócios Estrangeiros da Rússia, publicada com variantes para Grimm.

Notas da edição original

1 Catherine II, imperatriz da Rússia, já nomeada. (T.II, p. 20, nota 1)

2 Frédéric Melchior, barão de Grimm, crítico e diplomata nascido em 26 de dezembro de 1723, morto em 19 de dezembro de 1807. Ministro e correspondente na França do duque de Saxe-Gotha em 1776, e de Catherine II no baixo Saxe em 1795, autor em 1753 do Pequeno profeta, em favor da música italiana e em colaboração com Diderot, da Correspondência filosófica literária e crítica de 1753 à 1790, publicada em 1812-1813 ocupa um lugar considerável dentro da história literária, anedótica e filosófica do XVIII século.

3 O presente de peles que compreendia várias caixas de mármore, arminhos e zibelinos, era, com efeito, a maior riqueza. Buffon se fez guarnecer de muitos vestuários, e, no casamento de seu filho, ele colocou os mais belos no camarote de sua nora. O restante das peles dadas pela Imperatriz pertencem hoje à Madame de Vaultrenant, nascida Nadault de Buffon. A generosidade da Imperatriz deu lugar a numerosas peças de versos, publicados nas folhas do tempo e notadamente àquela endereçada: A. M de Buffon por M. de la Ferté, advogado do Parlamento, sobre o presente de peles que lhe enviou S.M.I. (sua majestade imperial) da Rússia, acompanhada das medalhas cunhadas sob seu reinado e sobre o pedido que ela lhe fez de seu busto; peça inserida por Grimm na Correspondência literária e que reproduzimos na página 381 do tomo II da primeira edição da Correspondência.

4 Viu-se pela carta de Buffon à M. Amelot de 26 de junho de 1780, que ele estava nessa data, correspondendo com Catherine II e que lhe enviava suas obras.

As memórias de Bachaumont anunciavam assim, no dia 5 de fevereiro de 1782, os presentes e a carta da Imperatriz. “M. o conde de Buffon tendo tido a ocasião de enviar suas obras à czarina, esta magnífica soberana deu-lhe em troca a coleção de medalhas de seu reino em ouro, presente de cerca de 40.000 libras. Ela traz anexa uma carta encantadora, e o filósofo muito galante respondeu com uma de agradecimento no gênero daquela que se viu há um ano endereçada à Madame a condessa de Genlis, porém proporcional à ilustre heroína”.

Era, diz Humbert Bazile, um magnífico presente onde o trabalho da arte não cedia em nada à riqueza do metal. Quando a caixa foi levada ao Jardim do Rei, M. de Buffon encarregou-me de abrir seus olhos. As medalhas estavam fechadas em duas grandes caixas de marroquim verde com filetes de ouro. O interior era guarnecido de veludo escarlate. Eram em número de cinqüenta de inegável grandeza; a viagem havia alterado algumas, mas foram imediatamente substituídas.

Com efeito, Catherine II escrevia à Grimm no dia 15 de fevereiro: “Eu estou muito aborrecida que o medalheiro de M. de Buffon tenha chegado em mau estado. Se eu soubesse quais medalhas sofreram avaria enviaria as duplicatas. Encontrareis em anexo minha resposta à carta deste homem ilustre. Se ela estiver bem na vossa opinião vós a entregareis. O busto será bem-vindo e o filho de M. de Buffon também.”

5 Catherine II tinha anexado a essa remessa seu retrato sobre uma caixa de rapé, de ouro enriquecida de diamantes. “Em 1794, diz ainda Humbert Bazile, eu me torno possuidor dessa preciosa jóia. Eis em quais circunstâncias: O Conde de Buffon filho sendo morto no cadafalso, seus bens foram confiscados pela Nação, e seus móveis vendidos revolucionariamente. Em Montbard, um senhor Touzet havia sido delegado pelo distrito de Semur para presidir à venda. Eu assistia, o coração consternado e vi dispersar e adjudicar a baixo preço e pagar em atribuídos móveis e objetos de arte de um grande valor. Tornei-me comprador de alguns móveis que tinham mais particularmente pertencido à M. de Buffon e que eu não queria ver profanados: sua poltrona, sua secretária, alguns livros. Em uma gaveta que não havia sido aberta encontrava-se a caixa de rapé da imperatriz. Mas em 1815, naquela época em que um estado maior russo ocupava a bigorna de meu pai, cometi a imprudência de mostrar o retrato a um oficial; ele colocou a caixa em seu bolso e partiu.

“Com as medalhas, as peles e o retrato a imperatriz enviou à Buffon uma corrente em ouro maciço, achada nas buscas na Sibéria.” As culturas, as artes, os burgos esparsos dessa região, diz Pallas, são os restos ainda vivos de um império ou de uma sociedade próspera cuja própria história está enterrada com suas cidades, seus templos, suas armas, seus monumentos que é desenterrada a cada passo, em enormes detritos.

7 Rio da Ásia Meridional que sai dos montes Altaï, percorre 6.900 quilômetros e se lança no Obi.

8 A correspondência de Voltaire com Catherine II encerra votos análogos.

9 O público parisiense pôde ver nos primeiros dias de abril de 1788, Buffon sustentado por dois lacaios, fazer seu último passeio no Jardim do Rei, envolto em quentes casacos da imperatriz.

10 Jean-Antoine Houdon, escultor, membro do Instituto, professor na escola de belas artes, nascido em 20 de março de 1741, morto em 15 de julho de 1828, aluno de Pigalle, que o superou, autor da estátua do santo Bruno

em Santa Maria dos Anjos em Roma, estátua que fazia ao papa Clemente XIV que “se a regra da sua ordem não prescrevesse o silêncio ele falaria” do Écorché, de uma Diana caçadora para a imperatriz Catherine II, da bela estátua de Voltaire no lar dos franceses, deste de Tourville e de Washington, do qual ele havia sido hóspede em Filadélfia, dos bustos de Rousseau, Glück e d’Alembert, do príncipe Henri da Prússia, Mirabeau, Napoleão, a imperatriz Joséphine, o marechal Ney, etc. Ele fez o busto de Catherine II ao mesmo tempo que aquele de Buffon. Sua mulher, conhecida por sua beleza e seu espírito, traduziu em francês o romance inglês de Dalmour.

“O busto de Buffon por Houdon, diz Hérault de Séchelles, é aquele que me pareceu o mais semelhante; mas o escultor não pôde tornar espessas as sobrancelhas que escurecem os olhos negros muito ativos, sob belos cabelos brancos. Ele os havia ondulado quando eu o vi embora estivesse doente...

Eu vi uma bela figura, nobre e calma. Apesar de sua idade de setenta e quatro anos, dar-se-ia a ele apenas cinqüenta, e, o que há de mais singular é que tendo passado dezesseis noites sem fechar o olho, ele estava descansado como um jovem e tranqüilo quanto saudável. Foi-me assegurado que tal era o seu caráter; jamais rabugice, jamais impaciência; toda sua vida dedicou em parecer superior à dor.”

“Vi, antes que fosse enviado à Rússia, diz a seu turno Humbert Bazile, o busto de M. Houdon. Cada um pretende rivalizar-se, seja durante a vida de M. de Buffon, seja a partir de sua morte; foi o mais semelhante; mas o escultor não pôde traduzir a harmonia desta nobre fisionomia com as vastas sobrancelhas arqueadas, os olhos sempre em movimento, os cabelos brancos e sedosos.”

Temos inutilmente procurado na Rússia o busto de Buffon. A Galeria de M. Gatteau, do Instituto, em parte destruída pelos incêndios da Comuna, possuía uma intensa beleza. Foram moldados alguns exemplares somente para sua família e seus amigos. Possuímos aquele que estava reservado à Buffon, e diante do qual Mme Nadault, vertendo sua dor em uma carta à Mme Necker em 29 de abril de 1788, dizia-lhe: “É aos pés de sua imagem querida que eu vos escrevo”. Mme Necker escrevia por sua vez à Mme Nadault: “Coloquei o seu busto em um lugar solitário; lá recolherei suas dádivas e suas preciosas cartas, e ali, se o peso dos anos e os escárnios da juventude vierem me humilhar em meus últimos dias, irei me recordar que fui, no entanto, amada por M. de Buffon e as lágrimas que derramarei sobre seu mármore, vivo para mim, assegurar-me-ão muito, ai de mim, que minha glória não foi um sonho.”

Além dos bustos de Houdon e de Pajou e aqueles localizados no Instituto e na Escola Normal Superior, na Biblioteca Nacional e em quase todas as bibliotecas de Paris, ao museu de Dijon, etc, foi feito nestes últimos tempos um grande número de bustos e estatuetas de Buffon em todas as dimensões, em mármore, marfim e bronze, notadamente para decorar pêndulos, tinteiros e papéis impressos.

11 Ver sobre a hospitalidade feita por Joseph II ao filho de Buffon, a carta de 23 de janeiro de 1782 à condessa de Grisondi.

12 A vontade de Buffon não foi respeitada. Com sua morte o medalheiro de Catherine II não retornou a Paris, à Montbard, e não figura em nenhum dos inventários lavrados nessa data em Montbard e no Jardim do Rei. Desconfiou-se, sem provas, ter o filho de Buffon trocado na Inglaterra as ricas medalhas por cavalos de sangue. “Depois da morte trágica do filho de meu benfeitor, diz Humbert Bazile, essas medalhas desapareceram e supôs-se terem sido disponibilizadas.

“Não é mais verossímil que se tão rico estojo não foi reencontrado na retirada dos selos revolucionariamente colocados em seu domicílio é que nesse tempo de rapto, desordem e impunidade, uma mão estrangeira o haverá saqueado. Gostaria de vê-las figurar no gabinete de medalhas da Biblioteca do Rei.”

Catherine II respondeu à Buffon

Sua carta, inserta por Grimm na correspondência literária, foi-nos igualmente conservada por Humbert Bazile.

A cópia que damos aqui foi tomada dos arquivos do Ministério dos Negócios estrangeiros da Rússia.

“São Petesburgo, 5 de fevereiro de 1782.

Senhor conde de Buffon, acabo de receber, através de M. o barão de Grimm, a carta que bem quisestes me escrever, em data de 14 de dezembro do ano passado.

Ninguém tinha mais direito que vós, senhor, de estar revestido das peles da Sibéria. Vossas Épocas da natureza deram a meus olhos um novo realce a estas províncias em que os faustos têm estado tão longo tempo mergulhados no esquecimento o mais profundo. Pertenceram apenas ao gênio ornado de tão grandes conhecimentos, de adivinhar por assim dizer o passado, de apoiar suas conjeturas de fatos indiscutíveis, e de ler a história dos países e aquela das artes no livro imenso da natureza. (tradução nossa).

“As medalhas cunhadas do metal que nos fornecem os versos poderão um dia servir para constatar se as artes degeneraram lá onde nasceram. O que há de verdade, é que, enquanto eram cunhadas, o objeto que está em sua posse não encontrou imitadores aqui.

“Que os zibelinos conservem vossa saúde, senhor, até o momento em que eles se habituarão aos climas moderados; que vosso busto trabalhado por Houdon, venha do Norte onde vós tendes colocado o berço de tudo

ANEXO E - Cartas no período de 1728-1754

| Temas políticos | De Rousseau | Para Rousseau |
|------------------------------|----------------|------------------|
| Pátria | 16 | 3 |
| Liberdade | 30 | 3 |
| Política em geral | 10 | 1 |
| Notícias públicas | 12 | 6 |
| Diplomacia | 18 | 7 |
| | | |
| Temas sociais | | |
| Sociedade em geral | 37 | 3 |
| Justiça | 13 | 2 |
| Igualdade | 29 | 1 |
| Ascensão social | 16 | - |
| Profissão-métier | 7 | 1 |
| Classes sociais | 21 | 2 |
| Ordres ou Etats | 17 | 1 |
| | | |
| Temas econômicos e dinheiro | 64 | 10 |
| | | |
| Temas culturais | | |
| Filosofia | 14 | 1 |
| Literatura em geral | 43 | 4 |
| Leituras e fontes literárias | 13 | 1 |
| Teatro | 12 | 2 |
| Música | 24 | 3 |
| Religião | 14 | 2 |
| Moral | 15 | - |
| Ciências | 10 | 2 |
| Educação | 5 | - |
| | | |
| Temas pessoais | | |
| Mulheres | 7 | - |
| Justificação-culpa | 20 | 2 |
| Sentimento | 18 | - |
| Amizade | 17 | - |
| Família | 12 | 1 |
| Amor | 10 | - |
| Diversos | 12 | 1 |

o que a natureza, em sua primeira força, produziu de maior e de mais notável; que M. vosso filho o acompanhe, ele será testemunha do renome de seu pai e da estima muito distinguida que lhe devoto.
Catherine

De novembro de 1768 a maio de 1778 são mais de 380 cartas; 4/5 escritos antes de 1774

| Temas políticos | de Rousseau | Para Rousseau |
|---|----------------|------------------|
| Pátria | 09 | 1 |
| Liberdade | 04 | 2 |
| Política em geral | 11 | 1 |
| Temas sociais | | |
| Sociedade em geral | 46 | 6 |
| Justiça | 14 | - |
| Igualdade | 07 | - |
| Profissão – métier | 05 | - |
| Classes sociais | 08 | 1 |
| Ordres ou Etats | 09 | - |
| Relatos sociais e relações de Rousseau com grupos Sociais | 59 | 10 |
| Temas econômicos e dinheiro | | |
| 47 | - | |
| Temas culturais | | |
| Filosofia | 05 | - |
| Literatura (obras) | 31 | 7 |
| Leituras | 36 | 2 |
| Teatro | 05 | 1 |
| Musica | 21 | - |
| Religião | 06 | 1 |
| Moral | 26 | 2 |
| Ciências, botânica e medicina | 100, 14, 06 | 1 |
| Educação | 21 | 1 |
| Belas artes | 5 | - |
| Temas pessoais | | |
| Justificação, complô, perseguição | 30 | 10 |
| Doença, saúde | 36 | 03 |
| Amizade | 132 | 13 |
| Família | 46 | 03 |
| Outros temas | 07 | 04 |

FONTE: LAUNAY. 1969, p.227, 229 e 234.

ANEXO F – Carta de Voltaire a Rousseau de 30.08.1755

Tradução de Miguel Duclós

Recebi, senhor, vosso novo livro contra o gênero humano, e vos agradeço por isso. Vós agradareis aos homens, sobre quem fala vossas verdades, e não os emendará. Ninguém poderia pintar um quadro com cores mais fortes dos horrores da sociedade humana, para os quais nossa ignorância e debilidade têm tanta esperança de consolo. Ninguém jamais empregou tanta vivacidade em nos tornar novamente animais: pode-se querer andar com quatro patas, quando lemos vossa obra. Entretanto, como já faz mais de sessenta anos que perdi este costume, percebo, infelizmente, que é impossível recomeçar, e deixo essa maneira natural àqueles que são mais dignos que vós e eu. Já não posso mais embarcar para encontrar os selvagens do Canadá, em primeiro lugar, porque as doenças de que sofro me prendem ao redor do maior médico da Europa, e não encontraria a mesma assistência junto aos Missouris. Em segundo, porque a guerra está sendo travada lá naquele país, e o exemplo de nossas nações tornou os selvagens quase tão perigosos quanto nós. Devo me limitar a ser um selvagem pacífico, na solidão que escolhi, perto de vossa pátria, onde vós devíeis estar.

Concordo convosco que a literatura e as ciências causaram ocasionalmente muitos danos. Os inimigos de Tasso fizeram de sua vida uma longa série de infortúnios. Os de Galileu fizeram-no gemer dentro da prisão, aos setenta anos de idade, por haver entendido como a Terra se movimenta; e o que é ainda mais desonroso, obrigaram-no a desdizer-se. Desde que vossos amigos começaram a publicar o Dicionário Enciclopédico, os rivais os desafiam com o tratamento de deístas, ateus e mesmo de jansenistas.

Se porventura eu puder me incluir entre aqueles cujos trabalhos não trouxeram mais do que a perseguição como única recompensa, poderei mostrar-vos o tipo de gente perseguidora que me prejudica desde que produzi minha tragédia Édipo; uma biblioteca de calúnias ridículas impressas contra mim. Um ex-padre jesuíta, que salvei da desgraça total, me pagou o serviço que lhe prestei com um libelo difamatório; um homem, ainda mais culpado, imprimiu minha própria obra sobre o século de Luís XIV com notas nas quais a mais crassa ignorância vomitou as mais baixas imposturas; outro, que vendeu a um editor, usando meu nome, alguns capítulos de uma pretensa História Universal; o editor, ávido o suficiente para imprimir esse amontoado de erros crassos, datas erradas, fatos e nomes mutilados; e, finalmente, os homens covardes e vis o suficiente para me responsabilizar pela publicação desta rapsódia. Eu mostrar-vos-ei a sociedade contaminada por este tipo de homens - desconhecido em toda a antiguidade - que, não podendo abraçar uma profissão honesta, seja de trabalho manual ou de serviço, e desafortunadamente sabendo ler e escrever, se tornam agentes literários, vivem de nossas obras, roubam os manuscritos, alteram-nos, vendem-nos. Eu poderia lamentar-me porque fragmentos de uma zombaria, feitos há pelo menos trinta anos, sobre o mesmo sujeito que Chapelain foi burro o bastante para tratar seriamente, circulam hoje pelo mundo, graças à traição e avareza desses infelizes, que misturaram suas grosserias às minhas pilhérias, e

preencheram as lacunas com uma estupidez equiparada somente à sua malícia e que, ao cabo de 30 anos, vendem por toda parte um manuscrito que é apenas deles, e digno tão somente deles.

Eu poderia acrescentar, em último lugar, que roubaram uma parte do material que eu juntei nos arquivos públicos para usar na História da Guerra de 1741, quando era historiador da França; que venderam a uma livraria de Paris esse fruto de meu trabalho; que nessa época invejaram minhas posses, como se eu estivesse morto e pudessem colocá-las à venda. Eu poderia mostrar a ingratidão, a impostura e o roubo me perseguindo por quarenta anos, do pé dos Alpes ao pé do meu túmulo. Mas o que eu concluiria de todos esses tormentos? Que não tenho o direito de reclamar; que o Papa, Descartes, Bayle, Camões e centenas de outros sofreram injustiças iguais, ou ainda maiores; que este destino é o de quase todos daqueles que foram inteiramente seduzidos pelo amor às letras.

Admita, senhor, que estas coisas são pequenas desgraças particulares de que a sociedade pouco se apercebe. Que importa para a humanidade que alguns zangões roubem o mel de poucas abelhas? Os homens das letras fazem grande estardalhaço de todas estas pequenas querelas, enquanto o resto do mundo ou os ignora ou disso gargalha.

De todos os desgostos afetando a vida humana, esses são os menos graves. Os espinhos ligados à literatura, ou um pouco menos de reputação, são flores quando comparados aos outros males que a todo o momento inundam a terra. Admita que Cícero, Varrão, Lucrécio ou Virgílio não tiveram a menor culpa nas proscricções. Mário era um ignorante, Sila, um bárbaro, Antônio, um crápula, o imbecil Lépido leu um pouco de Platão e Sófocles; enquanto Otávio César, covardemente apelidado de Augusto, esse tirano sem coragem, agiu apenas como um assassino detestável no momento em que privou a sociedade dos homens de letras.

Admita que Petrarca e Boccaccio não fizeram nascer os problemas da Itália; que as brincadeiras de Marot não produziram São Bartolomeu, e que a tragédia de Cid não produziu a guerra da Fronde. Os grandes crimes são cometidos apenas pelos grandes ignorantes. O que faz e fará sempre deste mundo um vale de lágrimas é a avidez e o indomável orgulho dos homens, desde Thamas-Kouli-Kan, que não sabia nem ler, até um oficial de alfândega, que não sabe nem contar. As letras alimentam, endireitam e consolam a alma; elas vos servem, senhor, durante o tempo que escreveis contra elas. Vós sois como Aquiles, que se encolerizava contra a glória, e como o padre Malebranche, que, com sua imaginação brilhante, escrevia contra a imaginação.

Se alguém tem o direito de queixar-se da literatura, sou eu, porque em todos os momentos e em todos os lugares ela serviu à minha perseguição; mas deve-se amá-la, não obstante o mau uso que dela fazem; como se deve amar a sociedade na qual tantos homens maldosos corrompem os suscetíveis; como deve-se amar a sua pátria, mesmo que ela nos trate

com alguma injustiça; como se deve amar o Ser Supremo, apesar das superstições e do fanatismo que desonram tão freqüentemente o seu culto.

M. Chappuis disse-me que vossa saúde anda muito mal, deveis restabelecê-la na terra natal, aproveitando junto à sua liberdade, beber comigo o leite de nossas vacas, e passear em seus campos.

Muito filosoficamente e com a mais alta estima, etc

Fonte: <<http://www.consciencia.org/carta-a-rousseau-voltaire>>, acesso em 22.11.2008.

ANEXO G – Carta de Rousseau a Voltaire de 10.09.1755

Tradução de Miguel Duclós

Sou eu, senhor, quem tenho de vos agradecer por tanta consideração. Em resposta à generosa oferta que fizestes aos esboços de meus devaneios, eu não creio que tenha uma colocação digna, mas me desembaraço de um dever, e vos presto uma homenagem, que todos nós vos devemos, como nosso líder. Mesmo distante, fico comovido pela honra que concedeis à minha pátria, e compartilho o reconhecimento aos meus concidadãos. Tenho a expectativa que ele tão somente aumentará, enquanto eles se beneficiarem das instruções que vós podereis lhes ceder. Enfeitas o refúgio que vós escolhestes, esclareceis um grupo digno de vossas lições, e sabereis que, se pintar bem as virtudes e a liberdade, aprenderemos a amá-las pelos costumes assim como amamos pelos vossos escritos. Tudo que de vós se aproxima aprende convosco o caminho da glória e da imortalidade.

Vereis que eu não aspiro nos fazer regressar à animalidade, embora eu, de minha parte, muito lamente o pouco que dela perdi. Ao vosso respeito, senhor, este retorno seria um milagre tão grande que somente Deus poderia fazê-lo, e tão prejudicial que somente o Diabo poderia querê-lo. Não tente, então, recair nas quatro patas, pois nenhuma pessoa no mundo teria menos sucesso que vós. Vós nos endireitais muito bem sobre nossos dois pés para cessar de se manter sobre os vossos. Eu concordo que todas as desgraças perseguem os homens célebres na literatura, e concordo também acerca dos males inerentes à humanidade, que parecem independentes do nosso vão conhecimento; os homens abriram sobre si próprios tantas causas de infortúnio que, quando o azar desvia a alguém, já não são mais tão felizes. Além disso existe no progresso das coisas uma lição escondida que o vulgo não distingue, mas que não escapa em nenhum detalhe do olho do filósofo, quando este se dedica a refleti-la. Não foi Terêncio, Cícero, Virgílio ou Sêneca que causaram os crimes dos romanos ou as desgraças de Roma. Mas sem o veneno lento e secreto que corrompeu gradualmente o mais poderoso governo que a história faz menção, nem Cícero, nem Lucrecio, nem Salústio, nem todos os outros teriam existido, nem sequer escrito. O agradável Século de Lélío e Terêncio conduziu de longe ao século brilhante de Augusto e de Horácio, e por fim aos séculos horríveis de Sêneca e de Nero, de Tácito e Domitian. A inclinação para as ciências e as artes nasce em um povo através de um vício interior que, por sua vez, aumenta rapidamente, e se é verdade que todos os progressos humanos são perniciosos à espécie, também é que a vivacidade e conhecimento aumentam o nosso orgulho e multiplicam nossos distúrbios, acelerando rapidamente nossas desgraças. Mas chegará um tempo em que ele necessariamente

terá de parar de aumentar: é este o ferro que é necessário deixar na ferida, o medo que aflige a vítima não cessará lhe arrancando.

Quanto a mim, se tivesse seguido minha primeira vocação, e não houvesse nem lido, nem escrito, seria sem dúvida mais feliz. No entanto se as letras estivessem hoje apoiadas no vazio, eu seria privado do único prazer que me resta. É no seu seio que consolo-me de todos meus males. É em meio aos seus ilustres filhos que experimento as doçuras da amizade, que aprendo a desfrutar a vida e desprezar a morte. Eu lhe devo o pouco que sou, eu lhe devo mesmo a honra de ter vos conhecido. Mas consideremos a nossa questão, e a veracidade de nossos escritos: por que têm de esclarecer o mundo e conduzir seus cegos habitantes os filósofos, os historiadores, e os verdadeiros sábios, se, como bem disse o sábio Mêmnon, eu não conheço nada tão louco quanto um grupo de sábios? Admita então, senhor, que se é bom que os grandes gênios instruem os homens, também falta que os vulgos recebam suas lições. Se cada um se meter a ministrá-las, quem serão os que irão recebê-las? Os mancos, disse Montaigne, são inapropriados para o exercício do corpo, e as almas mancas são para os exercícios do espírito. Mas nesse século sábio não vemos mais do que mancos querendo ensinar os outros a andar.

As pessoas aceitam os escritos dos sábios para lhes criticar, e não para se instruir. Jamais vimos tantos Dandins; o teatro em efervescência, os cafés ressonando suas sentenças, que superabundam em seus escritos, e eu me inclino a analisar o Orphelin, porque o aplaudiram, com tamanho pedantismo que, de tão incapaz de lhe apontar os defeitos, mal aprecio suas belezas.

Pesquisemos a primeira causa de todas as desordens da sociedade, descobriremos que males dos homens lhes vêm mais pelo erro do que da ignorância e o que nós não sabemos nos prejudica muito menos do que o que nós julgamos saber. Ora, qual o meio mais certo para correr do que a fúria de tudo querer saber? Se não se pretende saber que a terra gira, não se pode punir Galileu por haver dito que ela gira. Se apenas os filósofos reclamaram o título, a Enciclopédia pode não ter tido perseguidores, se cem homenzinhos não aspirassem à glória, você gozaria agradavelmente da vossa, ou pelo menos teria apenas adversários dignos de vós. Então não existe muita surpresa em se sentir alguns espinhos inseparáveis das flores que coroam os grandes talentos. As injúrias de vossos inimigos são o cortejo de vossa glória, como nas aclamações satíricas em que se aclamavam os vencedores. É o entusiasmo que o público tem por vossos escritos que produz os roubos de que vós vos queixais; mas as falsificações não são fáceis, porque nem o ferro nem o chumbo misturam-se ao ouro.

Permita-me que vos diga o apreço que tenho pela vossa resposta e à nossa instrução: desprezais os clamores vãos pelos quais procuram menos fazer-vos mal do que afastar-vos de fazer bem. Quanto mais vos criticam, mais devem vos admirar. Um bom livro é uma resposta terrível à uma malvada injúria. Ei! Quem ousaria atribuir-vos escritos que não são seus, enquanto continuardes a fazer escritos inimitáveis? Estou sensibilizado pelo vosso convite, e se este inverno me deixar em condições de ir na primavera à minha pátria, tirarei proveito de vossa bondade. Mas então gostaria mais de beber o a água de vossa fonte do que o leite de vossas vacas. E quanto às plantas de vosso jardim, eu temo não encontrar senão a lótus que não é mais que a pastagem dos animais, ou a moli [planta mágica na mitologia grega que é a antítese do lótus] que impede os homens de evoluir.

De todo o coração e com respeito, etc

J-J Rousseau, cidadão de Genebra.

Fonte: <<http://www.consciencia.org/rousseau-carta-a-voltaire-1755>>, acesso em 22.11.2008.